



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



PAULA FABIANA MELO CARDOSO MARTINS

**TRANSPOSIÇÕES DE SIGNIFICADOS NO VÍDEO-DICIONÁRIO *ONLINE*  
*VIDTIONARY.COM***

TERESINA - PI  
2023

PAULA FABIANA MELO CARDOSO MARTINS

**TRANPOSIÇÕES DE SIGNIFICADOS NO VÍDEO-DICIONÁRIO *ONLINE*  
*VIDTIONARY.COM***

Dissertação apresentada à banca de avaliação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, na área de Concentração: Linguagem e Cultura, Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem: descrição e ensino.

**Orientadora:** Profa. Dra. Giselda dos Santos Costa.

TERESINA - PI  
2023

M379t Martins, Paula Fabiana Melo Cardoso.  
Tranposições de significados no vídeo-dicionário *online vidtionary.com* /  
Paula Fabiana Melo Cardoso Martins . - 2023.  
103 f.: il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,  
Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Mestrado Acadêmico em  
Letras, *Campus* Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2023.  
“Área de Concentração: Linguagem e Cultura.”  
“Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem: descrição e ensino.”  
“Orientadora: Profa. Dra. Giselda dos Santos Costa.”

1. Multimodalidade. 2. Dicionário *online*. 3. Gramática de transposição.  
4. Construção de significado. I. Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

## TERMO DE APROVAÇÃO

TRANSPOSIÇÕES DE SIGNIFICADOS NO VÍDEO-DICIONÁRIO ONLINE  
VIDTIONARY.COM

PAULA FABIANA MELO DE CARDOSO MARTINS

Esta dissertação foi defendida às 15:00h, do dia 29 de Março de 2023, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Professora Dra. Giselda dos Santos Costa– UESPI  
Orientadora

---

Professor. Dr. Francisco Wellington Borges Gomes– UESPI  
Membro interno

---

Professora. Dra. Beatriz Gama Rodrigues– UFPI  
Membro externo

---

Professor. Dr. Franklin Oliveira Silva– UESPI  
Membro interno (Suplente)

Visto da Coordenação:

---

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que é a base de tudo na minha vida, e por ter me dado forças para que eu não desistisse desse meu projeto que veio em um momento tão difícil para mim.

A Wesley Martins (*in memoriam*) por todo o amor, apoio e incentivo na minha vida acadêmica e pessoal, e por me ensinar que devemos sempre comemorar toda conquista. Obrigada pelos gratificantes, ainda que breves, momentos que pudemos partilhar. Saudades eternas!

Ao meu pai, Gregório Cardoso (*in memoriam*) por ser meu exemplo de determinação, positividade e coragem nessa vida tão cheia de contratempos. Saudades eternas!

À minha mãe, Socorro Melo, pelo apoio na minha vida, particularmente, nesta caminhada acadêmica, cuidando de mim com tanto amor e carinho para que tudo estivesse bem.

À minha irmã, Ana Flavia, cuja existência me traz uma alegria imensa e por ser meu exemplo de força. E ao cunhado Leandro Rodrigues, pela amizade em todos os momentos.

Às crianças, Théó e João Guilherme, por curarem qualquer tristeza com suas gargalhadas.

Ao meu irmão, Fabio Cardoso, e à minha cunhada, Gerliane, pelos encontros regados de ótimas conversas e vinho.

Às minhas amigas Ithayara, Erika, Daniele e Thalita, pela valiosa amizade e por deixarem mais leves as angústias da vida.

A Nielson, pelos novos caminhos trilhados cheios de leveza e equilíbrio. Obrigada por ser tão atencioso, cuidadoso e compreensivo! Agradeço por tudo e por tanto!

À Giselda Costa, pela confiança e oportunidade de engrandecimento acadêmico com os momentos de orientação.

Às amigadas conquistadas na turma 11 do mestrado da UESPI, em especial, Edilanny, Genilda e Kalinka, por dividirem comigo as angústias e as alegrias nesse período.

A todos os professores e professoras do PPGEL, pela dedicação em transmitir o conhecimento.

Agradeço ao professor Doutor Francisco Wellington e à professora Doutora Beatriz Gama, por terem participado da minha banca e pelas valiosas contribuições.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o alcance desta realização.

**Gratidão!**

## RESUMO

Devido à evolução da tecnologia digital, as representações em dicionário *online* ganharam novas formas de compor significado, usando da imbricação de vários modos, além do verbal, para definir vocábulos. É a partir dessa integração de modos que se baseia a multimodalidade, fenômeno amplamente visualizado na comunicação atualmente. É com base nisso que esta pesquisa se propõe a estudar um vídeo-dicionário *online* e os aspectos multimodais usados na construção de seus verbetes. Justifica-se a relevância dessa pesquisa por estarmos em uma era digital e multimodal em que os suportes de dicionários também estão acompanhando essas transformações nas suas formas de representar e comunicar significados, bem como pelo fato de haver um número reduzido de investigações no campo da lexicografia eletrônica e multimodalidade, principalmente de obras lexicográficas que se encontram no ambiente *online*. A problemática central está no interesse em conhecer como o dicionário *online* pode estender suas definições para além da forma verbal escrita, integrando outros meios semióticos na composição de seus significados como os elementos pictóricos dinâmicos, áudio, hiperlinks, vídeos, bem como a associação de diferentes modos. Em vista disso, norteiam-se esses questionamentos: Quais são as formas de significado usadas na representação de verbetes multimodais em dicionário *online*? e Como as variadas formas de significado contribuem para transmitir significado em um dicionário multimodal? A partir disso, tem-se como objetivo geral elucidar as formas de representação nas definições dos verbetes multimodais no vídeo-dicionário *online* de língua inglesa *vidtionary.com* para a construção de significado. Como objetivos específicos, propomos: a) Identificar as formas de significado presentes nos verbetes; b) Descrever a representação das formas presente nos verbetes multimodais com base na função referência; c) Expor sinteticamente como as formas de significado se integram para significar nos verbetes multimodais. Para tanto, esse estudo descritivo de natureza qualitativa tem como base os teóricos GNL (1996), Kress (2003), Rojo e Moura (2019) e Sirazova (2020) nos estudos dos Multiletramentos e Multimodalidade. Schryver (2003), Lew (2011), Lew e Schryver (2014) e Dash (2017), no conceito de tipologia e dicionário eletrônico e verbetes multimodais, Cope e Kalantzis (2020) sobre a teoria da Gramática de Transposição. O *corpus* é composto por nove verbetes retirados do dicionário em vídeo *vidtionary.com* que está instalado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.vidtionary.com/>. Elege-se como categorias de análise a identificação e classificação das formas de significado dentro da função referência e seus processos a fim de conhecer o que está sendo comunicado a partir das representações segundo a gramática de transposição de Cope e Kalantzis (2020). Presume-se que as formas que se constituem nos verbetes multimodais oferecem maior significação às definições por meio do seu modo de comunicar e “recomunicar” significado.

**Palavras-chave:** Multimodalidade; Dicionário *online*; Gramática de Transposição; Construção de significado.

## ABSTRACT

Due to the evolution of digital technology, online dictionary representations gained new ways of composing meaning, using imbrication in various ways, besides to verbal, to define words. It is from this integration of modes that multimodality is based, a phenomenon widely seen in communication today. On this basis, this research proposes to study an online video dictionary and the multimodal aspects used in the construction of its entries. The relevance of this research is justified because we are in a digital and multimodal era in which dictionary applications are also following these transformations in their ways of representing and communicating meanings and also because there is a reduced number of investigations in the field of digital lexicography and multimodality, mainly of lexicographical works found in the online environment. The central problem is the interest in knowing how the online dictionary can extend its definitions beyond the written verbal form, integrating other semiotic means in the composition of its meanings, such as dynamic pictorial elements, audio, hyperlinks, videos, as well as the association of different modes. In view of this, these questions are asked: What are the forms of meaning used in the representation of multimodal entries in an online dictionary? and How do the various forms of meaning contribute to conveying meaning in a multimodal dictionary? From this, the general objective is to elucidate the forms of representation in the definitions of multimodal entries in the online video dictionary of the English language vidtionary.com for the construction of meaning. As specific objectives, we propose: a) Identifying the forms of meaning present in the entries; b) Describing the representation of forms present in multimodal entries based on the reference function; c) Summarising how the forms of meaning are integrated to signify multimodal entries. Therefore, this descriptive qualitative study is based on the theorists such as GNL (1996), Kress (2003), Rojo and Moura (2019) and Sirazova (2020) on multiliteracies studies and multimodality. Schryver (2003), Lew (2011), Lew and Schryver (2014) and Dash (2017), on the concept and typology of electronic dictionary and multimodality in entries. And Cope and Kalantzis (2020) on the theory of Transposition Grammar. The corpus consists of nine entries taken from the video dictionary vidtionary.com which is installed at the following electronic address: <http://www.vidtionary.com/>. The identification and classification of forms of meaning within the reference function and its processes are chosen as categories of analysis in order to know what is being communicated from the representations according to the transposition grammar of Cope and Kalantzis (2020). It is assumed that the semiotic forms that constitute the multimodal entries offer greater meaning to the definitions through their way of communicating and 'recommunicating' meaning.

**Keywords:** Multimodality; Dictionary Online; Transposition Grammar; Construction of meaning.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Metalinguagem para descrever e interpretar textos com elementos de diferentes modos de significar com base em GNL (1996) .....	22
<b>Figura 2</b> - Representação de significado através de modos verbais.....	29
<b>Figura 3</b> - Definição verbete da entrada research.....	31
<b>Figura 4</b> - Definição multimodal lexicográfica para dicionários eletrônicos.....	32
<b>Figura 5</b> - Verbetes da entrada toothbrush no dicionário online visualdictionary.com.....	34
<b>Figura 6</b> - Verbetes da entrada kneel no dicionário online vidtionary.com.....	35
<b>Figura 7</b> - Verbetes da entrada smile no dicionário online vidtionary.com .....	36
<b>Figura 8</b> - Movimento de Transposição entre Funções do Significado.....	39
<b>Figura 9</b> - Funções do Significado .....	43
<b>Figura 10</b> - Imagem de uma propaganda utilizando formas de representação multimodal .....	46
<b>Figura 11</b> - Função referência e seus processos .....	49
<b>Figura 12</b> - Imagem da propaganda Autocomplete truth das Nações Unidas.....	51
<b>Figura 13</b> - Página de entrada do dicionário em vídeo vidtionary.com .....	56
<b>Figura 14</b> - Movimento dos dados na análise .....	61
<b>Figura 15</b> - Ant   Vidtionary: A Video Dictionary .....	64
<b>Figura 16</b> - black   Vidtionary: A Video Dictionary .....	68
<b>Figura 17</b> - Bubble   Vidtionary: A Video Dictionary .....	72
<b>Figura 18</b> - apple   Vidtionary: A Video Dictionary .....	75
<b>Figura 19</b> - cliff   Vidtionary: A Video Dictionary .....	79
<b>Figura 20</b> - Anchor   Vidtionary: A Video Dictionary .....	82
<b>Figura 21</b> - circle   Vidtionary: A Video Dictionary .....	86
<b>Figura 22</b> - Ball   Vidtionary: A Video Dictionary .....	89
<b>Figura 23</b> - Airplane   Vidtionary: A Video Dictionary .....	93

## QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Matriz da Gramática do Significado Multimodal .....	45
<b>Quadro 2</b> - Análise das formas de significado na peça multimodal na função referência .....	52
<b>Quadro 3</b> - Quantidade de verbetes organizado por ordem alfabética .....	58
<b>Quadro 4</b> - Primeiro verbete em cada categoria a seguir os critérios para análise .....	59
<b>Quadro 5</b> - Verbetes do corpus a ser analisado especificando a categoria e as formas de significado usadas na representação .....	60
<b>Quadro 6</b> - Formas e Função utilizadas para análise do corpus com base na gramática transposicional de Cope e Kalantzis (2020) .....	62
<b>Quadro 7</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada Ant (formiga) com base na função Referência .....	66
<b>Quadro 8</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada <i>black</i> (cor preta) com base na função referência e seus processos .....	70
<b>Quadro 9</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada bubble (bolha) com base na função referência e seus processos .....	74
<b>Quadro 10</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada Apple (maçã) com base na função referência e seus processos .....	78
<b>Quadro 11</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada cliff (penhasco) com base na função referência e seus processos .....	80
<b>Quadro 12</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada anchor (âncora) com base na função referência e seus processos .....	85
<b>Quadro 13</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada Circle (Círculo) com base na função referência e seus processos .....	88
<b>Quadro 14</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada Ball (bola) com base na função referência e seus processos .....	92
<b>Quadro 15</b> - Sumarização da análise do verbete da entrada airplane (avião) com base na função referência e seus processos .....	95

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Do letramento aos Multiletramentos .....</b>	<b>14</b>
2.1.1 Letramento digital .....	18
2.1.2 Multimodalidade.....	21
<b>2.2 Dicionário: eletrônico, digital ou <i>online</i> .....</b>	<b>24</b>
2.2.1 Representações de Verbetes em Dicionário <i>online</i> .....	28
<b>3 TRANSPOSITIONAL GRAMMAR: GRAMÁTICA DA MULTIMODALIDADE.....</b>	<b>36</b>
<b>3.1 <i>Transpositional Grammar</i>.....</b>	<b>37</b>
3.1.1 Formas de Significado .....	38
3.1.2 Funções de Significado.....	42
<b>4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1 Caracterização da pesquisa .....</b>	<b>54</b>
<b>4.2 Escolha do objeto de estudo.....</b>	<b>55</b>
<b>4.3 Procedimento de seleção <i>corpus</i> .....</b>	<b>57</b>
4.3.1 Coleta de dados .....	57
<b>4.4 Procedimentos de análise dos dados .....</b>	<b>60</b>
4.4.1 Condensação dos dados .....	61
4.4.2 Exibição dos dados .....	62
4.4.3 Conclusão e Verificação .....	63
<b>5 DESCRIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS VERBETES MULTIMODAIS</b>	<b>64</b>
<b>5.1 Vídeo-verbete da entrada <i>ant</i> (formiga) .....</b>	<b>64</b>
<b>5.2 Vídeo-verbete da entrada <i>black</i> (preto).....</b>	<b>67</b>
<b>5.3 Verbetes da entrada <i>bubble</i> (bolha).....</b>	<b>71</b>
<b>5.4 Verbetes da entrada <i>apple</i> (maçã) .....</b>	<b>75</b>
<b>5.5 Verbetes da entrada <i>cliff</i> (penhasco) .....</b>	<b>79</b>
<b>5.6 Vídeo-verbete da entrada <i>anchor</i> (âncora) .....</b>	<b>81</b>
<b>5.7 Vídeo-verbete da entrada <i>circle</i> (círculo) .....</b>	<b>86</b>
<b>5.8 Vídeo-verbete da entrada <i>ball</i> (bola) .....</b>	<b>89</b>
<b>5.9 Vídeo-verbete da entrada <i>airplane</i> (avião) .....</b>	<b>93</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As inovações tecnológicas têm proporcionado novas formas de produzir significados mais veementes a partir do final do século XX. Este cenário foi marcado pelo avanço da tecnologia digital e difundido pelo processo da globalização cujas mudanças trouxeram implicações no campo educacional com a criação da teoria dos multiletramentos. Esta perspectiva teórica direciona para dois pontos: o primeiro refere-se à comunicação a partir de diferentes modalidades semióticas para a produção de significados, e o segundo para o desenvolvimento linguístico e cultural cada vez mais diversificado e interconectado (KALANTZIS *et al.*, 2016).

Com isso, observa-se que a linguagem atual privilegia uma variedade de formas semióticas que vão além da modalidade escrita. Os aspectos visuais, táteis, sonoros, entre outros, têm estado em maior evidência nos discursos produzidos e veiculados. Por formas semióticas, Cope e Kalantzis (2020) explicam que se trata de toda ação usada para comunicar-se, podendo ser uma imagem, um símbolo, música, gesto facial, sons de atividade, cores, marcas espaciais ou até mesmo a ausência de algum elemento, ou ainda um ato de fala, uma tabela, uma expressão numérica, entre outros. Assim, cada uma dessas formas pode comunicar individualmente, bem como pode haver a integração. Através disso, encontra-se o fenômeno da multimodalidade, isto é, a produção de significado através da combinação de várias formas comunicacionais. Com isso, esta pesquisa apresenta como tema a multimodalidade na construção de significados em verbetes em um dicionário em vídeo.

A aprendizagem de uma língua requer um processo contínuo de aquisição de vocabulário. Pesquisas (FECHINE, 2013; DUARTE, 2014; SANTOS, 2016; LIU, 2017; NASCIMENTO, 2018; SIRAZOVA, 2020) têm sido feitas a fim de analisar a multimodalidade nos dicionários de aprendizagem, bem como estabelecer as potencialidades da interface semiótica no meio eletrônico como uma maneira eficiente para compreensão do significado da palavra. No cenário atual, podemos dizer que ferramentas de aquisição de conhecimento têm mudado por causa da tecnologia digital que proporciona uma abordagem multimodal em suas representações, isto é, no âmbito da multimodalidade, faz-se possível a combinação de várias formas semióticas para a construção de significado. Diante desse contexto, decidimos investigar como as diferentes formas semióticas se integram de modo a contribuir para a construção de verbetes multimodais em um vídeo-dicionário *online* de língua inglesa.

É sabido que as obras lexicográficas desempenham uma função muito importante na construção letrada dos indivíduos, pois é através delas que podemos conhecer o léxico de uma

língua, seja de uma língua materna ou de uma segunda língua. Diante desse cenário, observamos que com a evolução da tecnologia digital diversos formatos de dicionários têm surgido com diferentes nomenclaturas, tais como os eletrônicos, digitais e *online*. Ainda que apresentem diferença de terminologia, os três modos têm como semelhança o fato de não serem do meio impresso e disporem de características inovadoras proporcionadas pela era digital no âmbito da lexicografia. Nessa perspectiva, essas obras lexicográficas têm funcionado como uma ferramenta essencial para a aquisição de palavras de uma língua, por isso a discussão da natureza multimodal nos dicionários *online* se faz essencial para que novas investigações surjam acerca do objeto de estudo que temos nos debruçado: as diferentes formas de representação em obras lexicográficas no modo *online*.

É importante frisar que a multimodalidade tem causado um impacto na forma da compreensão do significado nos dicionários de modo não-impresso. Segundo Kress e van Leeuwen (2021), para que um texto seja considerado multimodal, é necessário que a sua composição de significado se dê através de mais de uma modalidade semiótica. Assim, a compreensão de palavras através de dicionários era tradicionalmente usada e entendida através da modalidade escrita e visual, contudo, no ambiente multimodal, outras formas de compor significado, como os sons, imagens, gestos, objetos, espaço e fala se integram para formar a significação de um verbete dentro de um ambiente digital, de forma que esses diferentes elementos na composição de definição de um vocábulo possam ser otimizados em dicionários *online* por conta das diversas formas de mídias dispostas nesse espaço.

Diante dessa perspectiva, observamos uma valorização para além da linguagem verbal e impressa no âmbito da multimodalidade, pois passou-se a prestigiar outras formas de comunicar significados em dicionários *online* que demandam uma capacidade de leitura distinta para aquisição da compreensão do vocábulo. Nesse contexto de multimodalidade, há sete formas de representação, segundo a gramática de transposição de Cope e Kalantzis (2020), que são usadas para o ser humano comunicar-se, sejam elas: texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala e também se têm na multimodalidade o resultado de mais de uma forma utilizada simultaneamente na comunicação. Ainda nesta gramática, encontram-se funções que irão expor o que o significado proporciona, como as formas se convertem e produzem sentido. A primeira veiculada por esta teoria, trata-se da função referência, cuja ação está orientada para o conteúdo, sobre o que se está falando. Nesse sentido, esse fenômeno pode ser visualizado em verbetes do vídeo-dicionário *online vidtionary.com*, de língua inglesa, quando se procura por um vocábulo e as formas irão convergir com o objetivo de definir e produzir significado.

Por conta da tecnologia trazida pela nova era digital, além da construção de significados por meio de dicionários digitais que usam da imbricação de diferentes formas de representação para a construção do significado de palavras, a possibilidade da aprendizagem de vocábulos através de ambientes virtuais também se tornou uma vantagem. Esses meios tecnológicos oferecem diversas oportunidades, mas também se faz necessário o desenvolvimento do letramento para aprender a lidar com o ambiente digital e multimodal.

Perante isso, a maior parte dos novos eventos de letramento, nas últimas décadas, advém das atualizações da tecnologia digital, logo, o letramento no ambiente virtual se torna uma prática abrangente que é decorrente também de inovações tecnológicas e, por causa dessa imersão digital em diversos setores da vida moderna, é que faz surgir a necessidade de se conhecer essas práticas letradas em aplicações do domínio tecnológico. Nesse processo, o usuário de materiais lexicográficos digitais desenvolve autonomia e apodera-se em alguma dimensão da compreensão, interpretação e uso desse tipo de obra lexicográfica para a realização das mais diversas proposições que ele participa dentro de sua utilização.

Diante do exposto, esta pesquisa apresenta como problemática central o interesse em conhecer como o dicionário *online* pode estender suas definições para além da forma verbal escrita, integrando outros meios semióticos na composição de seus significados, como os elementos pictóricos dinâmicos, áudio, hiperlinks, vídeos, bem como a associação de diferentes modos. Considerando o que foi apresentado, pretendemos elucidar esses dois questionamentos:

- Quais são as formas de significado (texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala) usadas na representação de verbetes multimodais em dicionário *online*?

- Como as variadas formas de significado contribuem para transmitir significado em um dicionário multimodal?

Dessa forma, pretendemos atingir, nesta pesquisa, o seguinte objetivo geral:

- Elucidar as formas de representação nas definições dos verbetes multimodais no vídeo-dicionário *online* de língua inglesa *vidtionary.com* para a construção de significado.

Como objetivos específicos, propomos:

- a) Identificar as formas de significado presentes nos verbetes;
- b) Descrever a representação das formas presente nos verbetes multimodais com base na função referência da gramática de transposição de Cope e Kalantzis (2020);
- c) Expor sinteticamente como as formas de significado se integram para significar nos verbetes multimodais.

Em nossas pesquisas, encontramos alguns estudos que analisam a multimodalidade em dicionários impressos, porém, observamos que pouco foi investigado sobre a representação

multimodal em dicionários digitais e *online*. Temos conhecimento de dois estudos que abordam a lexicografia eletrônica, em que o primeiro é o de Lew (2011), que explora como a representação multimodal pode se sobressair em dicionários eletrônicos; e o segundo é de Liu (2015), o qual estabelece o novo termo para a maneira de definir uma palavra no meio eletrônico, a saber, definição multimodal. No domínio dos dicionários de modo *online*, encontramos um artigo de Duarte e Pontes (2013), que analisa a metafunção composicional no dicionário *online Merriam-Webster*, com base nos autores Damim (2005), Pontes (2009) e Kress e van Leeuwen (2006).

Ainda que este último trabalho citado tenha o mesmo suporte do nosso objeto de estudo, ou seja, a *internet*, o nosso *corpus* se encontra em uma mídia não explorada por esses autores, isto é, o vídeo. Ademais, direcionamo-nos a explorar as setes formas de representação dos verbetes dentro do contexto da função referência da gramática de transposição dos teóricos Cope e Kalantzis (2020).

Assim, levando em conta os poucos estudos citados na perspectiva da multimodalidade e lexicografia *online*, nossa pesquisa se torna relevante em sua forma prática para estudantes, professores e futuros pesquisadores da análise multimodal e do letramento de obras lexicográficas em páginas eletrônicas da *internet* que buscam conhecimento a partir da integração das formas de representação como um meio de potencializar a maneira de definição dos verbetes multimodais em dicionário *online*. Assim, após a introdução, seguimos para o segundo capítulo, que se trata da revisão de literatura.

No segundo capítulo do presente estudo, está a primeira parte do nosso aporte teórico, o qual se trata, primeiramente, de um estudo criado em 1996 pelo Grupo de Nova Londres, abordando a Pedagogia dos Multiletramentos, que versa sobre como as mudanças sociais, tecnológicas e culturais proporcionaram novas trocas comunicativas e afetaram diretamente os letramentos, o que resultou na criação dessa teoria pedagógica. No que concerne aos estudos de letramento e letramento digital, temos por base autores como Martin (2008), Rojo e Moura (2019) e Sirazova (2020). Discutimos também os estudos dos multiletramentos a partir da perspectiva que abrange o fenômeno da Multimodalidade através de estudos de vários autores que conceituam e exemplificam que a multimodalidade se constitui de “recursos formados culturalmente e socialmente para a produção de significado” (BEZEMER; KRESS, 2008, p. 171).

Em seguida, versamos sobre os estudos do Dicionário com enfoque principal no dicionário de modo não-impresso, e nos amparamos nas discussões de Schryver (2003) sobre o conceito e tipologia de dicionário eletrônico. Lew e Schryver (2014) e Dash (2017), entre

outros, discorrem sobre as terminologias que designam os dicionários de modo não-impresso. Finalizamos o referido capítulo demonstrando como são os verbetes no meio digital, com suas representações, usando de diversos modalidades. Assim, para esta temática, fizemos uso dos trabalhos de Lew (2011; 2013), Adamska-Salaciak (2010), Liu (2017), entre outros.

No terceiro capítulo, destacamos os estudos de Cope e Kalantzis (2020) sobre a gramática de transposição que difere de todas as outras gramáticas já estabelecidas, pois esta é uma gramática para a vida cotidiana (COPE; KALANTZIS, 2020). Tal teoria expõe que os significados estão sempre em movimento, ou seja, há uma transposição entre as formas e funções do significado em toda representação textual. A primeira refere-se às mais diversas linguagens usadas para a comunicação humana, em que discutimos todas as formas semióticas estabelecidas nesta teoria e a multimodalidade entre estas formas. No que concerne às funções, focamos na primeira função, pois ela se direciona para o conteúdo a ser explorado, seu significado, ou seja, o significado da entrada de um verbeito.

No quarto capítulo, refletimos sobre a metodologia adotada, que é pautada em um estudo descritivo de natureza qualitativa. Nessa seção, inicialmente, caracterizamos nossa pesquisa e apresentamos nosso objeto de estudo, o dicionário *online vidtionary.com*, ademais, também discutimos sobre o processo de seleção do *corpus* analisado, com base nas formas de significado e função referência da Gramática de Transposição de Cope e Kalantzis (2020).

No quinto capítulo, evidenciamos nossas análises dos verbetes em vídeo, com base no referencial teórico apresentado nos capítulos 2 e 3, assim como uma síntese a partir da análise e descrição realizada com os dados. Por fim, na última parte textual da pesquisa apresentamos algumas considerações finais, retornamos aos objetivos e às perguntas de pesquisa, buscando respondê-las com base nos achados. Além disso, pontuamos algumas limitações e contribuições desta investigação e sugerimos duas pesquisas futuras. Em seguida, estão as referências.



## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Nesta seção, abordamos a base teórica fundamental para a composição da nossa pesquisa. Primeiramente, exploramos o conceito do letramento e dos multiletramentos criados bem como a evolução da produção de textos ocorridas devido às mudanças tecnológicas, sociais e culturais que culminaram no desenvolvimento da concepção teórico-pedagógica dos multiletramentos. Em seguida, discutimos brevemente sobre o estudo do dicionário, principalmente, sobre as mudanças advindas para esta obra lexicográfica com a revolução digital, de forma que apresentamos seus conceitos e tipologia. Ademais, evidenciamos como se dá a manifestação dos verbetes no ambiente digital, levando em conta os estudos que versam sobre a Multimodalidade.

### **2.1 Do letramento aos Multiletramentos**

Por volta da década de 1980, o conceito de alfabetização para se falar sobre aprendizagem, comunicação e compreensão de uma língua começou a ser revisto por teóricos e passou por mudanças. Segundo Rojo e Moura (2019, p. 15), alfabetizar-se seria “dominar um sistema bastante complexo de representações e de regras de correspondências entre letras (grafemas) e sons de fala (fonemas) numa dada língua”. Nesse sentido, o sujeito alfabetizado seria aquele que teria a capacidade de decodificar e codificar um texto verbal, ao passo que com a falta dessa capacidade o sujeito é considerado analfabeto, e aquele com poucas habilidades para leitura e escrita recebe a denominação de semianalfabeto ou analfabeto funcional.

Contudo, nesta perspectiva teórica, não há relação alguma do sujeito com os contextos sociais, culturais ou históricos, ou seja, a prática da leitura e escrita, nesse momento, estava dissociada da interação entre participantes. Logo, foi nesse cenário conceitual, em meados dessa mesma década, que a alfabetização passa a conviver com outro termo que considera o uso e as práticas sociais da linguagem, reconhecendo sua variedade e diversidade, que é o letramento (ROJO, 2009).

O termo letramento ganha espaço por tratar de um modo mais amplo para o que se resumia à capacidade de leitura e escrita. Soares (1998 apud Rojo ROJO, 2009, p. 96) conceitua letramento como não sendo “[...] pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”

Rajo e Moura (2019) trazem o conceito para alfabetização como o modo de ensinar o código alfabético ao passo que Soares (2006) designa o letramento como a inserção do sujeito em situações sociais e práticas dos mais diversos usos desse sistema alfabético. Essa autora ainda evidencia que os estudos do letramento referenciam aos aspectos sócio-históricos, culturais, econômicos e tecnológicos, levando em consideração não apenas o sujeito alfabetizado, mas todos que estão inseridos dentro de uma comunidade, uma vez que o enfoque dessa teoria está nas práticas sociais dentro de contextos específicos e não no aspecto individual do ser. Assim, para exercer práticas letradas, o indivíduo precisa apoderar-se em alguma dimensão da compreensão, interpretação e uso da leitura e escrita para realização das mais diversas atividades que ele participa dentro do seu cotidiano. Rajo e Moura (2019, p. 17) reconhecem que “dada sua variedade de contextos sociais e culturais, e decorrente multiplicidade de prática, letramentos são legiões”. Tanto para Soares (2003) como para Rajo e Moura (2019), o letramento está relacionado com as mais diversas práticas sociais e culturais de uso da língua nas múltiplas situações do dia a dia. É possível considerar ainda os diferentes níveis de alfabetismo dentro de um grupo, pois todos serão capazes de realizar alguma ação letrada.

Por razão da diversidade de oportunidades que o sujeito se encontra, principalmente, em virtude das mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, os estudos dos novos letramentos se estabelecem no campo da educação e estão interligados às dimensões culturais, sociais e ideológicas, demonstrando a diversidade dos eventos de letramento e exigindo o desenvolvimento de novas habilidades do indivíduo. Com isso, o termo letramento ganha uma pluralidade por abranger práticas diversas na sociedade, ainda que algumas estejam ligadas às estruturas de poder da sociedade e outras sejam concebidas em contextos de natureza particular mais comuns (STREET, 2014).

Nessa mesma perspectiva, Hamilton (2002, p. 04) traz essa diferenciação entre os dois modos de concepção dessas práticas letradas. A autora os denomina como letramentos institucionalizados e letramentos vernaculares, mas não os coloca em eixos opostos, pois afirma que eles podem estar conectados. O primeiro se caracteriza como práticas de letramento que ocorrerão dentro de instituições formais com conhecimentos que são valorizados culturalmente, como a escola, a igreja, o local de trabalho, entre outros, ao passo que letramentos vernaculares não são rigidamente controlados, mas partem de situações cotidianas do indivíduo, como a cultura local.

Uma das principais diferenças dos estudos do letramento em seu modo convencional para o estudo dos novos letramentos se dá pelas transformações ocorridas em todos os campos

da sociedade, principalmente pelas inovações tecnológicas que, conseqüentemente, afetaram a educação, pois, apenas o saber ler e escrever, já não era o suficiente em uma sociedade conduzida pela tecnologia. Dessa forma, era necessário preparar o estudante para os desafios do mundo do trabalho e vida social (GEE, 2004). Novas tecnologias digitais passaram a fazer parte das salas de aula, como filmes, rádios e televisão, do mesmo modo que houve a possibilidade da inclusão de mídias multimodais como os textos, imagens, vídeos e músicas, que proporcionavam uma maior interação e diferentes modos de leitura e produção da linguagem (LANKSHEAR; KNOBEL, 2011).

Muito tem se discutido sobre essas mudanças na concepção de que as práticas de letramento para a contemporaneidade estão relacionadas a uma função social da língua em diversos contextos. Lankshear e Knobel (2011, p. 21) comparam o “ter práticas letradas” com o “ter competência”, “ser proficiente” ou “ser funcional” em dada situação social e ainda colocam como a capacidade de se comunicar mesmo que como emissor ou receptor da mensagem através de diversos signos. Isso mostra que cada letramento acontece em seu contexto específico, com “seus participantes, suas funções, sua linguagem, seu contexto, sua distribuição de poderes” (ROJO; MOURA, 2019, p. 19), de modo que essa redefinição do letramento surgiu como necessidade de dar um significado para os mais diversos aspectos comunicacionais da atualidade, proporcionando a compreensão das mais diversas convenções de comunicação, para ir além da aquisição da linguagem escrita, mas atuar socialmente e criticamente, de forma que ocorra a transformação de suas práticas sociais.

Segundo Gee (1996), é parte essencial para os estudos dos novos letramentos o reconhecimento da diversidade cultural e o estudo de práticas socioculturais multifacetadas em vários contextos. Diante disso, faz-se necessária a aprendizagem de leituras e produção múltiplas que abranjam além da esfera escolar, mas a leitura de vida. É importante o reconhecimento de diversas práticas de letramento que circulam em diferentes esferas do cotidiano do sujeito. Do mesmo modo, é necessário se reconhecer a multiculturalidade e saber que culturas diferentes realizam práticas distintas.

Logo, os estudos para novos letramentos expandem os pressupostos para o letramento educacional. Dentro dessa perspectiva novas formas de representação são levadas em consideração. Aprender uma língua não se restringe mais apenas a textos escritos, mas exige e proporciona uma maior participação do indivíduo em reconhecer as várias possibilidades textuais dentro de diferentes línguas. Com isso, faz-se necessário ir além do saber ler e compreender, mas interpretar a mensagem de forma ampla, reconhecendo tipologias e gêneros textuais, bem como suas finalidades dentro da esfera da vida social. E essa integração entre os

modos semióticos vai demandar um letramento capaz de associar a multissemiosidade dentro de um enunciado.

Um grupo de estudiosos conhecido por Grupo de Nova Londres (GNL), preocupados com as mudanças sociais que estavam evoluindo, enfatizaram que as práticas de letramento precisariam acompanhar essas mudanças. Com isso, destacaram a importância do desenvolvimento de uma pedagogia baseada no letramento frente a essas mudanças linguísticas e socioculturais que estavam ocorrendo. Esta concepção teórica e pedagógica nomeada de Multiletramentos foi cunhada em 1996, no sentido de enriquecer as concepções sobre o letramento de tal maneira que todas as áreas da vida humana estivessem preenchidas (GNL, 1996).

Segundo Cope e Kalantzis (2019), a definição para multiletramentos abrange dois aspectos que envolvem o uso da linguagem hoje. O primeiro é a variabilidade da criação de significado em diferentes contextos, sejam eles culturais ou sociais, enquanto que o segundo aspecto está relacionado ao fato de que o uso da linguagem, atualmente, nasce, em parte, das características das novas mídias de informação e comunicação. No primeiro ponto, vemos que há a substituição dos estudos que tinham como enfoque características monocultural e monolíngue para a abrangência multicultural e que alcançasse também a diversidade linguística, pois com o surgimento de novas tecnologias houve também a possibilidade de conexão entre pessoas de diferentes locais do globo, aproximando culturas e constituindo novas formas de relações sociais. Esses efeitos, conseqüentemente, produziram formas de linguagens inovadoras. O segundo aspecto trata da comunicação multimodal, ou seja, o termo ainda se refere à integração de várias modalidades nas representações textuais.

Em suma, foi nesse mesmo ano que os textos multimodais entraram em maior evidência com a divulgação do manifesto A pedagogia do multiletramento: projetando futuros sociais pelo GNL que refinavam as teorias tradicionais pedagógicas com o alargamento do conceito tradicional do letramento tradicional que estava restrito ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita precisou ser complementado na pedagogia dos multiletramentos, a evolução dos instrumentos pedagógicos que proporcionaram uma integração de outras modalidades além da linguagem verbal nos textos, e a aproximação dos diversos contextos sociais, culturais e linguísticos são a base do aprimoramento desta teoria pedagógica. Logo, em função do uso das tecnologias digitais dentro dos espaços educacionais é que se faz importante o estudo do letramento digital.

### 2.1.1 Letramento digital

A maior parte dos novos letramentos advém das atualizações da tecnologia digital, logo, o letramento no ambiente eletrônico se torna uma prática abrangente que é decorrente também de inovações tecnológicas. De tal modo, por causa dessa imersão digital em diversos setores da vida moderna, é que surgem variados termos que designarão diferentes práticas letradas digitais que foram nomeadas por Martin (2008, *apud* LANKSHEAR; KNOBEL, 2011, p. 23) como “letramento computacional”, “letramento tecnológico”, “letramento informacional”, “letramento midiático”, “letramento visual” e “letramento comunicacional”. Esse autor aponta as mudanças de conceito para esses termos desde a sua construção.

A princípio, o letramento computacional designava apenas o domínio de funções básicas do computador, enquanto que na década de 1990 era necessário ter conhecimento sobre como instalar softwares para estudo, trabalho e lazer, ao passo que com o desenvolvimento tecnológico o conceito se alargava e já compreendia uma ação mais cognitiva em suas práticas, ou seja, integrava uma atitude reflexiva, crítica e inovadora dessa prática social. Nesse sentido, o usuário também precisaria se atualizar conforme novas ferramentas e novas possibilidades de uso se diversificassem, assim o conceito vai se alargando para outro letramento, o digital, que Martin (2008, p. 167) traz como proposta para o entendimento sobre esse letramento:

a consciência, atitude e habilidade dos indivíduos de usar apropriadamente ferramentas e instalações digitais para identificar, acessar, gerenciar, integrar, avaliar, analisar e sintetizar recursos, construir novos conhecimentos, criar mídias de expressões e comunicação com os outros, em um contexto de situações específicas da vida, a fim de permitir uma ação social construtiva; bem como a reflexão sobre esse processo. (MARTIN, 2008, p. 167, tradução nossa<sup>1</sup>).

Essa definição por Martin (2008) traz uma amplitude do que se trata o letramento digital, pois parte desde ações mais técnicas da ferramenta até atitudes reflexivas das diversas práticas sociais da tecnologia de informação e comunicação, visto que todo letramento é uma construção social que proporciona o desenvolvimento crítico. Nessa categoria das tecnologias digitais, ser considerado letrado é ir em busca de informações que serão compreendidas e interpretadas para então transformar-se em conhecimento. Logo, realizar uma prática de letramento digital para a atualidade é ultrapassar o campo técnico do suporte e participar ativamente do processo com o

---

<sup>1</sup> No original: the awareness, attitude and ability of individuals to appropriately use digital tools and facilities to identify, access, manage, integrate, evaluate, analyze and synthesize digital resources, construct new knowledge, create media expressions, and communicate with others, in the context of specific life situations, in order to enable constructive social action; and to reflect upon this process.

objetivo de compreensão dos seus propósitos e relações sociais nos mais diversos contextos tecnológicos. Salen *et al* (2011, p. 46 *apud* LANKSHEAR; KNOBEL, 2011, p. 249) traz que, dentro desse contexto de aprendizagem, aprendizes poderão ser considerados como “engenheiros sociotécnicos”, pois terão o domínio de diversos ambientes tecnológicos e suas construções, como também usar ferramentas que possibilitarão a aquisição de conhecimento, como “mapas, equações e dicionários online”.

Nessa mesma perspectiva teórica, um estudo de Lew (2013) reflete sobre o desenvolvimento de habilidades dos usuários de dicionários com ênfase nos que se encontram no modo *online*. Para isso, esse autor apresenta quatro estágios que estão envolvidos para a obtenção dessas informações nesse livro de referência, em que o primeiro estágio é sobre conhecer o dicionário e quais tipos de informações podem ser encontradas no material; já o segundo refere-se à decisão sobre o que se vai pesquisar, para que se mantenha o foco para o alcance do objetivo pretendido. Os dois últimos estágios se referem à localização e interpretação dos verbetes, respectivamente, exigem dos usuários um letramento de *internet* e digital para que se compreenda a representação dos vocábulos na estrutura do dicionário *online*. O autor também cita que uma das diferenças encontradas no modo digital está relacionada ao acesso de informações através do hipertexto que concede uma liberdade de escolha em sua leitura. O texto no ambiente digital também segue o mesmo caminho de mudanças no seu modo de adquirir uma informação.

De acordo com Silva (2017, p. 53), esse tipo de texto “permite diversas formas de leitura não lineares ligadas por variadas conexões que podem ser palavras, sons, vídeos, gráficos, frases, imagens, parágrafos”. Essa não-linearidade citada pela autora mostra um dos principais aspectos diferenciais com as formas convencionais de leitura, justamente pela configuração pela qual o texto está disposto no meio eletrônico. Isso pode ser observado quando Lévy (1996, p. 26) coloca como característica para um hipertexto o fato de ele ser “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade do leitor”. À vista disso, o leitor é também autor, ou pelo menos um *designer* do texto no ambiente digital, pois ele tecerá um caminho próprio ao realizar a leitura do hipertexto, visto que nesse ambiente os textos se cruzam e conectam-se, promovendo uma leitura mais dinâmica. Essas conexões nos hipertextos oferecem ao usuário a facilidade da criação de *hyperlinks* entre documentos e imagens, ou no caso de um dicionário digital, a ligação entre um verbeito à sua categoria ou a uma palavra com a qual se relaciona.

Nesse sentido, o leitor poderá exercer diferentes combinações de leitura e se comportará como um produtor do texto ao decidir o caminho que traçará para exercer o ato de ler. Ou seja,

o leitor ,ao determinar por onde iniciará a leitura e seu término, trará diversas possibilidades de construção de um texto que variará de acordo com a lente de cada leitor. Lew (2013, p. 22) destaca como benefício desse recurso no dicionário *online* a integração entre os componentes de forma que “os usuários achem mais fácil navegar entre as diferentes seções de dados lexicográficos”.

Contudo, essa mesma diversidade de combinações dentro desse texto traz um alerta por alguns estudiosos, como Santaella (2014, p. 57), ao afirmar que essa “grande flexibilidade do ato de ler um hipertexto, leitura em trânsito, pode se transformar em desorientação [...]”, pois o leitor precisa ter o letramento para que todas as informações sejam usadas de forma que o sentido construído seja significativo e não se transforme apenas em um emaranhado de informações desconexas. Esse ciberespaço demanda do leitor o desenvolvimento de novas habilidades de produção, compreensão e uso consciente das tecnologias digitais.

É nessa noção que Lew (2013) adiciona as muitas potencialidades que as diferentes formas de mídias oferecem, mas que ficam à mercê das habilidades do usuário em reconhecer elementos essenciais para a obtenção do conteúdo e em saber lidar com a estrutura do dicionário *online*, que traz como característica diversas funcionalidades e formas de comunicação, as quais podem ser vistas através da hibridização de modos semióticos, o que até então ficava muito resumido na prática letrada em dicionários impressos. Esse meio proporcionou a construção de formas de representação multimodais, isto é, sua composição se daria através de vários modos semióticos como “imagens, símbolos, animação, música e sons” (SIRAZOVA, 2020, p. 48), ou a combinação de vários modos.

Assim, observamos, nesta perspectiva, a necessidade de mudanças de habilidades exigidas do meio impresso para o meio digital, para que se consiga absorver o conhecimento proposto por essa nova era. É nesse sentido que Sirazova (2020) fala das características da lexicografia em dicionário *online* destacando a contribuição que a multimodalidade e a multiplicidade de modos e mídia para a composição do significado. Através dessa concepção de letramentos multimodais e a observação da fluidez do nosso cenário em aplicações no ambiente digital que se apresentam atualizados e multi-facetados e comunicam por diversas formas de representação (LEW, 2014) é que os eventos de letramento se recriam a todo momento e novos processos comuns de aprendizagem e construção de sentido vêm à tona de forma que terão uma consequência no desenvolvimento de habilidades e competências, seguindo também o mesmo fluxo (HAMILTON, 2002).

Logo, a partir desses conceitos apresentados compreendemos que praticar as tecnologias digitais dentro de contextos sociais, históricos e culturais, respondendo prontamente aos

chamados desse espaço digital transformando informação em saber é o que ajuda a compreender o “ser letrado” na era digital. Portanto, o letramento digital direciona o indivíduo a uma maior participação nos eventos culturais e sociais dentro da nossa sociedade contemporânea conectada.

Neste ponto, agregamos e reconhecemos que a prática letrada digital está atrelada ao reconhecimento de diferentes formas semióticas para na construção dos significados. Em vista disso, realizar uma leitura crítica e consciente é reconhecer a integração e importância dos variados modos semióticos que vão ajudar a compor o sentido nas representações textuais contemporâneas. Nesse sentido, Rojo (2009, p. 119) apresenta o conceito para essa forma de letramento que aborda diversas modalidades semióticas como sendo:

[...] a leitura e a produção de textos em diversas linguagens e semioses (verbal oral e escrita, musical, imagética [imagens estáticas e em movimento, nas fotos, no cinema, nos vídeos, na TV], corporal e do movimento [nas danças, performances, esportes, atividades de condicionamento físico], matemática, digital etc.), já que essas múltiplas linguagens e as capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneos. [...] Por outro lado, é importante também hoje abordar as diversas mídias e suportes em que os textos circulam, já que há tempos o impresso e o papel deixaram de ser a principal fonte de informação e formação.

Assim, a autora, além de citar o conceito para letramento multisemiótico, também aponta o suporte como uma meio agregador e necessário de se conhecer para o alcance da informação representada. Logo, a partir desses conceitos apresentados, compreendemos que praticar as tecnologias digitais dentro de contextos sociais, históricos e culturais, respondendo prontamente aos chamados desse espaço digital, transformando informação em saber, é o que ajuda a compreender o “ser letrado” na era digital. Portanto, o letramento digital e multimodal direciona o indivíduo a uma maior participação nos eventos culturais e sociais dentro da nossa sociedade contemporânea, e é em meio a essa perspectiva que avançamos nossa discussão para discutir o aspecto da multimodalidade na teoria dos multiletramentos.

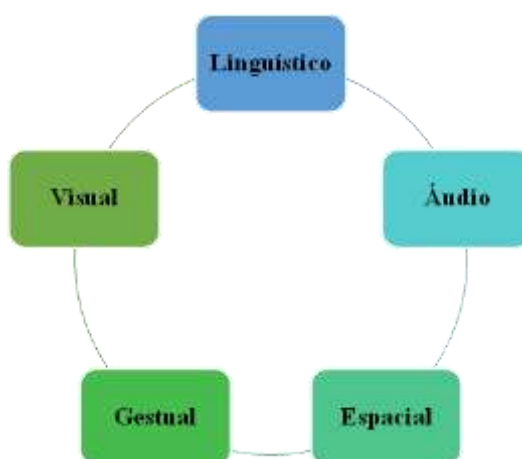
### 2.1.2 Multimodalidade

Um dos aspectos chaves da pedagogia dos multiletramentos está na formação de significado através de diferentes modos semióticos. Logo, após a remodelação no conceito do letramento, para que se compreenda além da linguagem escrita, nessa nova teoria pedagógica há uma maior valorização do textos que utilizam não apenas a linguagem verbal, mas aproveitam de outros códigos, como os visuais, auditivos, gestuais, espaciais etc., que se



integram produzindo significado, e é nesse sentido que temos a multimodalidade (KALANTZIS; COPE, 2012). Dessa forma, “A multimodalidade é o campo que leva em conta como os indivíduos criam significado com diferentes tipos de modos” (ROWSELL; WALSH, 2011, p. 55). Foi nesse contexto teórico que o GNL, estabeleceu cinco modos de comunicação para a produção de significado nos textos multimodais, como pode ser visto na Figura 1 abaixo.

**Figura 1** - Metalinguagem para descrever e interpretar textos com elementos de diferentes modos de significar com base em GNL (1996).



**Fonte:** Representação gráfica elaborada pela pesquisadora com base na definição de modos não-verbais de Lew (2011).

A Figura 1 traz cinco modos essenciais de comunicação que abrangem os âmbitos da vida humana, de acordo com a perspectiva do Grupo de Nova Londres. O modo que é definido como linguístico neste modelo traz referência à representação que é feita através do modo verbal escrito diferindo das perspectivas contemporâneas da linguagem em que todos os modos são considerados linguísticos por trazerem compreensão para as manifestações humanas. Deixando isso posto, destacamos que nesse modelo, esse primeiro modo inclui os aspectos semântico, sintático, pragmático e fonológico da língua; o áudio representa música e todos os efeitos sonoros; o espacial relaciona-se à compreensão da organização física de elementos; o gestual é a transmissão de informação por linguagem corporal; e o modo visual compreende a significação através do que pode ser visualizado pelo leitor. E a partir deles é possível trazer a essência da mensagem que se deseja alcançar com determinado público. Nessa perspectiva, a combinação de modos comunicacionais dentro de uma peça textual servirá para a contribuição do significado geral, pois segundo Kress (2003, p. 45), “modo e escolha são aspectos importantes”, principalmente na era das tecnologias de comunicação e informação em que o modo carrega uma função cultural e social, visto que são desenhados e dispostos de maneira essencial para a compreensão de sentido (KRESS, 2003).

Nas últimas décadas, a multimodalidade tem mudado a forma de enxergarmos a língua e a maneira de nos comunicarmos. Os modos tradicionais linguísticos da comunicação se restringiam à fala e à escrita, e por muito tempo essas eram as formas dominantes de passar informações (KRESS, 2010). Jewitt (2011, p. 54) também associa os modos com sua construção social e cultural para produzir significado e estipula que “Imagem, texto, layout, música, gesto, fala, movimento da imagem, sons são exemplos de modos usados na representação e comunicação”. A multimodalidade oferece, portanto, uma gama de formas de se comunicar, ela concebe muito além da linguagem verbal como forma de comunicação, considera outros modos e ainda a relação que há entre todos os modos. Na multimodalidade, todos os modos da comunicação contribuem de forma igual para a produção de sentido (JEWITT, 2011). Essa variedade modal é o resultado das mudanças que ocorreram e têm ocorrido na forma como os textos estão sendo construídos e divulgados.

Tanto Kress (2010) quanto Jewitt (2011) estabelecem a construção social e cultural dos modos semióticos nas práticas comunicativas para que se conceba significados a partir da interrelação entre os vários meios multimodais. Ambos os autores ainda reafirmam a relação entre as tecnologias da informação e comunicação, de modo que se apresentaram mudanças tanto no nível sociocultural, como também se acredita que no nível individual, quando o indivíduo realiza transformações ao seu redor. Dessa maneira, ele é capaz de descobrir potenciais diferenças para cada modo, isto é, suas *affordances*, de forma que age como o agente de seu desenvolvimento linguístico, principalmente para a aprendizagem de línguas no ambiente digital.

É com esse ponto de vista que Rojo e Moura (2019) situam a multimodalidade como parte integrante e necessária dentro do sistema midiático nos textos da nova era, dentro no contexto do multiletramento. Para esses autores, esse termo se conceitua em duas frentes, “para a diversidade cultural das populações e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos” (ROJO; MOURA, 2019, p. 19), e é a partir dessa noção que é possível ver que a integração das múltiplas linguagens nos textos constituirá um leitor multiletrado, ou seja, alguém capaz de ler proficientemente e produzir uma transformação social, pois essa abordagem prepara o indivíduo para a vida social, e qualquer ambiente passa a ser uma oportunidade de aprendizagem.

Portanto, é nesse cenário que a perspectiva multimodal enfatiza a diversidade de modos usados em diversos contextos para criar, representar, distribuir e comunicar significado. E o processo de aprendizagem e construção de sentido para o século vigente é igualmente variado e multifacetado, seguindo a dinamicidade da multimodalidade proporcionadas pelas mídias

digitais. Assim, se torna possível a aprendizagem por meio da interação entre múltiplas modalidades, o que proporcionará um processo contínuo de construção e reconstrução de significados. O ambiente multimodal e digital tem proporcionado reformulações em meios já estabelecidos de produzir significado. O dicionário é um exemplo desse gênero que tem se modificado nessa era tecnológica. Novas formas de produzir verbetes têm nascido no ambiente digital, e é dessa maneira que faremos uma breve discussão sobre o conceito de dicionários.

## 2.2 Dicionário: eletrônico, digital ou *online*

Ao buscarmos pelo significado da palavra dicionário em um site de pesquisa, encontramos uma definição provida pela *Oxford Languages* (2022, s./p.), como sendo a:

compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional, ger. alfabética, e que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc.

Além disso, ainda de acordo com *Oxford Languages* (2022), um dicionário pode ser um livro ou qualquer outro suporte de mensagem auditiva, visual, e outros, que contenha tais compilações, o qual cita como exemplo o dicionário eletrônico (OXFORD LANGUAGES, 2022, s./p.). Nesse sentido, observamos que a criação de novas tecnologias e o advento da internet proporcionaram a reformulação da definição desse vocábulo, bem como este se configura em virtude da era digital.

Assim, amparados nessas noções, observa-se que o dicionário se apresenta em pelo menos duas formas, a impressa e a eletrônica. É possível verificar cronologicamente nos estudos de Schryver (2003; 2014) essas transições que partem desde as primeiras modificações que aconteceram a partir do momento que o dicionário passou a ser visto além do modo impresso. Esses primeiros formatos foram disponibilizados ao público no final da década de 1980 e desde então houve uma mudança progressiva nessas obras lexicográficas que, primeiramente, poderiam ser de acesso *offline*, como os dicionários eletrônicos de bolso e os que tinham como suporte disquetes e CDs, e em seguida aqueles em servidores de internet que poderiam ser acessados *online*, assim como, em contextos mais recentes, o desenvolvimento de aplicativos para uso em dispositivos móveis (LEW; SCHRYVER, 2014, p. 342).

Em razão dessas evoluções tecnológicas, novas propostas de dicionários têm surgido e o meio de armazenamento dessas obras lexicográficas tem se modificado de maneira que suas

nomenclaturas também têm passado por mudanças dentro de pesquisas no âmbito da lexicografia. Um estudo conduzido por Lew e Schryver (2014) revela o uso e frequência de três termos para designar o dicionário da era digital, a conhecer, dicionário eletrônico, este que é amplamente mais utilizado; dicionário digital, preferível por esses autores para cobrir o sentido expresso por esse modo de dicionário atual; e o dicionário *online*, este último termo teve um crescimento significativo quanto a sua recorrência e esses autores acreditam que ele superará a primeira terminologia em poucos anos.

Os primeiros modelos que foram além da forma impressa eram inicialmente chamados por dicionário eletrônico. Com isso, autores como Nesi (2000) se debruçaram a explicar e exemplificar o que viria a ser este produto da lexicografia eletrônica, o qual tinha como conceito, de acordo com a autora, como todo *software* que tenha seu conteúdo armazenado digitalmente e que possa ser acessado por diversos tipos de mídia. Assim, Nesi (2000, *apud* SCHRYVER, 2003, p. 145) cita exemplos de que

[...] um corretor ortográfico em um programa de processador de texto, um aparelho que escaneia e traduz palavras impressas, um glossário de materiais de ensino online, ou a versão eletrônica de um dicionário impresso já consolidado são todos tipos de dicionário eletrônico.

A partir das falas de Nesi (2000 *apud* SCHRYVER, 2003), a tipologia para o que viria a ser um dicionário eletrônico se mostra mais diversificada se comparada ao modo impresso. Antes dessas mudanças nos produtos lexicográficos, não se pensava muito sobre as necessidades de quem os usava, pois na relação entre os lexicógrafos e os usuários de dicionários parecia existir um comum acordo, em que o primeiro deveria fornecer o conhecimento, enquanto o segundo o recebia sem questionar, porém, as transformações tecnológicas mudaram o olhar sobre este produto em ambas as partes, provocando uma revolução na lexicografia (LEW; SCHRYVER, 2014).

Logo, aparelhos como *smartphones*, *tablets*, computadores, ou mesmo *sites* de internet que incorporam variadas aplicações, usam a lexicografia digital de maneira que podemos observar que não só o suporte desse produto mudou, mas também suas aplicabilidades, pois antes a tradição era o que reinava e não se discutia o que esse tipo de produto era capaz de fazer, no entanto, as mudanças tecnológicas proporcionaram novas nuances para o dicionário.

Lew e Schryver (2014) retomam a um estudo de Schryver (2003) acerca da definição e tipologia de dicionário eletrônico que é baseada em três níveis. Este autor responde sobre “Quem realiza o acesso”, “o Que” e “Onde acessa”. No primeiro nível está relacionado “a quem

faz o acesso” ao dicionário, se o acesso se direcionará ao uso humano, máquinas ou para ambos. No segundo nível, temos “O que é acessado”, ou seja, será meio físico ou eletrônico e a terceira pergunta responde sobre por “onde é acessado”, isto é, o suporte que permitirá seu uso. Essa proposta é citada por Lew e Schryver (2014) como sendo a mais flexível, pois além de trazer diversos tipos de dicionário eletrônico, ela pode ser atualizada conforme o desenvolvimento dos estudos lexicográficos no ambiente digital, embora os autores reiterem a necessidade de sua atualização, visto que muito já tem se desenvolvido na lexicografia eletrônica desde a criação dessa tipologia.

A respeito do desenvolvimento nesta área de estudo, uma mudança tem ocorrido acerca da denominação do dicionário de modo não-impresso, ao longo das pesquisas nesses produtos lexicográficos que transitam entre dicionário eletrônico, dicionário digital e dicionário *online* de maneira que gera um questionamento em Lew e Schryver (2014) sobre qual o melhor termo a ser usado, eletrônico ou digital.

Dicionários modernos na forma de aplicativos ou serviços online são provavelmente melhores vistos como coleções de dados e códigos estruturados, em vez de um hardware. Por esta razão, pode-se questionar se eletrônico, embora um pouco estabelecido neste contexto, é realmente o melhor termo. Em vez disso, o adjetivo digital (como nas humanidades digitais), pode ser visto como descrevendo melhor o conceito. Talvez faz sentido adotar dicionários digitais como termo de cobertura e reservar dicionários eletrônicos para dispositivos autônomos onde o hardware hospeda apenas aplicativos lexicográficos, como em muitos dicionários portáteis particularmente popular no leste da Ásia. (LEW; SCHRYVER, 2014, p. 342).

Dentro desse estudo de Lew e Schryver (2014), o termo eletrônico se tornou popular para produtos que estão no meio digital em razão da recorrência do sufixo “e” em palavras de língua inglesa, quando estavam no ápice do desenvolvimento da tecnologia computacional, pois reportavam a palavra “eletrônico”, como na palavra “*e-mail*”. Porém, para esses autores, o termo apenas faria jus caso o dicionário estivesse em um dispositivo de circuito eletrônico com finalidade lexicográfica. Assim, passou-se a defender, nesse caso, o uso do termo “digital” para os dicionários em forma de aplicativo ou serviços *online*.

Nesse sentido, Dash (2017, p. 27) explora em sua pesquisa o conceito de dicionário digital como sendo “um dispositivo de referência linguística controlado por computador e funcionalmente automatizado, [...] em uma interface de aprendizado de idiomas online baseada na web”. Esse autor ainda cita outros conceitos que tratam de “dicionários embutidos que são usados em programas de processamento de texto de desktop” ou ainda pode referir-se a “dicionários legíveis por máquina (MRD)”. Assim, Dash (2017) sinaliza a seguinte definição para essa terminologia:

Eu, no entanto, uso este termo em um sentido muito mais estrito dentro do domínio da lexicografia para me referir a um dicionário, que é projetado e desenvolvido em formato digital com o estoque lexical de uma língua disponível com compilação em bancos de dados, e que, como um simples dicionário em uma interface digital, exerce muitas vantagens de aplicação sobre sua contraparte impressa para atender a uma comunidade de fala com informações linguísticas audiovisuais e animadas. (DASH, 2017, p. 27).

Ainda que o conceito de Dash (2017) sobre dicionário digital seja análogo ao de Lew e Schryver (2014), ele não traz uma distinção rígida entre ambos os termos, mas destaca as potencialidades que existem para esse tipo de dicionário, que terá em sua estrutura uma interface aprimorada capaz de explicar e exemplificar vocábulos de uma língua. O mesmo foi observado por Lew (2013, p. 10) quando conduziu um estudo sobre os dicionários *online* de língua inglesa e expôs que eles “[...] podem incluir uma variedade de conteúdo multimídia”, isso devido aos avanços da internet que permitem a inclusão de funcionalidades e apresentação de informações a partir de diferentes meios de comunicação de forma simultânea. Ele ainda acrescenta que a web 2.0 “é construída em torno do conceito de hipertexto, onde textos, documentos e mídia compõem uma rede interconectada” de modo que tudo que está nesse ambiente também participa dessa rede e “os dicionários online fazem hiperlinks, interligam, incorporam e integram [...]” (LEW, 2013, p. 10).

No discorrer dessas definições, estabelecemos que em nossa pesquisa vamos nos direcionar para o dicionário cuja orientação está para o uso humano que se encontra no meio digital conectado a um servidor, por isso, usaremos o termo dicionário *online*. Em vista das funcionalidades e possibilidades que podem existir nesse tipo de dicionário, faz-se necessário para seus usuários habilidades para lidar com esse ambiente da internet, pois o modo impresso e o modo digital exigem formas de letramentos diferentes. Conscientes disso, avançamos nossa discussão para como se apresentam os verbetes em dicionários de ambiente digital e *online*.

Nesse sentido, Dash (2017) aponta entre as vantagens para o dicionário no meio digital melhores definições, melhores ilustrações, animações e apresentações visuais, as quais, em meio a essa perspectiva, avançamos nossa discussão para as novas nuances trazidas pelos dicionários *online* e a concepção da multimodalidade nas representações digitais para a lexicografia. Essa forma de aquisição de informação demanda uma capacidade de leitura distinta dessas significações. Em vista disso, realizar uma leitura crítica e consciente, agregando as capacidades que cada modo oferece, é reconhecer a integração e importância das variadas formas semióticas que vão ajudar a construir a definição sobre certo vocábulo. Nesse contexto,

a maneira de definir uma palavra ganhará um novo *design* no campo da multimodalidade. As definições serão potencializadas a partir da integração dessas multi-formas de comunicar.

### 2.2.1 Representações de Verbetes em Dicionário *online*

Os dicionários *online* trouxeram diversas possibilidades que até então eram muito reduzidas no modo impresso de significação, como pode ser visto na fala de Atkins (1996, p. 516): “Finalmente, estamos livres da camisa de força do impresso e da ordem alfabética”. Assim, podemos visualizar a importância desses recursos para a construção lexicográfica. Uma das maiores mudanças causadas pela revolução digital no âmbito da lexicografia foi a forma de representação em verbetes, pois nesse contexto as palavras passariam a ser comunicadas a partir de várias formas. Temos esse pensamento em Liu (2017, p. 288), ao expor que “o uso de recursos multimodais tem se tornado um importante tópico para a lexicografia”. Assim como diferentes modos têm sido usados para auxiliar no processamento de significado, a combinação desses modos tem exercido uma importante função na maneira de apresentar verbetes. É nesse contexto de multiplicidade que Liu (2017, p. 288) ainda compara que, nos dicionários da era digital, “os diferentes modos semióticos podem ser empregados para desenvolver esse potencial em uma extensão muito maior do que nos dicionários impressos”, principalmente a partir da integração de variados modos semióticos na composição das definições.

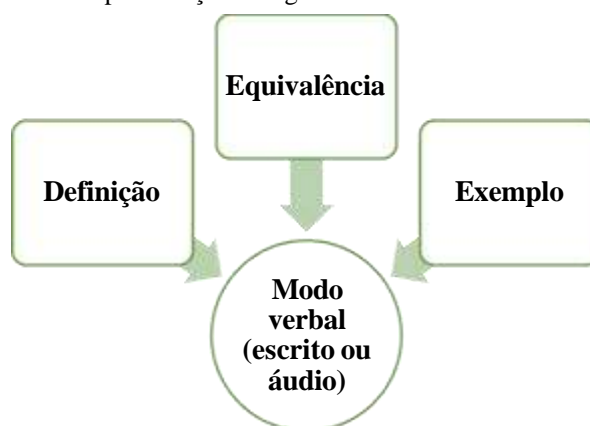
De tal modo, observamos, nesta perspectiva, a necessidade da mudança de habilidades exigidas do meio impresso para o meio digital para que consiga absorver o conhecimento proposto por essa nova era de dicionário. É nesse sentido que Sirazova (2020) fala das características da lexicografia em dicionário *online*, bem como destaca a contribuição da multimodalidade e da multiplicidade de modos para a composição de significado. Nesse prisma, a construção de sentido que imperava na forma impressa era a verbal escrita, enquanto no meio digital essa transferência de informação se dará além da linguagem verbal.

Os dicionários *online* demonstram essa potencialidade ao exemplificar vocábulos utilizando gráficos, desenhos, fotografias, diagramas, áudio, vídeo e animação de forma que se utiliza de uma variedade de modos além do verbal e pictórico, já comuns em dicionários impressos (LEW, 2013). Por conseguinte, a multimodalidade tem exercido um papel de grande importância para a construção de significado nas definições dos verbetes em dicionários da era digital. A combinação dos mais diversos modos semióticos (textual, visual, áudio, espacial, etc.) expande e enriquece profundamente as possibilidades de compreensão dos significados nessas obras lexicográficas em comparação com o modo impresso.

Um estudo realizado por Lew (2011) mostra como os dicionários da era multimodal usam modos tradicionais de explicar um vocábulo. Um exemplo é o verbete explicando os usos de uma certa palavra, o qual pode ser inovador ao se utilizar de novas formas de representação que a multimodalidade proporciona. Esse autor divide a significação em três categorias. A primeira que é a forma verbal escrita, a segunda é a apresentação dos elementos verbais através de áudio e a terceira categoria vai englobar formas não-verbais. Assim, o primeiro tipo é encontrado tanto em dicionários impressos como nos eletrônicos, ainda que de modo diverso, já a segunda proposta não é possível no modo impresso, logo, é encontrada em dicionários eletrônicos, digitais e *online*, ao passo que a terceira pode ocorrer também no meio impresso, porém não refletirá todas as possibilidades que a mídia eletrônica proporciona.

O modo verbal escrito já é conhecido por ser predominante para a definição de verbetes. Lew (2011) teoriza outro modo para a definição verbal além dessa forma convencional, que se trata da significação usando elementos verbais, porém através de áudios. Esse autor destaca alguns pontos que podem beneficiar os usuários desses tipos de dicionários, os quais terão a oportunidade de ouvir não apenas a pronúncia da palavra pesquisada, mas através de definições em áudio, assim como observará características prosódicas da fala, como entonações, sílabas tônicas e ritmo. Além disso, através dos exemplos em áudio, eles terão a possibilidade de observar a língua no seu uso real, em que usará a pronúncia como modelo, citando o exemplo de uma experiência entre professor e aluno. Nesse sentido, a representação dos significados dos verbetes usando o modo verbal pode ser feita, de acordo com Lew (2011), de três maneiras: definição, equivalência e exemplo, conforme a Figura 2 abaixo.

**Figura 2** - Representação de significado através de modos verbais.



**Fonte:** Representação gráfica elaborada pela pesquisadora a partir da classificação de Lew (2011).

A *definição* é o modo mais comum de compor significado em dicionários monolíngues. Entre as possibilidades de fazer definição verbal, a paráfrase é citada como uma dessas formas,



ou seja, a palavra é explicada através de uma construção sintática bem elaborada que possa proporcionar seu entendimento. “Esta abordagem mais discursiva para definir palavras por meios de ‘definições de frases completas’ foi explorada no passado principalmente em dicionários projetados para alunos de inglês como língua estrangeira” (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 441). Concordando com esses autores, Oliveira (2017) também afirma que as paráfrases se tratam de uma maneira mais eficaz para a compreensão de um termo do que apenas a exposição de uma palavra sinônima em que estas serviriam bem mais em um contexto de construção textual. As definições, por terem seu uso convencional em diversos dicionários de diferentes culturas, têm superado gerações de dicionários, de forma que esse modo é amplamente utilizado também no meio dos dicionários digitais (LEW, 2011).

Assim como a definição é um paradigma importante para o dicionário monolíngue, a *equivalência* ganha esse espaço no dicionário bilíngue. Dessa forma, trata-se da transposição de uma palavra em uma língua para uma outra que seja equivalente na língua aprendida, e que esta consiga abranger o significado dessa palavra de forma mais ampla do que seu uso em apenas um contexto particular. Ainda que a equivalência seja mais comum em dicionários bilíngues, é possível seu uso em dicionários monolíngues ao empregar sinônimos como forma de se explicar uma palavra (ADAMSKA-SALACIAK, 2010).

Contudo, ainda que seja um recurso muito utilizado para a definição de vocábulos, Oliveira (2017) cita Ulmann (1964) ao evidenciar uma problemática para esse modo definitório que é o conceito na essência entre palavras. Uma será usada mais em um contexto profissional que outra, ou será mais do ambiente literário; ou ainda será um termo apresentado para uma conversa mais coloquial. Mas para os modos digitais e dicionários de aprendizagem monolíngues mostra-se como sendo um recurso muito útil e visto como algo não muito inovador se comparado com os modos impressos (LAUFER; HILL, 2000). Desse modo, em meios eletrônicos, torna-se possível a inclusão de informações com mais detalhes e é possível direcionar o usuário para aspectos mais relevantes dos itens conceituados (LEW, 2011).

Na subcategoria *exemplo*, é possível verificar uma grande possibilidade de seus usos e funções. Svesén (2009, p. 281) compreende exemplo como sendo “todos os tipos de indicações consistindo em combinações de palavras (frases, orações, sentenças) contendo uma forma do lema, independentemente de serem fornecido com uma indicação de significado ou não”. Através desse constituinte, é possível reforçar a explicação de significados, contextualizando culturalmente o que se pretende definir, pois os exemplos têm a função de conduzir o leitor para a forma como tal palavra poderá ser usada mostrando seus diversos contextos de uso. As aplicações para dicionários solucionam um dos problemas encontrados por esta categoria no

modo impresso: a restrição espacial. No âmbito digital, os usuários contarão com exemplos de *corpus* adicionais que destaquem os pontos relevantes dos verbetes ou suas variações (LEW, 2011).

A Figura 3 do verbete da entrada *Research* no dicionário *online Merriam-webster* demonstra as características encontradas em dicionário para a definição usando modo verbal.

Figura 3 - Definição verbete da entrada research.

Merriam-Webster SINCE 1828

GAMES & QUIZZES | THESAURUS | WORD OF THE DAY | FEATURES | SHOP

research

Dictionary Thesaurus

**research** noun

Save Word

re-ˈsɜːtʃ | \ri-ˈsɑːrtʃ | ˌrē-ˈsɑːrtʃ

**Definition of *research* (Entry 1 of 2)**

1 : studious inquiry or examination  
*especially* : investigation or experimentation aimed at the discovery and interpretation of facts, revision of accepted theories or laws in the light of new facts, or practical application of such new or revised theories or laws

2 : the collecting of information about a particular subject

3 : careful or diligent search

**Synonyms for *research***

Synonyms: Noun

delving, disquisition, examen, examination, exploration, inquest, inquiry, inquisition, investigation, probation, probe, probing, study

**Examples of *research* in a Sentence**

Noun

// She conducts *research* into the causes of Alzheimer's disease.

// Recent *research* shows that the disease is caused in part by bad nutrition.

// The study is an important piece of *research*.

// He did a lot of *research* before buying his car.

Fonte: Adaptado do site Merriam-webster.com. Acesso em: 02 jun. 2022.

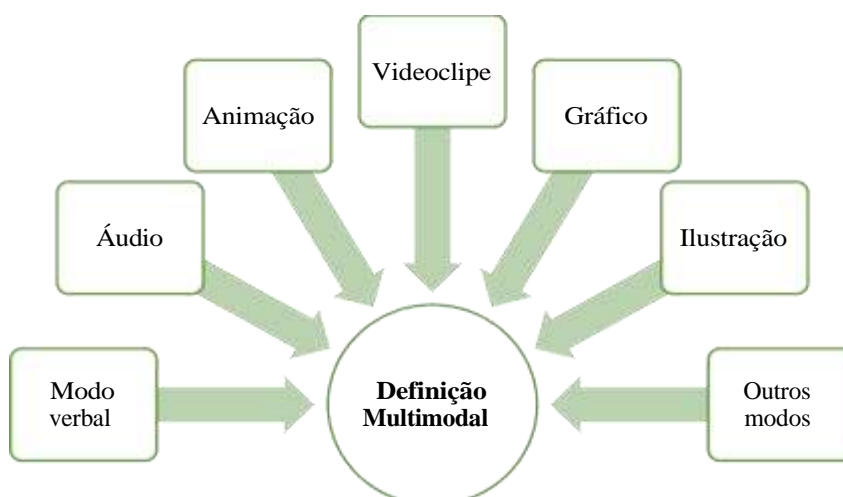
Essa imagem (Figura 3) foi copiada e editada da página virtual (<https://www.merriam-webster.com/dictionary/research#synonyms>) do dicionário *online Merriam-webster* e traz a representação dos modos verbais expostos por Lew (2011) para definição que podemos encontrar em dicionários. Na imagem, podemos identificar cada um dos modos citados para o vocábulo *research*. Na marcação 1, podemos visualizar a definição, trata-se de uma forma central para a compreensão da palavra, bem como na marcação 2 encontra-se a equivalência

através de palavras sinônimas. E na marcação número 3 estão o modo de significação feito através de exemplos. Esta imagem nos dá a possibilidade de compreensão da palavra definida através do modo texto verbal escrito, de maneira que a junção das três categorias verbais de significação traz um enriquecimento da compreensão do significado.

As definições multimodais são caracterizadas por serem dinâmicas e diversificadas, pois todos os elementos semióticos interagem e cooperam para a construção de significado. Na terceira categoria, para significação de verbetes em dicionários eletrônicos, Lew (2011) traz a representação de significados através de modos não-verbais. Ele o divide em seis tipos, a saber, áudio (efeitos sonoros), ilustrações pictóricas e fotografias (estáticas), gráficos, animações, videoclipes e outros modos que possam comunicar significado.

Dessa forma, podemos estabelecer que definição multimodal lexicográfica para dicionários digitais traz diversos modos semióticos que complementam as definições já tradicionalmente usadas, as verbais. A definição multimodal ilustrada na Figura 4 traz a união do modo verbal com outras formas que podem ser utilizadas para criar significado. Lew (2011) estabeleceu que nos meios não-impessos, além da significação através das formas verbais que é algo já tradicional, nesse ambiente é possível encontrar diversas outras possibilidades que irão estabelecer a definição multimodal, ou seja, a união de diferentes possibilidades para construir significado.

**Figura 4** - Definição multimodal lexicográfica para dicionários eletrônicos.



**Fonte:** Representação gráfica elaborada pela pesquisadora com base na definição de modos não-verbais de Lew (2011).

Autores como Dodd (1989) e Ooi (1998) argumentaram décadas atrás sobre a importância da inclusão de **sons** para a construção de definição em verbetes de dicionários para

a lexicografia do futuro. Eis que agora é possível construir uma significação apenas com os efeitos sonoros e ir além. Esses autores citam que ouvir sons que reproduzam uma palavra, como nos verbetes sinos, em instrumentos musicais ou ainda os sons de alguns animais, torna-se mais significativo para a compreensão de um vocábulo do que apenas uma simples definição verbal, pois os indivíduos atuariam imediatamente outros conhecimentos já estabelecidos por eles e, assim, criariam o sentido para aquela palavra.

Dentro da modalidade visual apresentada por Lew (2011), fazem parte as fotografias, ilustrações, os gráficos, tabelas, ícones, entre outros. As *fotografias* se diferem dos desenhos por trazerem uma realidade que a mídia digital pode proporcionar, aproximando um conteúdo pesquisado com o real, ao facilitar o entendimento do vocábulo. Contudo, os dicionários ilustrados não são exclusividade do meio digital, pois essa categoria é considerada essencial em muitos dicionários de modo impresso.

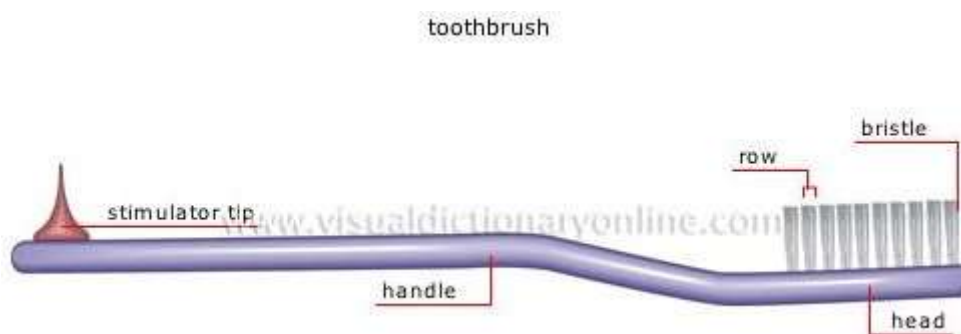
Nesse sentido, Lew (2011) cita algumas categorias de palavras que são mais usadas junto de suas imagens em dicionários que oferecem essa possibilidade além do modo verbal, por considerar de fácil compreensão a relação entre imagem e palavra, a saber, animais, plantas e objetos do dia a dia. Esse autor fala que, desse modo, ao usar imagens para ajudar na composição de sentido, o leitor teria seu conhecimento rapidamente ativado e direcionado para uma noção coerente e, assim, e não se enganaria para a compreensão do vocábulo, levando em consideração outros elementos da imagem. No mesmo sentido, Nascimento (2018, p. 55) concorda que “É inegável o valor de esclarecimento e de complementação de informações que uma ilustração representa para determinados lemas”.

Um estudo de Gumkowska (2008) é direcionado a mostrar os benefícios que as imagens podem trazer para o imediato reconhecimento e compreensão da palavra a partir da representação através da forma visual de significação de vocábulos, ainda que se julgue de grande relevância o uso apropriado dessa categoria. No entanto, é enfatizada a necessidade de se destacar a parte sobre a qual se está definindo, pois as imagens contam com muitos detalhes. Outra vantagem encontrada no uso de imagens para definir uma palavra encontra-se no fato de haver difícil compreensão em algumas palavras que apresentam sentido abstrato, como as formas (quadrado, círculo, triângulo...) ou certas ações que tornaria o processo mais complexo e acabariam exigindo uma explanação verbal maior que a exposição de apenas uma imagem para a sua definição (LEW, 2011).

Os *gráficos* podem contribuir para a explanação que não representa um significado concreto, no caso de preposições ou advérbios, por exemplo. A esquematização de uso dos advérbios de frequência pode ser exemplificada através de um gráfico, oferecendo uma

explicação consistente em um dicionário monolíngue de língua inglesa. Conforme pode ser observado na Figura 5, retirada de um dicionário *online* que consta na página [http://visualdictionaryonline.com/clothing-articles/personal-articles/dental-care\\_1.php](http://visualdictionaryonline.com/clothing-articles/personal-articles/dental-care_1.php). Nesta figura, observamos um desenho que traz a representação do objeto escova de dentes, o vocábulo é traduzido também pela forma visual. Além da apresentação do vocábulo *toothbrush* (escova de dentes), há outras palavras na imagem que se referem às partes da escova de dentes. É para que não haja uma interpretação errada sobre as partes que compõem o objeto que há marcas indicadoras direcionando para a divisão do objeto. Assim, temos a compreensão do vocábulo geral (*toothbrush*), como também essa classificação minuciosa, o que proporciona uma maior compreensão do que cada palavra apresenta e sua representação.

**Figura 5** - Verbete da entrada *toothbrush* no dicionário *online* *visualdictionary.com*.



**Fonte:** Disponível em: [http://visualdictionaryonline.com/clothing-articles/personal-articles/dental-care\\_1.php](http://visualdictionaryonline.com/clothing-articles/personal-articles/dental-care_1.php). Acesso em: 22 jun. 2022.

Outra forma utilizada para a significação de palavras é a **animação**, que pode ser entendida como uma ilustração em movimento. Esse meio traz muitos benefícios, como explicar um vocábulo que represente uma ação, como o ato de mergulhar, curvar-se e apertar, que são alguns exemplos citados por Lew (2011). Quando há a junção das formas semióticas aural e visual recebe uma outra terminologia, conceituada de videoclipe. Lew (2011) apresenta algumas preocupações com o uso dessas mídias para a compreensão de vocábulos, o qual cita que a quantidade dos elementos utilizados pode causar uma má compreensão do que se deseja definir, bem como algumas situações estão a depender de contextos situacionais de uma determinada comunidade linguística. Contudo, ainda que ele pontue essas questões, o autor defende que a variedade de elementos pode ser convertida em ser essencial por trazer informações e poderá também trazer uma construção de sentido genuína de um determinado local.

Na Figura 6, encontra-se um exemplo de uma animação utilizada para explicar a entrada *kneel*, que se trata do ato de ajoelhar-se em português. Podemos visualizar nesses *frames* apenas um elemento e a própria palavra que aparece no momento que o elemento constituinte começa a realizar o ato que se deseja traduzir. Com isso, a sequência animada ajuda na compreensão da definição da palavra.

**Figura 6** - Verbetes da entrada *kneel* no dicionário online *vidtionary.com*.



Fonte: Disponível em: <http://www.vidtionary.com/words/kneel>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Na multimodalidade, a variedade é característica principal. Lew (2011) adiciona uma a mais por entender que nesse meio virtual várias formas de significação podem surgir para agregar sentido. Logo, na subcategoria de outros modos ele reconhece que as formas podem sugerir outras *affordances* que se tornam significativas para a definição dos verbetes. Dentro desse contexto, são citadas como exemplos as expressões faciais (corar de vergonha, franzir o cenho etc.), ou vocabulário relativo ao paladar (azedo, doce) ou ao tato (macio, áspero), ainda que sua ativação precise de um letramento que tenha sido experienciado anteriormente. Podemos antecipar que dentro da teoria da Gramática de Transposição os autores Cope e Kalantzis (2020) chamam de forma corporal essa maneira de representação através de sinais corporais.

Na Figura 7, destacamos que esse recurso foi utilizado para definir o vocábulo *smile* (sorriso) no dicionário em vídeo de língua inglesa *vidtionary.com*. Nos *frames* retirados do verbete que está definindo através da mídia de vídeo, é mostrada a atuação de diferentes elementos. A princípio, tem-se os desenhos de uma profissional da saúde, um idoso e uma adolescente, em seguida, parte para a visualização de fotografias de pessoas, sendo essas uma mulher seguida de dois homens e uma criança com diferentes características fenotípicas. Entretanto, o vocábulo ao qual se intenciona a tradução está presente em todos os constituintes, ou seja, todos os elementos apresentam um único aspecto em comum que está na representação dos seus corpos que se refere à tradução da palavra sorriso.

**Figura 7** - Verbetes da entrada *smile* no dicionário *online vidtionary.com*.



**Fonte:** Smile | Vidtionary: A Video Dictionary. Acesso em: 22 jun. 2022.

É nessa perspectiva da Multimodalidade que avançamos nossa discussão para a gramática do significado multimodal de Cope e Kalantzis (2020), que descreve e analisa os movimentos e as relações entre as diferentes formas e funções de significado nas representações multimodais.

### **3 TRANSPOSITIONAL GRAMMAR: GRAMÁTICA DA MULTIMODALIDADE**

Os dicionários *online* são aplicações que usam de variadas mídias para exprimir diversas informações linguísticas através de diferentes modalidades. No capítulo 2, discutimos sobre

como novas práticas comunicativas emergiriam em consequência da evolução da tecnologia digital, afetando os aspectos culturais e sociais, o que resultou na reformulação dos letramentos à luz dessas mudanças, particularmente na forma de produzir e receber os textos que exigem do receptor domínio além do modo texto verbal. Apresentamos também os conceitos de dicionário do modo não impresso e demonstramos como são os verbetes no meio digital.

Assim, para melhor compreendermos a linguagem expressa nos verbetes em vídeo que trazem diversas formas semióticas, tanto estáticas como dinâmicas, é que exploramos os estudos de Cope e Kalantzis (2020) *Making Sense* e *Adding Sense*, tratado como uma teoria de uma gramática de transposição que estuda o movimento entre as formas de significado e funções do significado expressos de forma global para a comunicação humana para a produção e recepção de conteúdo.

### **3.1 *Transpositional Grammar***

Por causa das mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias com influência nas pedagogias de construção de significado multimodal, Cope e Kalantzis (2020) explicam que *Making Sense* e *Adding Sense* são os resultados de seus trabalhos que compreendem uma gramática no âmbito da multimodalidade para a vida cotidiana. Todavia, para Cope e Kalantzis (2020), o termo gramática distancia-se dos aspectos em que se trata uma gramática nos moldes estruturalistas e formalistas relativas ao estudo da língua em que estas prescrevem regras e remetem a um estado estrutural imutável para o uso padrão de uma língua. A escolha pela expansão desse termo remonta para os estudos além dos significados da fala e escrita, mas as relações que estes têm para com os outros modos comunicacionais que refletem a multiplicidade das práticas de letramento vivenciadas no nosso século, principalmente com as diferentes formas de construção de significado por meio dos vários modos semióticos proporcionados pela tecnologia digital, bem como destaca as funcionalidades dos significados que podem ser produzidos.

Esses autores ainda argumentam que a diferença dessa gramática dos outros modelos tradicionais se dá por ir além dos modos verbais, pois nessa teoria o fenômeno da multimodalidade ocorre através de transposição, entendida como a “reformulação de um significado em uma forma, e então em outra, ou em várias juntas ao mesmo tempo” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 01, tradução nossa<sup>2</sup>). Desse modo, em um ambiente de aprendizagem

---

<sup>2</sup> No original: “reframing a meaning in one form, then another, or several together at the same time”.



digital, a transposição entre os diferentes meios semióticos é crucialmente importante, pois é essa interface de formas e funções de significado que se trata como o ponto central da multimodalidade, tanto na diversidade de modos como para o letramento de suas funcionalidades para a nossa era digital.

De acordo com essa gramática da multimodalidade de Cope e Kalantzis (2020), à medida que o indivíduo experiencia situações em sua vida, ele está produzindo significado, ou seja, sua existência se dá quando ele vê, sente, entende, expressa, planeja, age etc., de forma que é esse movimento fluido, dinâmico e natural ao ser humano o correspondente para a comunicação multimodal. As escolhas semióticas do sujeito instanciarão significado a depender da forma, de modo que a separação dessas formas de significação dos seus contextos de ocorrências causará perda de compreensão.

Jewitt (2008) aponta que a língua é composta de uma junção de modos semióticos que oferecerão uma multiplicidade de significação. Assim, Cope e Kalantzis (2020) destacam que nenhum modo de produção ocorre sozinho, e exemplificam ainda que um texto escrito usa de outras linguagens, pois se trata de uma peça visual; ou ainda a fala, que usa sons, assim, a relevância do estudo multimodal está na possibilidade que os modos venham a desenvolver em determinadas situações, ou seja, suas *affordances*.

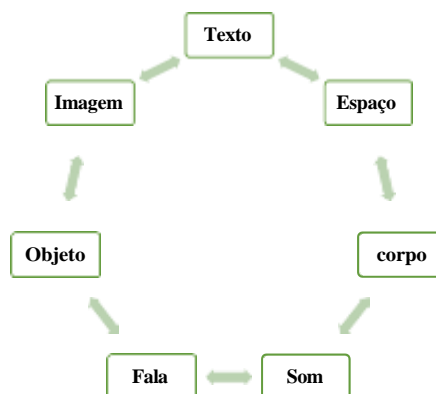
Nesse sentido, é a partir dessa noção de transposição de significado que Cope e Kalantzis (2020) desenvolveram um método de descrição e análise para a multimodalidade, com base na variedade de formas que o significado se manifesta: texto (verbal), imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala; e na variedade de funções exercidas independente da combinação dessas formas. Esses autores estabeleceram ainda cinco funções de significado que todo artefato expressará simultaneamente, a saber, Referência (sobre o que é?), Agência (quem ou o que está agindo?), Estrutura (como está integrado?) Contexto (o que há em torno disso?) e Interesse (para que ou a quem serve?)

### 3.1.1 Formas de Significado

Os modos semióticos de representação e comunicação têm sido estudados por autores do multiletramento (NEW LONDON GROUP, 1996) e ampliados por outros (COPE; KALANTZIS, 2020), com base em percepções sobre as variadas maneiras do ser humano expressar-se. Nessa concepção de uma gramática multimodal, os autores Cope e Kalantzis (2020) refinaram seu conceito sobre a pedagogia dos multiletramentos e adicionaram duas formas de significado em comparação com os estudos desenvolvidos em 1996 pelo Grupo de

Nova Londres, de maneira que foram identificadas sete formas comunicacionais, conforme a Figura 8.

**Figura 8** - Movimento de Transposição entre Funções do Significado.



**Fonte:** Representação gráfica elaborada pela pesquisadora com base nas Formas de significado de Cope e Kalantzis (2020).

As formas de representação estão dispostas nesta direção por cada forma apresentar características semelhantes aos seus vizinhos, mas também pela possibilidade de um significado ser transposto para uma outra forma, por isso, o direcionamento das setas. Através dessas sete formas será possível a construção para si do significado do objeto, ou seja, a representação do que há, sendo também possível a constituição de significado para em outra forma e outra, logo, efetivando a comunicação. Assim, Cope e Kalantzis (2020, p. 19) definem essas sete formas de significação como a “manifestação do nosso pensamento ou recursos para o nosso pensamento”, “são formas de ação”, “são objetos que construímos na nossa realidade material ou mental” e, por fim, “são expressões da nossa vontade e identidade como sujeito”. Logo, é a combinação e expressão dos sentidos humanos e a capacidade em transpor significados de uma forma para outra que confere a transposição entre os movimentos padrões, bem como as *affordances* geradas por cada forma e a multimodalidade, pois um significado pode ser apresentado de diversas formas, mas não de uma mesma maneira, utilizando uma diferente forma.

O **Texto**, como a primeira forma a ser relatada nesta gramática de transposição multimodal, trata-se da composição de significado através de grafemas. Esse conceito diverge de outros autores do estudo do texto. Halliday e Hasan (1976, p. 01) declaram que texto é a língua em uso, o qual pode ser “escrito ou falado, em prosa ou em verso, diálogo ou monólogo”, ou que ainda possa ser representado através de uma imagem, pois se pode ser lido e interpretado, constitui-se um texto. No entanto, nessa gramática multimodal, os autores delimitaram a

definição da forma textual para o modo verbal escrito, pois asseveram que “[...] há importantes distinções que gostaríamos de fazer entre as várias formas de significação, e particularmente entre escrita e fala” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 23, tradução nossa). Na distinção entre escrita e fala, esta última se trata de uma realização espontânea que advém do que está na memória; é imediata e impossibilitada de ser desfeita uma vez que fora lançada, e ainda podendo ser interferida com os lapsos memoriais de seus ouvintes, ao passo que o texto escrito necessita de uma estruturação de palavras, uma organização a depender do contexto e, uma vez feito, sua interpretação é assíncrona.

Assim, as formas texto e fala encontram-se afastadas conceitualmente neste estudo. Porém, na era digital, as possibilidades de transposições entre as formas texto e fala não necessariamente estão tão distantes, pois com os recursos que a tecnologia digital proporciona, essa distinção se perde rapidamente pelas possibilidades editáveis e transformáveis de conteúdos nesses formatos, o que ocasiona um movimento de troca entre ambas as formas das informações comunicadas. Entretanto, para questões analíticas, essas duas formas tão parecidas são tratadas analisando suas distinções, pois o significado não será apresentado igualmente, utilizando uma forma diferente em que todas as formas semióticas apresentam suas particularidades. A forma texto apresenta mais semelhanças com imagem e espaço, visto que o escrito é uma imagem que contém uma estrutura espacial e a fala está mais próxima de som, já que ela é o próprio som, de maneira que se aproxima das características corpóreas, naturalmente usadas para se comunicar.

Ao lado da forma textual, encontra-se a *imagem* que também é nomeada como forma visual. Conforme Cope e Kalantzis (2020), essa forma tem sua composição de significado bidimensional através de linhas, formas e cores, é encontrada em diversas mídias e pode ser reproduzida digitalmente. Essa modalidade pode ser composta de fotografias, desenhos, pinturas e diagramas de qualquer informação que também foi usada através da forma escrita, ou seja, tudo que pode ser escrito também pode ser visualizado. Nesse sentido, em Kress e van Leeuwen (2021) a imagem não se trata apenas de um complemento para a forma textual, mas está cheia de informação e comunicação. Assim sendo, o que se difere entre ambas as formas é que a primeira se expressa usando uma sequência lógica de palavras, respeitando tempo e os significados dos elementos, enquanto que a segunda oferta todos os elementos de sentido ao mesmo tempo, cabendo ao leitor a decisão sobre sua forma de leitura, logo, nesse formato, a imagem está atrelada ao aspecto espacial, principalmente em se tratando de hipertexto.

Em seguida, localiza-se a forma *espaço*, que difere da forma imagem por tratar de elementos em uma perspectiva tridimensional, logo, nessa forma, serão considerados os

componentes espaciais como “volume, limite, layout e proximidade” que poderão ser experienciados ao observar o significado espacial que existe ao nosso redor, como as paisagens naturais e *wayfinding*<sup>3</sup>, segundo Cope e Kalantzis (2020, p. 27). Tanto o *GPS*<sup>4</sup> como as projeções em 3D são exemplos citados por esses autores como usos práticos dessa forma para a nossa era digital.

Próximo a espaço, situa-se a forma *objeto*, que divide o aspecto tridimensional com a forma espacial que nela se encontra. Trata-se de algo palpável, um artefato material que pode ser experienciado pelos sentidos do corpo humano. Constitui-se objeto toda aquela peça que contém superfície, limites, texturas, formas e tamanhos que permitem sua manipulação e agem como um prolongamento de seus usuários, como os dispositivos digitais que dão informações, proporcionando a esse sujeito uma relação com esse objeto, bem como o desenvolvimento cognitivo para as formas de uso de tal item (COPE; KALANTZIS, 2020).

A quinta forma do seguimento é *corpo*, a qual compreende o significado a partir de expressões e extensões corpóreas. De acordo com Cope e Kalantzis (2020), a primeira engloba gestos, expressões faciais, olhares, comportamentos e postura, ao passo que a segunda se caracteriza pelo acréscimo de itens que podem ser adicionados ao corpo para a composição de significado, como a escolha de roupas, maquiagem e acessórios. Nesse ponto, essa forma se difere do significado proposto pelo objeto por esses serem artefatos que imprimem uma maior relação com os movimentos corporais. Na era da tecnologia, aparelhos eletrônicos que passam informações, que comunicam e requerem ações de seus usuários fazem parte dessa forma de significado.

A subsequente forma de extração de significado proposta por Cope e Kalantzis (2020) refere-se à representação de significado através do *som*, que pode ser um produto do ser humano ou vindo da natureza. Para esses autores, tom, volume, compasso, ritmo e direção são os aspectos dinâmicos do som que proporcionarão uma experiência profunda para a sua significação.

A última forma a instanciar significado é a *fala*. Esse significado está mais próximo do som por ele também usar o sentido da audição. A fala é vista como um processo no qual sua constituição será mais fluida, coreografada e direcionada a eventos em série (HALLIDAY, 1987 [2002]). O falante se posiciona dentro de seu texto, ele se torna um participante ativo que

---

<sup>3</sup> Conjunto de elementos visuais, auditivos e táteis que funcionam como pistas e que permitem às pessoas se movimentarem de um ponto à outro.

<sup>4</sup> *Global Process System*.

deixa explícitos os seus pensamentos, pois por mais que ele tome por empréstimo a fala de outros, ao falar, a sua postura se torna visível.

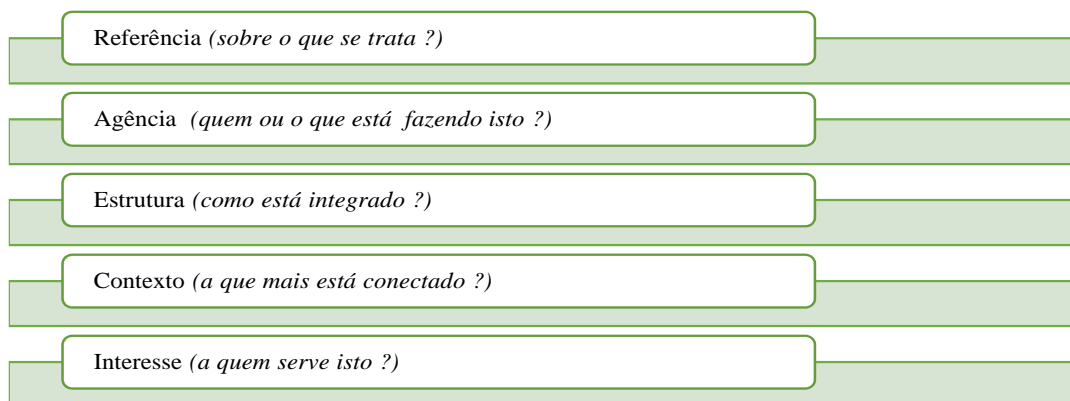
Assim, todas as formas de significado apresentadas trazem suas características distintas, contudo, no fenômeno da multimodalidade, ocorre a transposição de significado, pois o mesmo significado pode ser apresentado de diferentes formas, clarificado por esses autores no processo da “transposição”, que se constitui em perpassar a simples substituição de uma forma por outra, mas trata-se de ser mais uma questão de “sobreposição multimodal onde o leitor construirá um significado composto, usando uma forma e então outra para repetir e estender seu significado sucessivamente ou simultaneamente” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 40, tradução nossa<sup>5</sup>). Assim, os pesquisadores destacam, sobretudo, no fenômeno da multimodalidade, como uma forma poderá complementar o significado através da outra forma buscando uma amplitude do sentido ou poderá ainda apresentar uma redundância de interpretação.

### 3.1.2 Funções de Significado

Halliday (2000 *apud* COPE; KALANTZIS, 2020, p. 01) apontava que uma gramática se trata de um recurso que dá sentido e que engloba uma teoria para uma vida cotidiana. É nesse contexto que se fundamenta a noção do termo função da linguagem como sinônimo de uso da linguagem em Halliday e Hasan (1989), pois é a forma como as pessoas a usam para atingir diferentes propósitos. Envoltos nessa teoria, Cope e Kalantzis direcionaram seus estudos não apenas para as formas que o significado se manifesta, mas aprofundaram-se para entender o que o conteúdo proporciona e quais seus objetivos. Isso é que foi denominado por funções de significado, como tratam esses autores, que se trata justamente de uma gramática funcional por entender como todas as formas de significado já mencionadas anteriormente se convertem e proporcionam significados. Para as funções de significado, os autores estipularam uma ordem para análise das formas que parte de referência, seguida por agência, estrutura, contexto e finalizando com interesse, conforme Figura 9. Contudo, as cinco funções sempre acontecerão em uma mesma forma através de conexões que as ligam.

---

<sup>5</sup> No original: “It is more a matter of multimodal overlay where a sense-maker builds a composite meaning, using one form then another to repeat and extend their meaning, in succession or simultaneously”.

**Figura 9** - Funções do Significado.

**Fonte:** Representação gráfica elaborada pela pesquisadora com base nas Formas de significado de Cope e Kalantzis (2020, p. 72).

Para a constituição teórica dessa gramática funcional, esses autores citam como ponto teórico inicial as metafunções de usos da língua de Halliday (1994), a saber: ideacional, interpessoal e textual, que trazem relação com, respectivamente, referência, agência e estrutura. A essas três primeiras categorias, devem ser consideradas as seguintes perguntas para a construção do significado: sobre o que se trata tal discurso ou o que está sendo representado – referência; quem ou o que está produzindo tal mensagem – agência; como isso está integrado ou como se organiza – estrutura. Contudo, Cope e Kalantzis atribuem mais duas funções, o contexto que traz a pergunta – a que isto está conectado; e interesse – a quem serve isso.

A primeira função, **referência**, responde sobre qual mensagem está sendo produzida no texto. A nomenclatura dessa função é associada diretamente a ela por trazer a possibilidade de **referir-se a** como as coisas materiais ou mentais podem ser representadas através das várias formas do significado, a fim de transmitir e expor uma ideia. Essa função é conceituada por esses autores como “A identificação de entidades e ações, em instâncias particulares ou como conceitos gerais e suas propriedades, incluindo qualidades e quantidades” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 45, tradução nossa). Nesse sentido, o cerne dessa função está na mensagem e na conduta de cada forma que se configura para reportar aos nomes e ações da vida social. Assim, por entidades e ações podemos compreender como os substantivos e verbos nas formas textual e fala. As linhas, cores e formas dentro de uma imagem pode atribuir uma singular qualidade ou ainda estar carregada de um conceito geral.

A função seguinte, **agência**, que tem como alusão a metafunção interpessoal de Halliday (1994), engloba a relação entre os participantes da mensagem. Envolve tanto aqueles que o produzem como aqueles que receberão essa produção. Nesse sentido, Cope e Kalantzis (2020) explanam que todos nós exercemos algum papel em um ato comunicativo, seja o de falante ou

aquele que escuta; o que escreve ou o que vai ler; o que produz ou o que consome. O fato é de que nessa função de significado há sempre uma negociação de conceitos entre os participantes, ou seja, faz-se necessária a realização de uma troca de sentido entre os constituintes de uma interação para que uma relação social se estabeleça e cada um expresse o seu papel dentro de um ato comunicativo (HALLIDAY, 1976). Assim, essa função se estabelece à medida que os interlocutores interagem e há a compreensão recíproca entre participantes. A forma varia o modo como essa interpretação se dá, na língua falada ou escrita do uso do discurso direto e indireto; em gestos corporais de apontar para si ou para o outro; ou diferentes modulações na voz que pode representar uma relação hierárquica. Esses são alguns exemplos citados por esses autores dessa função em algumas formas.

A terceira função fundamentada por esses autores, *estrutura*, se constitui em “Redes de interligação através de significados que criam coerência em texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 46). Essa função possibilita a organização textual de forma que seja reconhecível para seus receptores. Nessa função, pesquisadores atentam, sobretudo, para a recorrência do fenômeno da multimodalidade e transposição de significado. Por mais que a estrutura crie elementos que definirão uma coerência, lógica e coesão para o texto, no mundo digital, a leitura textual não se apresenta de forma linear, mas direciona aproximadamente para seu início e fim através das formas, ao trazer unidades que se organizam por justaposição e se reestruturam para construir significado. Nesse sentido, o elemento de maior destaque na estrutura é o que dará a base necessária para o desenvolvimento textual. Como exemplos da função estrutura na fala temos os conectivos; marcas determinadoras em espaço; cadência e ritmo em som; o funcionamento de objetos; e o posicionamento de elementos em imagens.

São “significados em torno de atos e artefatos do significado”, “são posicionados no tempo e espaço”, “é determinado em parte por tipos de participação no significado, de acordo com os usos para quais os significados são colocados em atos de representação, comunicação ou interpretação” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 47), essas são as maneiras como esses pesquisadores definem a função seguinte intitulada de *contexto*. Assim, essa função constrói significado através do ambiente envolto aos seus participantes, isto é, a natureza de uma ação, de forma que significados diferentes serão atribuídos a depender também dos seus receptores, do tempo e espaço. Em vista disso, para entender uma representação, é necessário esse olhar para o processo e compreender as relações em que os criadores do sentido estão engajados. O contexto está cheio de significado que antes da representação se estabelecesse, esses significados já haviam sido criados anteriormente. Exemplificado por esses autores, na forma

fala ou escrita, preposições e pronomes configuram essa função, bem como nas formas imagem, som ou espaço, que podem ser visualizadas através de comparações.

A quinta função determinada por esses autores é *interesse*, que engloba as motivações para a construção de significação e para quem tal representação textual serviria de interesse, qual seja, “Os propósitos que os participantes do significado trazem de seu contexto de significado para cada situação” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 48, tradução nossa). Essa função, diferente das outras quatro, responderá tanto sobre a objetividade como pela subjetividade das representações, abordando o que está no âmbito mais profundo do participante e como isso influenciará no processo textual. É através dessa função que acontecerá a análise crítica para revelar “interesses que podem ter sido omitidos por meio de ocultação deliberada ou inconsciente” (COPE; KALANTZIS, 2020, p. 48, tradução nossa).

Diante dessa perspectiva, podemos experienciar textos que sejam construídos com duas formas apenas ou ainda ter todas as sete apresentadas que tragam os mesmos significados ou sejam usados para estender essa significação. Contudo, para os linguistas dessa gramática funcional é obrigatória a presença de todas as cinco funções do significado em uma peça textual, bem como o movimento transferencial dessas funções, pois a transposição entre funções, que é o foco dessa gramática, ocorre à medida que nós também mudamos a nossa forma de construir significado. Ou seja, o que parece ter um significado em um determinado momento pode mudar em outro. Todavia, todas as formas podem ser analisadas com base em todas as funções, conforme Quadro 1, que liga formas e funções dentro de uma matriz para análise de significados multimodais.

**Quadro 1 - Matriz da Gramática do Significado Multimodal.**

		Formas de Significado						
		Texto	Imagem	Espaço	Objeto	Corpo	Som	Fala
Funções de Significado	Referência							
	Agência							
	Estrutura							
	Contexto							
	Interesse							

**Fonte:** Quadro adaptado pela autora com base em Cope e Kalantzis (2020, p. 42).

Nesse contexto teórico, será observado como as formas de representação de significado se constroem em uma peça textual para comunicar significados e no comportamento exercido por suas funções.

Diante do cenário teórico da gramática funcional, temos na imagem (Figura 10) que envolve mais de uma forma de significado, logo, trata-se de uma figura multimodal que



comunica através de formas verbais e visuais. As formas contidas nesse discurso direcionam sua audiência para a análise de suas funções de significado. Esse texto comunica através do ambiente digital e traz cinco das sete formas de significado que o ser humano usa para se comunicar, de acordo com Cope e Kalantzis (2020).

**Figura 10** - Imagem de uma propaganda utilizando formas de representação multimodal.



**Fonte:** Disponível em: <https://pindamonhangaba.sp.gov.br/noticias/saude/1703-pinda-segure-decreto-sobre-nao-obrigatoriedade-do-uso-de-mascaras>. Acesso em: 23 abr. 2022.

Nessa imagem, destacamos a forma texto, que são representados pelas letras, *hashtag* e ícones das redes sociais; na forma imagem há a fotografia de uma garota e as cores que foram usadas para dar destaque; também encontra-se a forma espaço na disposição dos elementos que trarão a informação dentro do contexto apresentado; na forma central, objeto é perceptível na imagem, a máscara, que nesta posição está carregada de significado para a nova época que estamos vivendo; no quesito corpo, logo podem ser observadas as expressões faciais da garota. Nessa figura, destacamos a presença da multimodalidade, na qual a integração de variadas formas vai formando e complementando o significado comunicacional da outra para um público.

No que se refere às funções de significado, é possível analisar nessa imagem a função referência, que é a união de todas as cinco formas encontradas no que o anúncio pretende comunicar às pessoas do Estado de São Paulo sobre a liberação do uso de máscara. Isso fica claro com o uso da palavra “flexibilização” antecedida de uma *hashtag* ou “#”, ou ainda jogo da velha, comumente conhecido no Brasil. Esse símbolo é largamente utilizado em redes sociais para organizar os conteúdos de uma mesma categoria, transformando as palavras ou expressões

em *hiperlinks*. A partir dele, ainda é possível que um conteúdo alcance um maior número de pessoas e, conseqüentemente, gere um maior impacto. Da união dessa *hashtag* com o movimento da garota de retirar a máscara complementa-se a mensagem que esse Estado está oferecendo às pessoas a liberação do uso de máscaras.

Em termos de Agência, o elemento receptor poderá refletir sobre o conteúdo dessa mensagem ao observar o destaque que é dado à frase “**TODOS OS AMBIENTES**”. Nessa função, há um maior controle do produtor da mensagem sobre o seu leitor através do realce conferido a frase em destaque. Espera-se que o leitor seja impactado através dessas cores e, assim, compreenda o que se deseja comunicar: que a partir desse momento em todos os ambientes o uso de máscara será liberado, ainda que em uma informação mais abaixo o receptor seja informado de dois locais onde ainda exista sua obrigatoriedade. Será adicionada ainda mais informação sobre o conteúdo através da forma corporal exercida pela garota, como o seu sorriso, por meio do qual podemos inferir que essa ação (da flexibilização quanto ao uso das máscaras) trará uma grande felicidade para os cidadãos.

A estrutura dessa imagem traz uma sequência lógica que respeita a ordem que se deseja trazer as informações. Logo, na parte superior esquerda encontra-se o uso da *hashtag* para atrair atenção do leitor, principalmente do leitor jovem e atento às redes sociais sobre aquela nova informação que virará uma tendência. Nesse sentido, as informações trazidas se conectam, trazendo coerência e também causam uma repetição da mesma mensagem que pode ser observada através do movimento da garota de retirar a máscara mais o texto exposto sobre a desobrigação do seu uso. Na parte inferior do poster, é observado a bandeira de São Paulo, bem com o nome do Estado está em destaque, conferindo que aquela mensagem traz o conteúdo para um público específico.

A respeito da função contexto, podemos estabelecer dois momentos para essa imagem. O primeiro quando o governo lançou normas obrigando o uso de máscaras e quando em um segundo momento está liberando sua população dessa obrigação, que é para quem essa imagem está direcionada. O período que já se visualizava o fim da pandemia ou pelo menos de seu controle e a ação da liberação da máscara remete a um momento no qual as pessoas podem sentir-se mais seguras para andar em ambientes externos sem o uso da máscara.

Assim, na função de interesse, podem ser questionados os motivos para o governo liberar o uso de máscara, expondo a expressão “**EM TODOS OS AMBIENTES**”, uma vez que mais abaixo ele deixa claro que não será realmente em todos os ambientes. Isso poderá gerar uma confusão no participante-leitor, visto que traz uma contradição da informação, e o leitor que se identificava com aquela mensagem poderá ficar perdido ao não usar máscara em um

transporte público por não ter observado as informações menores do *poster*. Outro questionamento que pode vir é sobre se se trata de ser o momento certo para tal liberação.

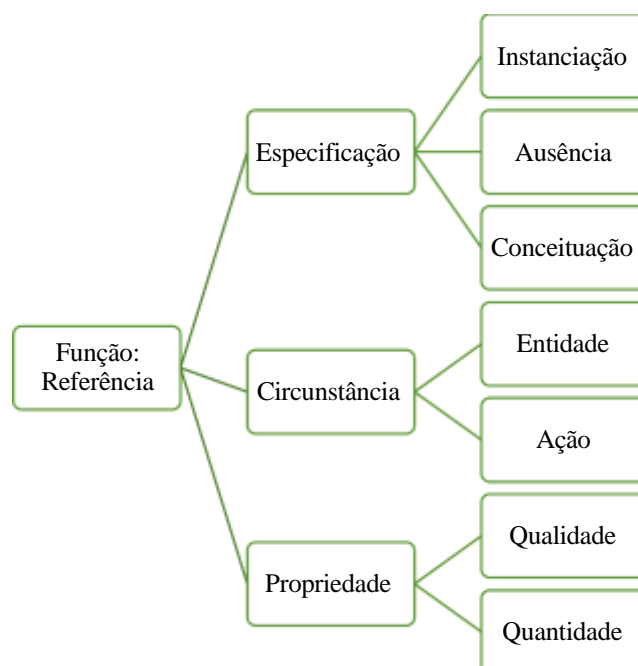
Após um resumo das funções de significado e apresentação de como estão os elementos em uma representação para expressar sentido, no tópico seguinte vamos nos aprofundar no conceito exposto pela primeira função dessa gramática de transposição.

### 3.1.2.1 Função do significado: Referência

Na perspectiva teórica de Cope e Kalantzis (2020), as cinco funções de significado são constitutivas em qualquer texto e, portanto, ocorrem simultaneamente para a produção de significado. Porém, dentro da contextualização da nossa pesquisa em lexicografia multimodal é que vamos dar um enfoque na primeira função, por tratar diretamente para o reconhecimento do que se pretende conceituar em uma representação, isto é, a função referência e seus processos, conforme Figura 11.

Na função *Referência*, a representação e comunicação humana está orientada para o conteúdo, ou seja, sobre o que se deseja falar ou expor o que está acontecendo, e a compreensão se dará a partir da forma que está sendo retratada ou de uma combinação de formas. Essa função é representada através de três componentes, a saber: especificação, circunstância e propriedade. Ademais, é classificado dentro de um sistema transposicional da gramática multimodal, ou seja, também ocorrerá um movimento dentro das funções para instanciar significado.

**Figura 11** - Função referência e seus processos.



**Fonte:** Representação gráfica elaborada pela pesquisadora com base nas Formas de significado de Cope e Kalantzis (2020).

O primeiro processo que expressa referência é a Especificação, o qual trata-se “da identificação de alguma coisa” (COPE; KALANTZIS, 2020). Assim, esse processo divide-se em *instanciação*, quando se usa um elemento que representará um exemplo singular, como no caso da forma texto, na qual podemos encontrar um substantivo próprio, ou seja, um nome que designa uma pessoa em particular. Em se tratando do modo visual, podemos contar com uma foto dessa mesma pessoa ou ainda um jargão que é utilizado e prontamente já remete a alguém.

Para uma definição consistente do sistema de *conceituação*, Cope e Kalantzis (2020, p. 101, tradução nossa) explicam que este se trata de uma “Representação de mais de uma coisa, um grupo de coisas significativamente denominadas por sua generalidade”. Em outras palavras, quando um determinado grupo compartilha características específicas, integra vários elementos a uma categoria, quando há uma repetição de sons, ou uma forma de falar de uma determinada região são maneiras referenciais de abrangência maior para esta segunda sistemática, o que se trata de uma conceptualização.

Os dois primeiros sistemas caracterizam-se pela presença de elementos constituintes que são modelos usados para exemplificar ou conceituar, contudo, ainda é identificável no processo de especificação que a ausência de um elemento também será de grande importância para a construção da experiência humana na linguagem, esse item é o da *ausência*. Logo, a falta de uma parte corporal, o silêncio, o vazio, o espaço em branco ou uma elipse, são exemplos dessa sistemática.

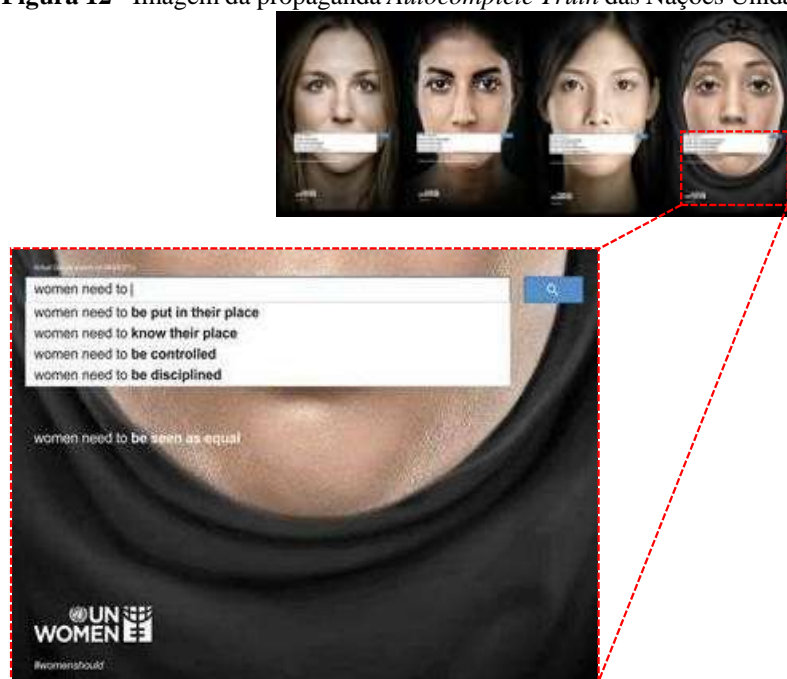
Através dos elementos presentes no primeiro processo, nós podemos compreender a experiência vivida por esses elementos a partir do segundo processo, isto é, o da circunstância. Sua subdivisão está em *entidades* e *ações*, em que um para se firmar terá o complemento com o outro. Dessa maneira, para ser um escritor, precisa-se exercer a ação de escrever, portanto, os modelos e conceitos poderão referir-se a entidades e ações e suas transposições de modo que as ações podem tornar-se entidades, bem como o sentido inverso. Na forma texto, para que um substantivo se estabeleça como tal, é necessário que este produza uma ação. Ou ainda no campo corporal é possível que um gesto se estabeleça como a ação de uma entidade. Assim, nessa gramática multimodal, esses aspectos estão sempre dispostos à troca de lugares à medida que um exemplar está a um passo de ser conceituado, bem como um conceito de ser exemplificado, de forma que esse mesmo movimento ocorra com entidades e ações (COPE; KALANTZIS, 2020).

Complementando a função referência, encontra-se o processo da propriedade que enfatiza o modo vivenciado pelas entidades e ações. Cope e Kalantzis (2020, p. 135) definem esse processo como a caracterização de um elemento, seja em sua singularidade ou em sua pluralidade. Esse terceiro processo de referência traz as propriedades constituintes das entidades e ações. Sua subdivisão refere-se à *quantidade* e *qualidade*. Esses autores estipulam que observemos os seguintes quesitos para a sistemática que expressa qualidade: as luzes, sons, cores, material, textura, sabor, ênfase em determinado som, dentre outras características que adjetivam as atividades sensoriais humanas.

O sistema de quantidade avalia os requisitos através de uma subdivisão, que os outros chamaram de nomear, contar e medir. Essas análises ocorrerão com as entidades, ações e o próprio processo de qualificação. A sistemática da quantidade se mostra dificultosa pelos próprios autores na separação da sistemática de qualidade, pois ao passo que sete em um número e pode qualificar ele também pode quantificar. Assim, as entidades, os conceitos e as qualidades serão a pluralidade dos elementos, como números, mapas, temperaturas, volume, entre outros aspectos que indicarão uma relação com a práxis humana.

Posto isso e explanado sobre a função referência proposta por Cope e Kalantzis (2020), seguimos para a análise de um poster de campanha. Ao observar a Figura 12, podemos identificar como essas subcategorias se realizam dentro da propaganda e como a mesma mensagem é repassada diversas vezes, utilizando diferentes formas, bem como sua transposição.

**Figura 12** - Imagem da propaganda *Autocomplete Truth* das Nações Unidas.



**Fonte:** Adaptado de <https://www.unwomen.org/en/news/stories/2013/10/women-should-ads>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Essa campanha, de 2013, das Nações Unidas Mulheres, intitulada “*The Autocomplete Truth*” traz uma série de anúncios que expõem a predominância do sexismo e discriminação contra as mulheres. Essa propaganda se deu a partir da realização de uma pesquisa no site Google, usando as expressões “*women should*”; “*women shouldn’t*”; “*women cannot*”. Em tradução livre significaria “mulheres devem”, “mulheres não devem” e “mulheres não podem”. As opções que o site sugeriu foi o que mais chamou atenção por expor uma quantidade de sentimentos negativos e estereótipos para a mulher. Ao se utilizar a função referência e seus processos, foi possível identificar como as formas de representação se integram e comunicam significado dentro da função referência.

No Quadro 2, pode ser visualizado um exemplo das funções que os elementos emitem da propaganda *Autocomplete Truth* das Nações Unidas, de acordo com a função referência. O texto traz uma campanha que promove uma causa social na qual a mulher é colocada em um espaço de inferioridade na sociedade. Assim, é possível identificar diversos elementos que indicarão ausência, pois é justamente esse quesito que é retratado, a ausência da igualdade de gêneros.

**Quadro 2 -** Análise das formas de significado na peça multimodal na função referência.

FUNÇÃO: REFERÊNCIA							
<i>Forma</i>	<i>Text</i>	<i>Imagem</i>	<i>Espaço</i>	<i>Objeto</i>	<i>Corpo</i>	<i>Som</i>	<i>Fala</i>
<i>Processo: Especificação</i>							
<i>Instanciação</i>	Google; the place	A aparência de mulher	Escurecido ao redor	A lupa	A mulher		
<i>Conceituação</i>	women; Their place; as equal	O gênero feminino;	Qualquer lugar e todos os lugares	Aba destinada a fazer pesquisas	As mulheres		
<i>Ausência</i>	Preenchimento automático do texto	Uma parte da mulher falta na imagem	Não há identificação do espaço		ausência da boca da mulher;	Ausência do órgão que produz voz	a proibição da fala
<i>Entidade</i>	Women; Place	O volume quase total da figura com um só elemento.	Sem espaços sobrando	Maquiagem	Aparência física das mulheres; vestimentas		
<i>Ação</i>	Need; Put; Know; Be; Seen	Foco central	Inércia		Inativa		
<i>Qualidade</i>	Controlled; Disciplined; Equal;	Direcionando o olhar para o leitor;	“buraco negro”		Sensação de impotência		
<i>Quantidade</i>	UN	Imagem em primeiro plano	Área indefinida				

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Cope e Kalantzis (2020).

Na parte textual escrita, observa-se a não-continuação da frase na aba de pesquisa do Google, assim, esse espaço em branco fica alheio às opções que o site oferece como opções de pesquisa no buscador Google, que tem notoriedade nessa categoria. De tal forma, por ser um site global, indica um problema também global, logo, justifica as razões para a importância dessa campanha. O termo “*women*”, que significa mulheres, e a imagem da mulher representam não apenas um só exemplo dessa mulher na foto como ser individual que tem seu direito negado, mas abrange todas as mulheres, visto que o termo está no plural, indicando que todas as mulheres enfrentam discriminação por seu gênero.

A repetição da mensagem explanada será percebida ainda através das formas corporais das participantes, em que observamos quatro mulheres de diferentes características fenotípicas, além das roupas que mostram um traço indicador de religiosidade. Assim, pode ser compreendido que a mulher da foto traz a representação dela mesma, visto que ela também faz parte desse grupo, mas também representa todo um grupo que, não importando a sua origem, sofre com alguma forma de atitude sexista da sociedade.

Essa campanha revela, através de diversas formas, como um tema é retratado, quais processos estão sendo usados dentro do texto, que muitas vezes são necessários para ativar sensações do subconsciente para gerar compreensão textual, logo, na ausência, no que não está explícito também há mensagem. A posição que se encontra a aba do buscador trará novamente

o cerne da campanha. A ausência da visualização da boca das personagens indica que estas não têm a possibilidade de articular a fala nesta sociedade, pois a boca está encoberta e, ainda que elas tenham voz, não falam.

Ainda observando as formas corporais, o olhar das mulheres não expressa uma alegria ou satisfação, e estão rodeadas por um ambiente escuro. A posição ocupada pela mulher tradicionalmente já não é mais a mesma, pois o mundo está mudando, ele está em constante mudança e transformação. Portanto, discussões como estas são necessárias, pois algo que até então não era alvo de ser discutido o mundo digital colocou em evidência.



## 4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam nosso estudo. Inicialmente, caracterizamos a pesquisa, justificamos a escolha do nosso objeto de estudo e, por fim, apresentamos o caminho da pesquisa, que culminou nas análises acerca do fenômeno multimodal. Por estarmos centradas na temática do nosso trabalho, em conhecer como os meios semióticos têm sido usados para definir vocábulos em um dicionário em vídeo *online*, é que se buscou realizar uma análise interpretativa dos elementos em um *corpus* de fenômenos multimodais a partir da teoria da multimodalidade da Gramática de Transposição proposta por Cope e Kalantzis (2020), para assim conceituar e analisar os verbetes multimodais.

### 4.1 Caracterização da pesquisa

Nosso estudo se desenvolveu dentro da linha de pesquisa “Estudos do Multiletramento e Multimodalidade” e demonstrou novas nuances da composição de verbetes multimodais no dicionário *online* monolíngue *vidtionary.com*, a fim de contribuir para pesquisas que exploram a construção do significado na era multimodal e digital. Para alcançar nosso objetivo de revelar como o significado é construído pela transposição das diferentes formas semióticas é que realizamos um estudo descritivo de abordagem qualitativa na análise de seus dados.

De acordo com Trivinos (2008), a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever, minuciosamente, fenômenos de uma determinada realidade para que se compreenda o objeto de determinada investigação. Segundo Miles, Huberman e Saldana (2014) definem, neste tipo de pesquisa são utilizadas coleta e análise de dados com base em informações, documentos e artefatos. É nessa perspectiva que se encontra o propósito de nossa pesquisa, que é a descrição, classificação e elucidação do fenômeno de transposição entre as formas de significado dentro da função referência em verbetes multimodais do dicionário *online Vidtionary.com*.

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa para explicar tais definições multimodais. Segundo Godoy (1995, p. 58) a pesquisa qualitativa “[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem empregar instrumentos estatísticos na análise de dados”. E completa citando que ela “Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos [...]”. Além disso, Denzin e Lincoln (2006) enfatizam que, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo. Assim, após a apropriação do fenômeno surge então as possibilidades de interpretação. Esse conceito é

análogo a teoria de Cope e Kalantzis (2020) quando afirmam que a interpretação é a construção a partir das relações entre os elementos presentes dentro da comunicação multimodal.

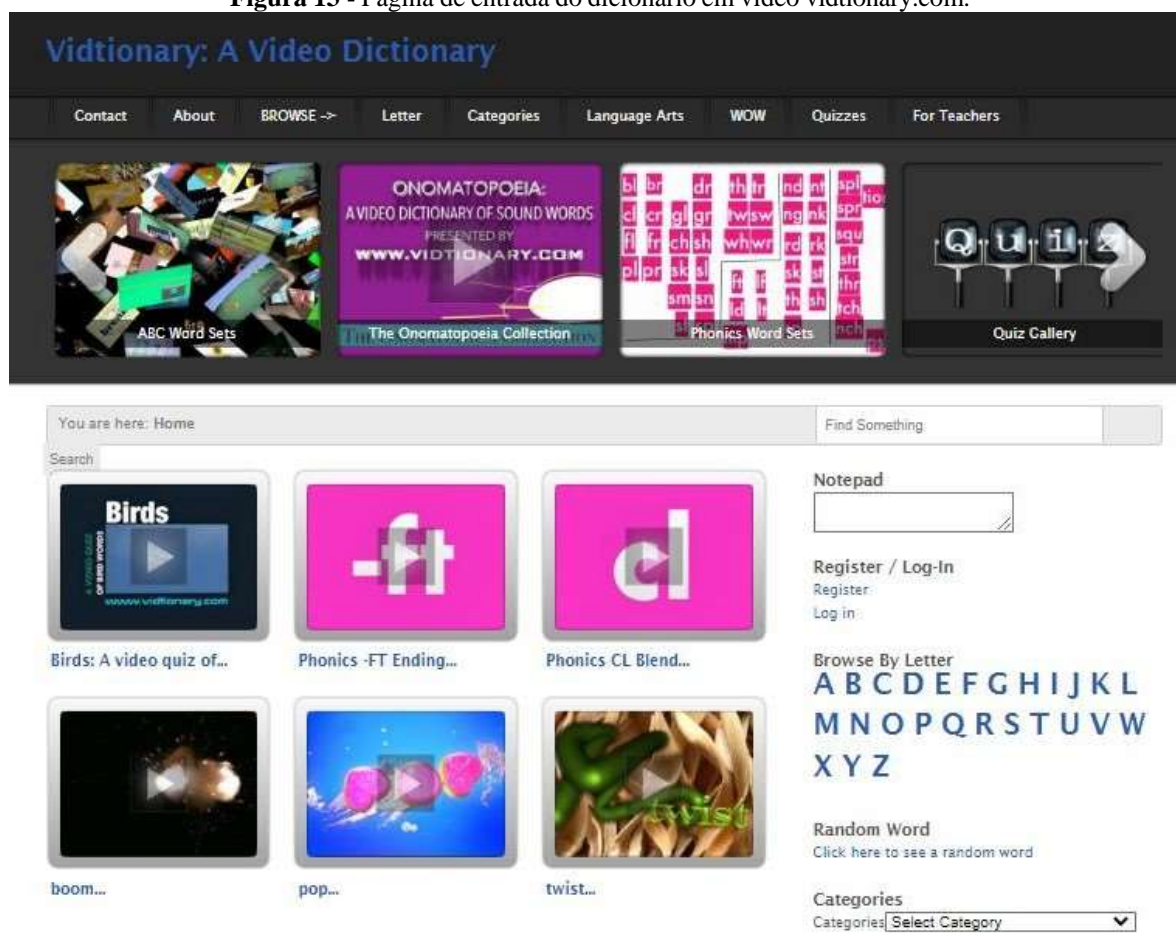
Desse modo, nesse tipo de pesquisa se estuda a realidade socialmente construída na tentativa de se interpretar fenômenos através da coleta, análise e interpretação dos dados. Assim, para os dados coletados na nossa investigação, descrevemos como as formas de significado se articulam por meio dos processos de especificação (instanciação, ausência e conceituação), circunstância (entidade e ação) e propriedade (qualidade e quantidade) que estão agrupados na função referência da Gramática de Transposição de Cope e Kalantzis (2020).

Por fim, nesta pesquisa, direcionamos nosso olhar para a descrição e interpretação do nosso objeto de estudo, que são os verbetes multimodais do dicionário *online vidtionary.com*, a fim de realizarmos uma reflexão acerca dos elementos reunidos nessa composição multimodal e compreendermos como as formas semióticas de significação na função referência se realizam, construindo significado. No próximo tópico, discorreremos sobre os motivos para a escolha do vídeo-dicionário multimodal *vidtionary.com* como nosso objeto de estudo.

#### **4.2 Escolha do objeto de estudo**

Para esta pesquisa, escolhemos o vídeo-dicionário monolíngue de língua inglesa de formato *online vidtionary.com*. A escolha desse objeto de estudo se deu tendo como base a era multimodal na qual estamos envolvidas e por este conter diversas formas semióticas nos seus verbetes para composição dos seus significados. Em nossas pesquisas, não encontramos outro modelo que também use de tantos meios semióticos para definir palavras. O próprio site defende e afirma que esse vídeo-dicionário é uma ótima ferramenta tanto para o aprendiz da língua como para professores, pois conta com uma aba repleta de materiais didáticos destinada a este profissional (*for teachers*) e ainda conta com outras funcionalidades que tornam a experiência de aquisição da língua mais dinâmica, como *quizzes*, palavras terminadas com determinadas letras, a palavra do dia, entre outras, como consta no próprio suporte e pode ser visualizado na imagem da Figura 13 a seguir.

Figura 13 - Página de entrada do dicionário em vídeo vidtionary.com.



Fonte: Video Dictionary: Vidtionary. Acesso em: 24 jun. 2022.

O título do dicionário, formado pela aglutinação das palavras de língua inglesa “*video*” e “*dictionary*” entrega justamente a proposta deste dicionário, ou seja, um dicionário em vídeo. As cenas variam em sua duração, porém possuem em média vinte segundos e durante esse tempo a semântica do vocábulo é explorada e ilustrada de diversas formas. O acesso das palavras pode ser através da forma já convencional em dicionários impressos, ordem alfabética, ou por categorias de palavras, visto que essa segunda maneira é mais usual em meios eletrônicos lexicográficos, e ainda é possível a busca de palavras pelas suas formas de uso na língua.

No próprio site encontramos uma aba (*About*) que esclarece diversas questões do porquê de se usar esse modo visual para significação. Como se trata de um dicionário em versão digital, é importante ressaltar que várias atualizações são feitas desde sua criação, em 2007, o que faz com que o conteúdo ou *layout* anteriores se percam. Contudo, as informações aqui presentes foram reunidas a partir de 24 de junho de 2022, pois foi observado no decorrer do estudo que o dicionário fez algumas modificações desde a criação do projeto da nossa pesquisa para a data atual. Todavia, essas atualizações não interferem no objetivo principal da nossa pesquisa, visto

que as atualizações referem-se principalmente à organização das palavras, tornando o acesso mais rápido, bem como houve a inclusão de verbetes e ainda foi estipulado acesso restrito a algumas palavras apenas para aqueles que fizerem registro e *login*, os quais são grátis.

Esse dicionário, pensado inicialmente em 2006, pelo professor de língua inglesa Donald Anderson, durante seus estudos de mestrado e colocado em prática desde 2007, justifica-se pelo fato da dificuldade de definição de uma palavra usando apenas a forma verbal, de modo que o visual traria uma compreensão de maneira mais significativa, pois algumas palavras como *jump* ou *ball*, pular ou bola, respectivamente, seriam melhor definidas se pudessem ser acrescidas outras formas semióticas para a sua definição.

Em vista disso, essa obra lexicográfica eletrônica apresenta-se como uma ferramenta útil para o estudo da definição de verbetes em ambiente digital, haja vista que as formas semióticas não são usadas isoladamente para compor um significado, mas estão na dimensão da multimodalidade, ou seja, estão combinadas de uma maneira que uma forma apoie a outra na representação. Assim, avançamos nossa pesquisa para o processo da escolha dos verbetes no tópico seguinte.

### **4.3 Procedimento de seleção *corpus***

A seleção do *corpus* é uma fase essencial na pesquisa, pois essa escolha irá ajudar a responder as perguntas dessa investigação. Antes de passarmos para o momento da análise de dados, vamos expor a coleta de dados.

#### **4.3.1 Coleta de dados**

Em nossas pesquisas pelo site *vidtionary.com*, observamos uma evolução na quantidade de verbetes, desde o início de nossa pesquisa. O site informa que em 2010 havia cerca de 60 entradas e em 2013 esse valor cresceu substancialmente, alcançando o número de mais de 400 verbetes. Ainda que o *site* tenha recebido uma atualização no ano de 2022, não há uma informação esclarecendo a quantidade de palavras definidas atualmente, logo, fizemos uma pesquisa pela aba *letter*, onde as palavras estão dispostas por ordem alfabética e encontramos a quantia de 1570 verbetes, conforme o Quadro 3 a seguir.

**Quadro 3** - Quantidade de verbetes organizado por ordem alfabética.

Letras	Número de verbetes	Letras	Número de verbetes
A	58	N	32
B	136	O	39
C	158	P	114
D	62	Q	17
E	41	R	48
F	88	S	171
G	53	T	106
H	74	U	14
I	37	V	13
J	35	W	59
K	24	X	06
L	66	Y	14
M	92	Z	13
<b>Total de verbetes</b>		<b>1570</b>	

Fonte: Elaborado pela autora com base no site *vidtionary.com* (2022).

O *corpus* é composto por nove verbetes retirados do dicionário em vídeo *vidtionary.com* que está instalado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.vidtionary.com/>. Para a escolha do *corpus* desta investigação, centramo-nos na problemática da pesquisa em reconhecer como as formas semióticas interagem construindo significado. De tal modo, para a escolha dos verbetes a serem analisados, levamos em conta a organização por categorias (*category*) de palavras no vídeo-dicionário, o modo de pesquisa mais comum em dicionários eletrônicos e digitais. No momento em que fizemos essa escolha, o vídeo-dicionário contava com 17 categorias de palavras. Por se tratar de um *software*, as atualizações são feitas de forma rápida e às vezes imperceptível.

Centradas no contexto multimodal e digital, seguimos os seguintes critérios para elegermos os vocábulos a serem analisados: 1) escolher a partir da primeira categoria o primeiro verbete que defina o vocábulo através da forma texto, visto que esta trata-se da forma mais usual para definição em dicionários e encontra-se como a primeira forma de significado no “supermercado” imaginário dos autores Cope e Kalantzis (2020), a ser usada para comunicar algo. E, seguindo a perspectiva das representações multimodais em que os significados podem ser “re-comunicados” através de outras e variadas formas é que temos o segundo critério de escolha: 2) o verbete precisa ter pelo menos outras três formas de significado, podendo ser

imagem e/ou espaço e/ou objeto e/ou som e/ou corpo e/ou fala. Assim, chegamos ao Quadro 04, apresentado abaixo.

**Quadro 4 -** Primeiro verbete em cada categoria a seguir os critérios para análise.

<b>Categoria</b>	<b>Vocábulo</b>	<b>Formas semióticas</b>
<b>Animals (Animais)</b>	Ant (formiga)	Texto, imagem, espaço, objeto, som, fala
<b>Appearance (Aparência)</b>	Black (preto)	Texto, imagem, espaço, objeto, fala
<b>Color</b>	Blue	Texto, imagem, espaço, objeto, fala
<b>Habitat</b>	Não tem verbete com forma texto	
<b>Material</b>	Bubble (bolha)	Texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som, fala
<b>Food (comida)</b>	Apple (maçã)	Texto, imagem, espaço, som, corpo, fala
<b>Fruit (Fruta)</b>	Apple (maçã)	Texto, imagem, espaço, som, corpo
<b>Geography (Geografia)</b>	Cliff (penhasco)	Texto, imagem, espaço, som, fala
<b>Job &amp; occupations</b>	Não tem verbete com a forma texto	
<b>Object (objeto)</b>	Anchor (âncora)	Texto, imagem, espaço, objeto, som, fala
<b>Places (lugares)</b>	Aquarium (aquário)	Texto, imagem, espaço, objeto, som, fala
<b>Seasons (estações do ano)</b>	Autumn (Outono)	Texto, imagem, espaço, som, fala
<b>Shapes (formas)</b>	Circle (círculos)	Texto, imagem, espaço, objeto
<b>Sports and games (esporte e jogos)</b>	Ball (bola)	Texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som, fala
<b>Transportation (meios de transporte)</b>	Airplane (avião)	Texto, imagem, espaço, objeto, som, fala
<b>Water (água)</b>	Aquarium (Aquário)	Texto, imagem, espaço, objeto, som, fala
<b>Weather (Clima)</b>	Autumn (Outono)	Texto, imagem, espaço, som, fala

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir do *site vidtionary.com*.

Observando a repetição de verbetes a partir dos critérios de escolha, optamos pela redução através dos seguintes critérios: 1) eliminar os verbetes que sejam repetidos; 2) eliminar o segundo verbete que compartilhe do mesmo valor semântico de alguma outra categoria. Assim, chegamos ao número de nove verbetes para nossa análise, conforma Quadro 5 a seguir.

**Quadro 5** - Verbetes do *corpus* a ser analisado especificando a categoria e as formas de significado usadas na representação.

<b>Categoria</b>	<b>Vocabulo</b>	<b>Formas semióticos</b>
<b>Animals (Animais)</b>	Ant (formiga)	Texto, imagem, espaço, som e fala
<b>Appearance (Aparência)</b>	Black (preto)	Texto, imagem, espaço, objeto e fala
<b>Material</b>	Bubble (bolha)	Texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala
<b>Food (comida)</b>	Apple (maçã)	Texto, imagem, objeto, espaço, som, corpo e fala
<b>Geography (Geografia)</b>	Cliff (penhasco)	Texto, imagem, espaço, som e fala
<b>Object (objeto)</b>	Anchor (âncora)	Texto, imagem, espaço, objeto, som, fala
<b>Shapes (formas)</b>	Circle (círculos)	Texto, imagem, espaço, objeto e fala
<b>Sports and games (esporte e jogos)</b>	Ball (bola)	Texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala
<b>Transportation (meios de transporte)</b>	Airplane (avião)	Texto, imagem, espaço, objeto, som e fala

Fonte: Elaborado pela autora a partir do *site vidtionary.com*.

No próximo item, dirigimo-nos a conhecer os procedimentos usados nas análises dos verbetes.

#### 4.4 Procedimentos de análise dos dados

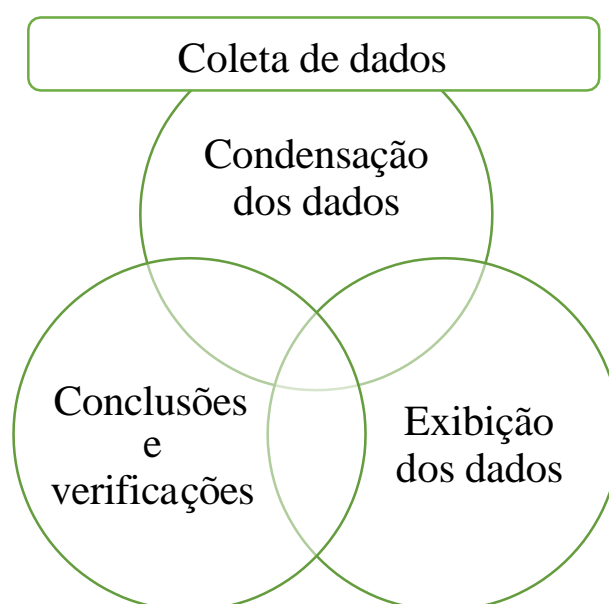
Neste momento, partimos para explicar os procedimentos de análise de dados seguindo o modelo interativo de Miles, Huberman e Saldna (2014). Os três processos ocorrem após a fase da coleta de dados revelando a descrição, análise e interpretação dos verbetes multimodais selecionados. Esse modelo permitiu que fizéssemos um movimento contínuo e alternado entre os três processos, identificando, descrevendo e sintetizando os elementos na representação dos verbetes multimodais culminando na conclusão de nossa investigação.

É necessário que nós, pesquisadoras, sabendo da existência de variadas abordagens, façamos a escolha de uma modelo consoante aos nossos objetivos de identificar, descrever e interpretar os dados coletados, proporcionando o entendimento da multimodalidade no *corpus*

escolhido (CRESSWELL, 2007). Portanto, utilizamos o modelo interativo de análise de Miles, Huberman e Saldana (2014), seguindo os passos descritos segundo a Figura 14.

Observando a Figura 14, ainda que esse modelo seja para a análise de dados, ele parte da coleta e da relação existente entre esta e os outros passos. A análise dos dados ocorre em três processos depois da escolha do *corpus* em um movimento contínuo que permite voltar entre as etapas para observação de outros elementos, que resultam nas conclusões da pesquisa.

**Figura 14** - Movimento dos dados na análise.



**Fonte:** Adaptado do Modelo Interativo de Miles *et al.* (2014).

#### 4.4.1 Condensação dos dados

A condensação dos dados é a primeira etapa desse modelo que se trata de descrever, resumir, focalizar, selecionar e transformar as informações coletadas de modo que seja possível a exploração do conteúdo dos dados (MILES *et al.*, 2014).

Nesta etapa, a pesquisadora assistiu aos verbetes em vídeo repetidas vezes, mudando a maneira como este se apresentava. Primeiramente, apenas as formas aurais, depois visuais sem o som e finalmente em seu estado normal. Também foi modificada a velocidade do vídeo para que assim pudessem ser identificadas as diferentes formas semióticas em uso. Também foram feitas anotações detalhadas das sensações em cada momento, objetivando a identificação das formas de significado na teoria da gramática de transposição. Por fim, foram tabulados os elementos inerentes às representações, demonstrando suas manifestações nos verbetes dentro da função referência de Cope e Kalantzis (2020).



#### 4.4.2 Exibição dos dados

Esta etapa consiste na organização e exibição dos dados através de gráficos, tabelas, redes e outros de forma estruturada e condensada facilitando a visualização e compreensão sobre determinada investigação pois esse formato visual identifica semelhança e diferenças (MILES *et al.*, 2014).

Utilizamos o *framework* de Cope e Kalantzis (2020), conforme Quadro 06, para descrevermos como os elementos se manifestam na representação, efetivando a transposição do significado no verbete na função referência e seus processo (instanciação, conceituação, ausência, entidade, ação, qualidade e quantidade).

**Quadro 6** - Formas e Função utilizadas para análise do corpus com base na gramática transposicional de Cope e Kalantzis (2020).

Forma	Text	Imagem	Espaço	Objeto	Corpo	Som	Fala
<b>Função: Referência</b>							
<b>Instanciação</b>	Substantivo no singular, nome próprio, "A, O...", um identificador alfanumérico	Uma aparência ou imagem inteligível de algo	Um lugar qualquer, espaço em particular	Um objeto presente, um item, algo	Uma pessoa	Sons distinguíveis, sons que representam algo	Um ato de fala
<b>Conceituação</b>	Um substantivo no plural, uma generalização de um substantivo comum, qualquer ou todo de algo, um classificador de identificadores alfanuméricos	Uma imagem que representa um tipo de coisa ou mais de uma coisa	Um tipo de espaço	Um tipo de objeto ou produto	Pessoas, povos no geral	Um som em repetição ou um som simbólico	Uma maneira de falar ou um tipo de ato de fala
<b>Ausência</b>	Elipses, não marcadores	Espaço em branco, algo faltando na imagem	Espaço vazio, algo faltando na imagem	Um objeto não-presente	Não-presença de uma pessoa em corpo ou referência para seu corpo	Silêncio, falta de som	Mudo, sem fala, não mencionado
<b>Entidade</b>	Substantivos	Pontos, volumes	Espaços	Em repouso, partes do todo	Aparência (fenótipo, roupa)	Sons de estados	Nomear, descrever
<b>Ação</b>	Verbos	Vetores	Fluxos	Em uso, mecanismos em funcionamento	Gesticulação	Sons de atividade	Atos de fala
<b>Qualidade</b>	Adjetivos e advérbios	Formas, cores, linhas visíveis, direção, volume	Material, forma, formato, extensão	Forma, massa, composição, textura	Sensações: calor, frio, prazer, dor, sabor, cheiro	Pitch, volume, ritmo, timbre	Ênfase fônica para descrever palavra e frases
<b>Quantidade</b>	Números, variáveis, matemática, símbolos, equações	Diagrama, mapa, plano	Área, distância, direção, geometria	Dimensão, volume, peso, química, física	Temperatura e outras sensações quantificáveis	Nota musical, gravação de som digital	Maneira da fala, pluralidade

**Fonte:** Adaptado de Cope e Kalantzis (2020).

Nessa etapa, retomamos ao passo anterior para a verificação e adição de dados necessários para a análise. Tais formas de significado serão descritas e classificadas para então serem explicadas através da função referência e seus processos, de forma que observaremos o movimento de transposição entre as formas semióticas dentro do contexto da multimodalidade na composição dos verbetes. Ou seja, como o significado pode ser representado por diferentes formas e nunca da mesma maneira.

Em seguida, classificamos como as formas se manifestam nos verbetes dentro da função referência e seus processos na representação dos verbetes, provocando significação segundo os autores Cope e Kalantzis (2020), conforme Quadro 6. Por fim, realizamos uma síntese, descrevendo o significado comunicado pelo movimento de transposição entre as formas semióticas presentes nos verbetes através da função referência.

#### 4.4.3 Conclusão e Verificação

Esta etapa tem início desde o princípio da coleta de dados, quando são possíveis conclusões iniciais a respeito do estudo quando a pesquisadora sinalizou a temática, objetivos e dados (MILES *et al.*, 2014). Essas conclusões iniciais precisam ser verificadas através da revisão de literatura e dados, observando a plausibilidade, confirmabilidade e confiabilidade dos dados coletados, isto é, a validade da pesquisa.

Assim, a plausibilidade da nossa pesquisa está desde a escolha temática em estudar a multimodalidade em uma obra lexicográfica *online*, bem como foram acatadas as sugestões e orientações da banca e professora orientadora. No quesito de confirmabilidade, foi seguida uma sistemática para coleta e análise dos dados que foram anteriormente relatadas na exibição dos dados. Por se tratar de um estudo com análise interpretativa dos dados, estivemos conscientes sobre como nossos valores pessoais, inferências, interpretações e suposições podem interferir na produção científica, de modo que durante a nossa análise relacionamos os achados com a teoria da gramática de transposição aqui estudada. Por fim, a confiabilidade desta pesquisa qualitativa pode ser observada pela escolha da natureza e abordagem metodológica desta investigação que respondeu às inquietações iniciais e chegou ao alcance do objetivo.

Apresentados todos os caminhos metodológicos da nossa pesquisa, direcionamo-nos para o próximo capítulo, cujo objetivo é classificar, descrever e discutir os verbetes multimodais.

## 5 DESCRIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS VERBETES MULTIMODAIS

Neste capítulo, trataremos da análise dos verbetes multimodais do dicionário *online vidtionary.com* selecionados como *corpus* de estudo. É neste momento que destacaremos como as formas de representação comunicarão significado, seja de forma completa ou amparando-se em outra forma semiótica no processo de definição nos verbetes em vídeo.

### 5.1 Vídeo-verbete da entrada *ant* (formiga)

Neste verbete de duração de dezoito segundos, a multimodalidade é observada através das formas semióticas texto, imagem, espaço, objeto, som e fala da entrada formiga (*Ant*) que é pertencente a categoria de animais (*Animals*). Logo abaixo, na Figura 15, podem ser visualizados alguns *frames* que foram retirados do vídeo, o *link* para acesso ao vídeo-verbete no *site* e a definição através da forma texto para composição da análise e síntese do verbete em estudo.

**Figura 15 - *Ant* / *Vidtionary: A Video Dictionary*.**



**Definition:** Any of various insects in the family Formicidae in the order Hymenoptera, typically living in large colonies composed almost entirely of flightless females.

**Part of Speech:** noun

**Example Sentences:**

The ants carry the pieces of fruit along the sidewalk.

The man accidentally stepped on an ant hill.

**Fonte:** Adaptado do *site vidtionary.com*.

Na composição do verbete referente à forma texto, observamos informações detalhadas por contar com três seções, uma de definição (*definition*), a classificação gramatical da palavra (*part of speech*) e a de exemplificação (*Example sentences*) com frases que circundam o universo deste vocábulo. Em tradução nossa, o significado através da forma texto desta entrada, a categoriza como sendo um substantivo, e define que esse vocábulo representa qualquer inseto da família *Formicidae* e da Ordem *Hymenoptera*, que tipicamente vive em grandes colônias compostas quase que inteiramente por fêmeas que não possuem a habilidade do voo. Já nos exemplos, encontramos as seguintes informações: “Formigas carregam pedaços de frutas pela calçada” e “O homem acidentalmente pisou em um formigueiro”. A partir dessas exemplificações e definição podem gerar inferências sobre as características do vocábulo analisado.

Através dos *frames* na Figura 15 e na visualização do verbete em vídeo, é possível observar o movimento do significado em um fluxo constante dos elementos da composição entre as formas texto, imagem, espaço e objeto nos primeiros dez segundos. Isso é observado inicialmente no vídeo através da forma imagem e texto que aparecem simultaneamente indicando então que aquele objeto em ação é referente ao vocábulo escrito. Nesse instante, um grupo de formigas, que pode ser denominado de colônia, como exposto na definição através da forma texto, aparece caminhando pela tela e tomando todo o espaço em branco.

Em sequência a câmera se aproxima desse inseto, revelando características físicas e espaciais à respeito dele, como o fato de serem tão pequenas que, para uma melhor visualização, faz-se necessário o uso de um dispositivo que proporcione essa proximidade. Além disso, podem ser vistas formigas de diferentes cores, demonstrando que há diferenças entre espécies. Tais fatos também já foram expostos através da forma textual, quando no processo de exemplificação foi posto que um homem pode pisar no local de sua morada, ratificando sua pequenez, como também dito que este se trata de qualquer um dos vários insetos de um tipo de família.

Logo em seguida, no vídeo, uma série de formigas vão tomando a forma do vocábulo, ao mesmo tempo que um som de volume mais alto e vibrante é reproduzido, simbolizando a forma como o som é percebido por esse inseto de capacidade sensível maior que os seres humanos. Há ainda, nesse instante, a repetição do vocábulo em eco, através da forma falada /ænt/, fazendo referência ao som vindo tremido que ecoa de dentro de um formigueiro. Para finalizar o vídeo-verbete, são mostradas formigas em seu espaço particular e em movimento, o que pode revelar um fenômeno intenso de trabalho desses animais que carregam materiais de um lado para outro. Muitos desses materiais têm tamanho e peso maior que o do próprio inseto.

Na sequência, observamos o Quadro 7, com um resumo de como os elementos inerentes ao vídeo se apresentam nos processos de transposição de significado na função referência.

**Quadro 7** - Sumarização da análise do verbete da entrada *Ant* (formiga) com base na função Referência.

<b>Formas</b>	<b>Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Som – Fala</b>				
<b>Função: Referência e seus processos</b>					
<b>Instanciação</b>	Ant	A formiga	Formiga na folha	Som de dentro de um formigueiro	Reprodução do vocábulo <i>ant</i> em eco
<b>Conceituação</b>	Insects; Family Formicidae; Order Hymenoptera; Colonies Ant hill	Diferentes espécies de formiga	Formigueiro		
<b>Ausência</b>	Flightless females		Outros animais; Repouso		
<b>Entidade</b>	Insects; Females Ant hill	Formigueiro	Área onde vivem as formigas		
<b>Ação</b>	Carry	O movimento das formigas	Fluxo das formigas	Sons da formiga em atividade	
<b>Qualidade</b>	Flighless females	Velocidade das formigas	Formação do formigueiro	Alto volume	
<b>Quantidade</b>	Large colonies	pequenas	Área do formigueiro		

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

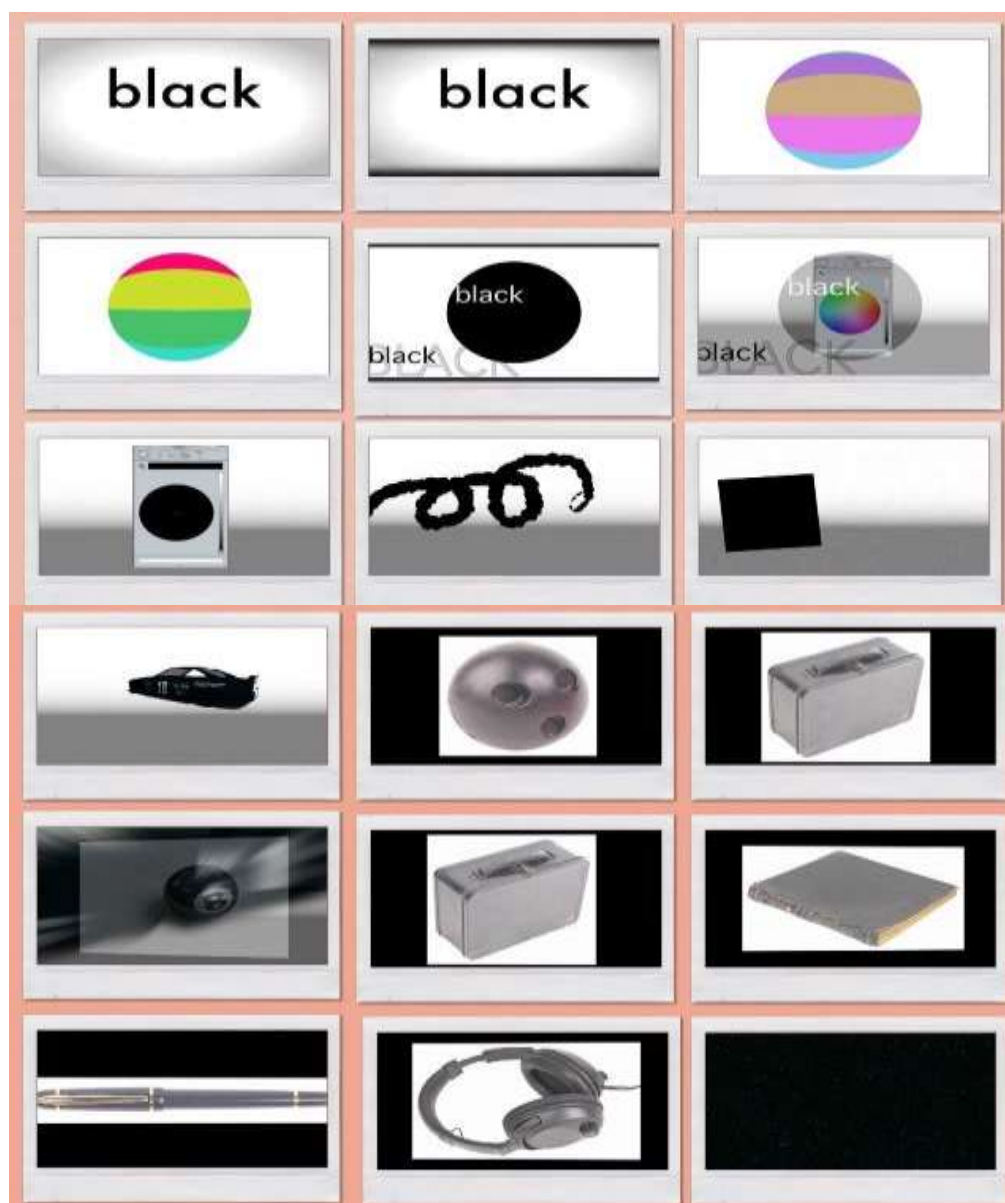
Assim, a partir da composição dos verbetes, é possível realizar algumas inferências sobre o vocábulo que vão ser ditas e repetidas através das variadas formas de significado, como esses insetos serem minúsculos e trabalharem arduamente. Há uma repetição intensa do mesmo elemento que é a formiga colocando o objeto como a forma mais necessária nesse processo de significação. No entanto, o som, ainda que apareça durante todo o verbete em vídeo, fica em segundo plano no quesito de definição, visto que não é comum um som para esse animal. Assim, o significado é transposto entre uma forma e outra, de modo que uma mesma informação é dita e repassada através de diferentes formas. Ademais, é no processo da instanciação que

encontramos quais formas serão mais possíveis de definir do que outras. Em resumo, as formas som, espaço e fala serviram mais como um suporte que ajudou na construção do significado.

## **5.2 Vídeo-verbete da entrada *black* (preto)**

As formas semióticas encontradas para definir este verbete são texto, no que se refere ao modo verbal escrito, bem como as formas imagem, espaço, objeto e fala, as quais ajudarão a compor a significação da entrada *black*. Na figura 15, encontram-se o *site* onde está instalado o vídeo-verbete de onde foram retirados alguns *frames* para exemplificar os elementos visuais deste vocábulo, assim como há a definição (*definition*) através da forma texto.

Figura 16 - *black* / *Vidtionary: A Video Dictionary*.



**Definition:** (adjective) Black is considered one of the colors; however, black is actually colorless. Black absorbs all light and reflects none.

**Fonte:** Adaptado do *site vidtionary.com*.

Na Figura 16 estão algumas imagens correspondentes à composição da entrada *black*, porém, para uma visualização global do verbete em vídeo, faz-se necessário o acesso com o *link*, pois é dessa forma que poderá ser observada a multimodalidade, isto é, a combinação das formas semióticas se manifestando e produzindo significado.

Para a construção desse verbete, o *site* traz uma única seção para a forma texto, a da definição (*definition*), na qual temos que a palavra *black* que refere-se a preto em língua portuguesa, e é um adjetivo, sabendo ainda que pode ser também um substantivo. Em tradução

nossa, a definição sobre este vocábulo fica: “é considerada uma das cores; entretanto, preto é na verdade ausência de cor. O preto absorve toda a luz e não reflete nada”.

Inicialmente, a definição traz informações opostas, pois ao mesmo tempo que declara que o preto é categorizado como uma cor, em seguida corrige e fala que ela se trata de uma ausência de cor, ou seja, ela seria mais uma “não cor”. Confirmando isso, alguns estudiosos, como Leonardo Da Vinci, relatam o fato do preto não ser considerado uma cor, pois para ele a cor é propriedade da luz, não dos objetos, de modo que a cor preta é a privação da luz (DA VINCI, 1651 *apud* COPE; KALANTZIS, 2020, p. 148). Entretanto, levar o conceito para uma discussão aprofundada não é exatamente o objetivo desta ferramenta lexicográfica.

No contexto desse dicionário, para um melhor entendimento desse vocábulo, faz-se necessária uma apreciação do vídeo, em que são observados elementos que o instanciam, através das formas visuais no processo de qualidades e quantidades, quando verificamos as características para essa palavra, visto que nesse verbete não há a seção de sentenças que exemplificam uma palavra, neste caso, referente às cores. Vale, pois, aquele velho ditado: “uma imagem vale mais que mil palavras” e, com isso, a conceituação da cor preta fica melhor definida através das formas semióticas visuais.

A representação desse verbete em vídeo se inicia com as formas texto, imagem, espaço e fala, quase que simultaneamente. No primeiro momento, na tela, pode ser visualizado o significado através do texto verbal escrito em um espaço em branco com destaque apenas para as letras em um realce que remete a um processo metalinguístico ao unir a escrita na mesma cor do significado que o vocábulo designa. Quase que concomitante a isto, há a transposição do significado através da forma fala do vocábulo em si: /blæk/. Assim, esse primeiro instante é finalizado com o escurecimento da tela relativamente rápido, quase como um piscar de olhos, também remetendo à ausência de luz que faz alusão à cor preta.

Na sequência, é mostrado um sistema de cores Munsell em dois tipos. O primeiro é um globo de cores deslizando por diversas tonalidades e cores, e ainda um outro tipo em eixo vertical, partindo do branco até o preto para a qual está entrada se designa. Ainda na sequência, são apresentados elementos que remetem ao *software* de desenho *Paint*, ao exibir um gráfico digital para a escolha de cores e o pincel/giz de cera. O primeiro sofre a ação de deslizar a barra chegando até a cor que está sendo definida, bem como o pincel reproduz um traço sombreado dessa mesma cor, ao passo que novamente é verbalizado o vocábulo no momento em que a cor preta se encontra nesses elementos. Desse modo, o significado é transferido e repetido em um movimento fluido e constante entre as formas texto, imagem e fala.



Em seguida, no vídeo-verbete são apresentadas diversas imagens e objetos para exemplificar esse vocábulo. O espectador precisa ser rápido caso queira identificar e gravar cada um dos elementos mostrados ou poderá fazer uso das funções de velocidade desse vídeo-dicionário. Porém, ainda que sejam apresentadas dezesseis figuras em menos de oito segundos, acreditamos que a parte mais importante neste processo de significação não são os objetos em si, mas a característica em comum que todos eles compartilham. Portanto, o que é importante é a sensação visual causada no usuário ao ver tantos elementos no centro da tela e as informações captadas por ele nesta visualização, que é o fato da cor de todos os elementos usados no processo de instanciação ser a mesma, ou seja, a cor preta. Com base nisso, o processo da Ausência aparece quando nenhuma outra cor é predominante nas figuras, mostrando-se como parte não necessária na exemplificação das imagens e, assim, a cor vai sendo significada repetidas vezes através dos objetos.

Por meio das formas imagem e objeto é que foram retratados os exemplos caracterizados com alta intensidade, sem brilho e menor valor. Essas são características coloristas que conferem o que seriam as últimas cores na teoria das cores de Munsell na escala vertical que também foi mostrada no vídeo-verbete. Para concluir o vídeo-verbete, o último *frame* da Figura 16 se encerra com a visualização de um céu noturno de fundo escuro com luzes estelares, análogo ao conceito de Kandinsky quando ela fala que essa cor é “Como um nada sem possibilidades, como um nada morto, após a extinção do sol, como um eterno calar, sem futuro e sem esperança: assim soa interiormente o preto”.

Por mais que haja uma combinação de diferentes formas semióticas, com essa entrada, as formas visuais imperam, pois no processo de análise e observação desse verbete o som não teve significado para que pudesse representar a palavra em si. Porém, no momento da apresentação de apenas elementos pretos, o som se fez ausente de modo que podemos fazer uma analogia para o fato do preto significar ausência.

Em seguida, no Quadro 8, observamos uma sumarização dos elementos que compõem o vídeo para instanciar significado na função referência no movimento de transposição entre as formas semióticas.

**Quadro 8** - Sumarização da análise do verbete da entrada *black* (cor preta) com base na função referência e seus processos.

<b>Formas</b>	<b>Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Fala</b>
<b>Função: Referência e seus processos</b>	

<b>Instanciação</b>	Black one of the	A cor apresenta da	O espaço sideral escuro	Urso; Caneta; Mala; Livro; Bola de boliche entre outros	Pronúncia do vocábulo black
<b>Conceituação</b>	Colors All	Paleta de cores	O firmamento	Objetos da cor preta	Repetição da palavra black
<b>Ausência</b>	Colorless None	Ausência de cor; Não reflete cor;	Fundo vazio com imagens da cor preta ao centro	De outras cores nos objetos	De qualquer som ao retratar diversos objetos
<b>Entidade</b>	Black	Rascunho do pincel sombreado	Espaço do círculo na cor preta	A cor preta em destaque na paleta em relação a todas opções de cores	
<b>Ação</b>	Absorb Reflect	Movimen to de fechar a tela/palet a de cores	Fluxo do botão selecionador de cores na paleta		
<b>Qualidade</b>	Light Black	Linhas do pincel; a cor preta	Escurecimento da tela	Absorve toda a luz porém não reflete nenhuma.	
<b>Quantidade</b>	One of the None All light Reflect none; Várias vezes escrita a palavra	Paletas de cores	Área céu escuro estrelado	Alta intensidade; Menor valor (mais escuro será);	

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

Assim, durante os vinte e quatro segundos de representação do vídeo-verbete, variadas formas de composição de significado são transpostas na função referência do vocábulo. A sistemática da instanciação será a mais relevante para esse vocábulo através das formas imagem e objeto, ao passo que as outras formas tomaram uma função mais complementar no processo de significação.

### 5.3 Verbete da entrada *bubble* (bolha)

O verbete em vídeo correspondente à entrada *bubble*, que pertence à categoria de materiais (*materials*), é representado através da multimodalidade entre as sete formas de

significação da teoria da gramática de transposição, ou seja, as formas texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala irão contribuir para a significação dessa palavra. Na Figura 17, encontra-se o *link* para acesso do vídeo do verbete, no qual os aspectos sonoros podem ser ouvidos para melhor compreensão da análise. Também foram retirados *frames* do vídeo para uma visualização da palavra analisada, bem como sua definição através da forma texto nas seções *definition* e *example sentences*.

**Figura 17 - *Bubble* / *Vidtionary: A Video Dictionary*.**



**Definition:** A thin film of liquid inflated with air or gas; A small quantity of air or gas within a liquid body.

**Part of Speech:** noun

**Example Sentences:**

Bubbles rise in the glass of water.

Many bubbles form when soap is added to water.

The kids enjoyed blowing bubbles in the park.

**Fonte:** Adaptado do *site vidtionary.com*.

Partindo da definição da forma semiótica texto verbal, neste dicionário, a entrada *bubble*, referente à palavra bolha em língua portuguesa, conta com três seções: uma de definição (*definition*) que, em tradução nossa, traz a informação que este vocábulo é “uma fina película cheia de ar ou gás; uma pequena quantidade de ar e gás dentro de um corpo líquido”; a segunda

é a classificação gramatical da palavra, que se trata de um substantivo; e, por último, três sentenças que exemplificam a palavra como: “Bolhas sobem no copo com água; Muitas bolhas formam quando sabão é acrescentado à água; As crianças se divertem soprando bolhas no parque”.

Em seguida, no verbete em vídeo, primeiramente, a entrada *bubble* é apresentada pela forma semiótica texto, seguida da representação de sua imagem, ou seja, a formação de bolhas em uma superfície líquida, ao mesmo tempo que o som de bolhas também é ouvido e o vocábulo é pronunciado: /'bʌb.əl/. Assim, logo de início, o significado é transposto entre quatro formas representacionais, que são texto, som, imagem e fala.

Nesse vídeo-verbete, observamos uma ênfase na forma som, pois todo o verbete é apresentado em quinze segundos, sendo que essa forma de representação toma conta dos dez primeiros segundos insistentemente ativando o conhecimento para como o som é referente a essa palavra. Desse modo, como teorizado por Cope e Kalantzis (2020), alguns significados conseguem ser melhores explicados através de uma forma que de outra.

Em seguida, o vocábulo é representado através da forma espaço, para ser escrita utilizando bolhas como pincel e antes mesmo que a palavra esteja completamente terminada e possa ser visualizada claramente, a imagem já se desfaz, assim como o estouro de uma bolha, demonstrando uma característica comum desse vocábulo, a sua fragilidade, em que essa fina película de água pode romper assim que atinge sua tensão superficial.

Na finalização do vídeo, aparecem crianças brincando em um parque com pistolas que formam bolhas de sabão, de modo que várias formas semióticas se unem nesse momento para a composição do significado. Observamos as formas espaço, objeto e corpo em um movimento de transposição, quando o significado é exposto no momento em que as crianças em espaço aberto exercem pressão em seus brinquedos, produzindo a formação de bolhas de sabão e sua efemeridade. Essas informações, que já foram anteriormente expostas pela forma texto verbal escrita na seção definição, nesse momento do vídeo são repetidas através de outras formas semióticas.

Na sequência, observamos no Quadro 9, uma sumarização dos elementos que compõem o vídeo, revelando significado na função referência no movimento de transposição entre as formas semióticas.

**Quadro 9** - Sumarização da análise do verbete da entrada *bubble* (bolha) com base na função referência e seus processos.

Formas	Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Corpo – Som – Fala						
<b>Função: Referência e seus processos</b>							
<b>Instanciação</b>	Bubble ; Film; Liquid body;	Bolhas	Copo com água; Pistola de sabão;	A bolha em si	Os garotos formando bolhas	Som da bolha	A pronúncia da palavra bubble
<b>Conceituação</b>	Bubbles;	Tipos de formação de bolhas	Ambiente com água	Tipos de bolhas		Som da formação de várias bolhas	
<b>Ausência</b>							
<b>Entidade</b>	Film of liquid	Volume de ar	Corpo líquido	Aproximação das moléculas que formam o todo		Som da pressão ou inflação do ar	
<b>Ação</b>	Inflated Rise Form	As bolhas indo para a superfície	Inflar com ar ou gás	O ar dentro da bolha	Ação de soprar, pressionar ...	Som da bolha estourando	
<b>Qualidade</b>	Thin; Small; Blowing bubbles;	A composição da bolha	Material que é feito as bolhas	Composição da bolha	Diversão e prazer	Ênfase do som de bolha	Repetição da palavra
<b>Quantidade</b>	Small quantity of air gas; Many bubbles.		Quantidade de bolhas feitas	Formação química da bolha		Temperatura que produz a bolha	

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

Nesse verbete, observamos um movimento de repetição do significado entre diferentes formas semióticas, mais precisamente entre as informações apresentadas em texto e em vídeo. Em alguns momentos, o significado será melhor exemplificado através das formas texto, imagem, objeto e som, ao passo que as outras formas semióticas espaço, corpo e fala serão utilizadas como suporte no processo de significação do vocábulo.

#### 5.4 Verbete da entrada *apple* (maçã)

Nesse verbete, encontramos a multimodalidade através das formas texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala, que trazem a representação da entrada *apple* referente a palavra maçã em língua portuguesa. Na Figura 18, encontra-se o *link* para acesso ao vídeo-verbete, no qual pode ser melhor observada a combinação das formas semióticas para a construção do verbete. Também foram retirados *frames* do vídeo para uma visualização do vocábulo analisado, bem como sua definição através da forma texto com as seções *definition* e *example sentences*.

Figura 18 - *apple* / *Vidtionary: A Video Dictionary*.



**Definition:**

The fleshy pome or fruit of a rosaceous tree (*Pyrus malus*) cultivated in numberless varieties in the temperate zones.

**Example Sentences:**

1. The apple fell from the tree, and hit his head.
2. We bought some apples from a vendor beside the road.

Fonte: Adaptado do site *vidtionary.com*.

No que compreende a forma Texto, é possível observar que através dela encontramos uma definição (*definition*) com maiores detalhes que trazem informações científicas sobre esse vocábulo, bem como outras características que o circundam. Em tradução nossa, a definição mostra que *apple* se trata de uma fruta carnuda da espécie *Pyrus*, da família da *Rosaceae*, que possui variados tipos e é cultivada em área de zona temperada. Nos exemplos de uso, ainda é possível inferir outras características desse fruto, como ser uma árvore de no mínimo médio porte, pois a informação trazida é que a fruta caiu da árvore e acertou a cabeça de um homem. Outra exemplificação é que se trata de uma fruta popular e fácil de ser encontrada, pois o exemplo traz que é vendida na rua.

No verbete em vídeo, nos três segundos iniciais, o vocábulo *Apple* se revela através das formas objeto, texto e fala, simultaneamente. De início, no vídeo, o plano está fechado em um objeto que, pela proximidade, apenas o aspecto vermelho de sua coloração fica mais visível e, à medida que a câmera se distancia, criando um plano mais aberto, é possível identificar o cenário ao fundo e visualizar a que tipo de espaço se refere tal vocábulo. Assim, verificamos a informação trazida por um dos exemplos sobre o tamanho das árvores, mas através de outra forma de significado.

Quanto à forma fala, há apenas a pronúncia da palavra /'æp.əl/, assim, o conhecimento do usuário pode ser ativado por causa da existência de uma marca de grande renome de computadores e celulares que leva o mesmo nome dessa fruta em inglês. Contudo, esse dado pode ser vago para a compreensão de uma palavra, caso o usuário do dicionário não seja familiar com a língua, não conheça e faça uma relação com os aparelhos da *Apple Inc.*, ou mesmo não tenha um conhecimento sobre frutas, pois ainda que o nome científico seja comum em diferentes línguas, o nome popular é o que é desejado por aquele que usufrui do dicionário. Nesse sentido, outras formas poderão contribuir para uma maior compreensão e aquisição do significado.

Nos próximos quatro segundos, as formas visuais imagem, espaço e objeto continuam a significação, revelando características pertencentes a essa entrada. Nesse primeiro momento, ocorre o movimento contrário ao anterior, e o fruto está no centro de uma forma que é possível observá-lo completamente e o ângulo vai se aproximando realçando seus traços. Nesse instante, há uma repetição da informação já concedida anteriormente pela forma texto, como na definição sobre ser um fruto de uma árvore que tem diversas variedades, pois no vídeo destacam-se três tipos de maçãs com diferentes cores. Ainda sobre esses segundos do vídeo, a sistemática da ausência evidencia que o verbete refere-se à fruta maçã, visto que ela aparece repetidas vezes e em diversos ambientes por diferentes ângulos, de forma que na representação não há outro

elemento. Assim, o significado se traduz agora pela forma imagem e apenas ela nesse momento é relevante para a instanciação da palavra.

Nos quatro últimos segundos do verbete em vídeo, o significado é contemplado a partir das formas imagem, objeto, corpo e som. Logo de início, o som que toma conta na representação é o de um barulho distinguível, creio eu, por uma grande parte das pessoas, do ato de comer uma maçã. Por ser um som tão comum e que traz até uma memória afetiva dos desenhos animados é que este som, inclusive, já foi usado como estratégia de *marketing* por uma marca de suco de maçã dos Estados Unidos, Martinelli©. Essa empresa criou uma garrafa no formato de uma maçã que, se o cliente a mordesse, o som reproduzido era semelhante à mordida na fruta.

Ainda nesses últimos segundos do verbete, um homem aparece no vídeo comendo a fruta e, assim, no que concerne às formas corpo e som, observamos o significado da entrada maçã sendo instanciado na multimodalidade com essas duas formas semióticas em parceria. O ator, ao realizar a ação de comer a fruta, tem todo o seu corpo direcionado para aquele ato, como a maneira de segurar o fruto, a abertura da boca e o som repetido de sua mastigação vão ativando os sentidos daqueles que têm o convívio com essa fruta, ou expõe como seria um modo comum de ingerir o fruto.

Concomitante a esse momento, são exibidas as imagens que podem ser vistas como as três últimas da Figura 18, sobre como pode ser uma experiência alimentar com essa fruta. A primeira, do fruto com apenas uma mordida, retorna a uma informação que foi citada na definição verbo-textual, pois revela ser um fruto carnudo e firme. Pode manifestar ainda reconhecimento sobre a empresa de computadores e celulares já mencionada anteriormente, que traz como logo uma maçã mordida. Essas ativações só podem acontecer caso a pessoas já tenha tido esses contatos anteriormente e já estejam no seu repertório de conhecimento. As outras duas imagens continuam a trazer aspectos dessa fruta, como o fato dela poder ser descascada para seu consumo ou a parte restante do fruto que normalmente não é ingerida.

Logo em seguida, no Quadro 10, pode ser observado um resumo dos elementos que compõem o verbete em vídeo, se manifestando e produzindo significado através de diferentes formas semióticas em um movimento de transposição entre essas formas de significados na função referência e seus processos.



**Quadro 10** - Sumarização da análise do verbete da entrada *Apple* (maçã) com base na função referência e seus processos.

Formas	Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Corpo – Som – Fala						
Função: Referência e seus processos							
<b>Instanciação</b>	Pyrus malus;	Apple	Plantas de médio porte	Apple	A pessoa comendo a maçã	Som característico da pessoa comendo o fruto	/'æp.əl /
<b>Conceituação</b>	Rosaceous tree;	Tipo de árvore	Plantação	Fruta		O som da mastigação repetindo	
<b>Ausência</b>		Fundo desfocado	De outras partes da planta	Outros de mesmo tipo			
<b>Entidade</b>	Fruit; Pome;	Fruta em si		Maçã		O barulho do fruto fresco	
<b>Ação</b>	Cultivated;	Plano focando na fruta; caule	Fecha o ângulo na fruta	Cortes da maçã	O ato de comer a fruta	O som ao morder a maçã	
<b>Qualidade</b>	Fleshy fruit	Diferentes cores	Extensão da árvore	Formas de se comer a fruta	Prazer em comer o fruto	O som causada pelo corte da fruto pelos dentes	
<b>Quantidade</b>	Temperate zones; Numberless Varieties						

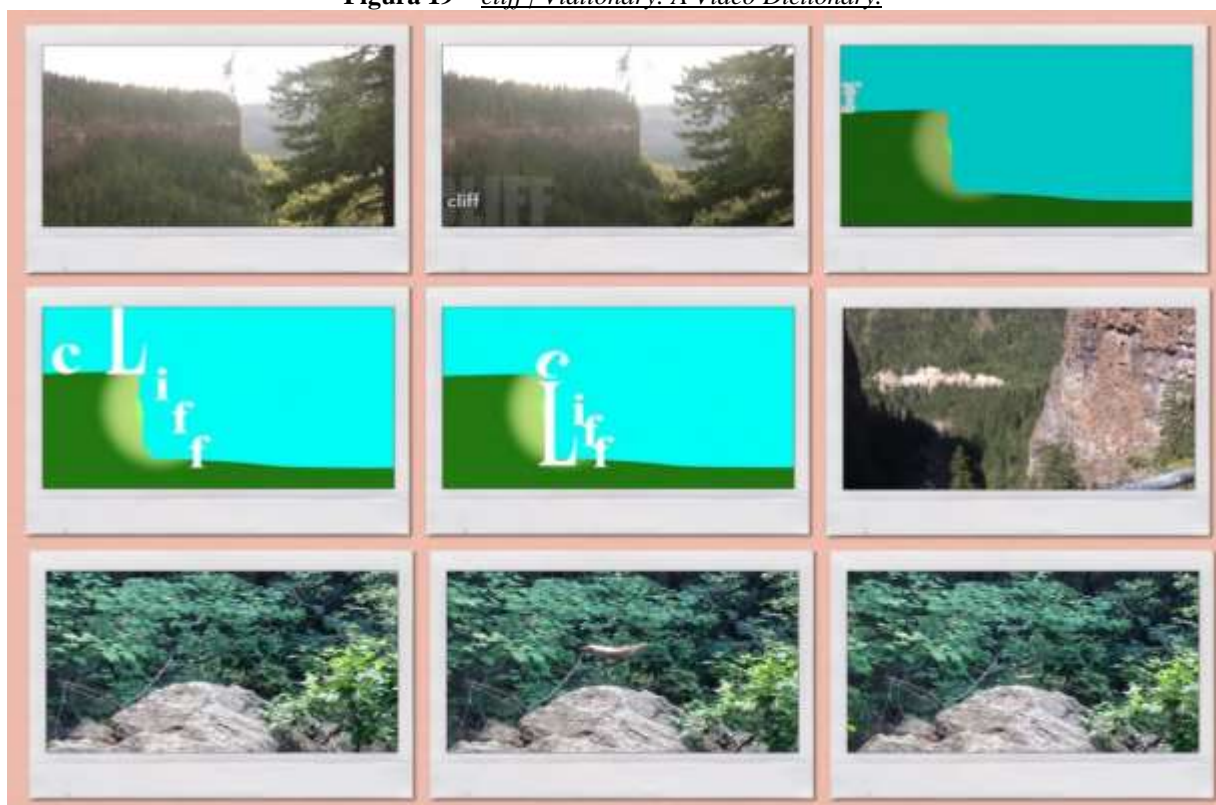
**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

Com base no que foi sintetizado sobre a entrada *apple*, identificamos que esse verbete repete seu significado através da forma texto, imagem, objeto, corpo e som, visto que essas formas em si comunicam o mesmo significado no processo de instanciação. Ao se ouvir apenas o som ou a representação corporal do ato de comer a fruta, supomos que será possível a identificação do objeto, do mesmo modo através das formas objeto e imagem, que também deixam claro sobre a significação para essa palavra, bem como a parte textual. Nesse prisma, é visualizado que essa integração das formas de significação texto, imagem, objeto e som contribuem diretamente na representação de significados, enquanto as formas espaço e fala funcionam com complementaridade nesse processo.

### 5.5 Verbetes da entrada *cliff* (penhasco)

O vídeo-verbete da entrada *Cliff* (penhasco), pertencente a categoria Geografia (*Geography*), conta com quinze segundos de duração e, nesse tempo, a multimodalidade é refletida através das formas semióticas texto, imagem, objeto, espaço, som e fala. A Figura 19 é composta primeiramente pelo *link* que direciona o usuário à página onde pode ser visualizado esse verbete multimodal. Além disso, possui *frames* para uma visualização de elementos e formas visuais utilizadas na composição da definição da palavra e, logo mais abaixo, há o significado apresentado através da forma texto nas seções *definition*, *part of speech* e *examples sentences*.

Figura 19 - *cliff* / *Vidtionary: A Video Dictionary*.



**Definition:**

A high, steep rock; a precipice.

**Part of Speech:** noun

**Example Sentences:**

1. Diving off cliffs into lakes is very dangerous.
2. Some goats are able to walk on hills so steep that they could be considered cliffs.

**Fonte:** Adaptado do site *vidtionary.com*.

Na forma texto, é apresentada uma definição para essa entrada como sendo uma rocha alta e íngreme, de modo que essa informação também é inferida através das sentenças usadas

para exemplificar a palavra como no exemplo 1: Pular de penhascos em lagos é muito perigoso; e 2: Algumas cabras conseguem caminhar em colinas tão altas que se assemelham a penhascos. Em seguida, a modalidade verbal traz um sinônimo, ou seja, usam de uma palavra de significado igual ou parecido que se encaixe em uma mesma categoria para evidenciar o vocábulo, no caso, essa entrada também pode ser chamada de *precipice* (precipício).

Quanto ao verbete em vídeo, este tem início com o processo de instanciação ao trazer um vídeo em ângulo aberto de uma paisagem natural que é vista do alto, de modo que, a partir do uso da forma semiótica espaço, esse local é destinado à palavra definida, ainda que não esteja claramente especificando qual o significado. Em seguida, no momento em que a palavra é pronunciada /klif/, o ângulo vai se fechando e se direciona para então o espaço sobre o qual está sendo definido, um penhasco ou um paredão de rocha.

Na sequência, é apresentada uma animação um tanto infantilizada, refletindo as características desse lugar. Nesse pequeno filme, as letras que formam a palavra *cliff* deslizam sobre o espaço e caem do topo até a sua base. A letra L tem um aumento de tamanho em relação às outras letras, ou seja, ela precisa se diferenciar das outras em sua dimensão vertical para que se assemelhe com a grandeza dessa entrada. Assim, infere-se que o significado se trata de um ambiente de grande altura. Ainda na animação, no momento em que as letras alcançam a base e contornam a parede rochosa, a modalidade fala entra em ação, repetindo o vocábulo.

Em seguida, é mostrado em ambiente natural como seria esse espaço, reforçando sua característica dimensional. Sobre o aspecto sonoro, durante todo o verbete, o som expresso é similar ao som produzido em uma floresta com ventos, pássaros e água corrente. Com base nisso, não é possível identificar através do som o vocábulo, porém, é um aspecto espacial essencial para se entender a qual lugar o vocábulo pertence.

Na sequência, é mostrado uma visão do alto de um penhasco e algo que parece ser uma galho é arremessado. Com isso, ao tocar o primeiro ponto da superfície, é possível ainda no alto escutar o barulho desse objeto sendo jogado na rocha, não obstante, depois o som se perde e a visão do galho também, visto que em razão da altura não é mais possível identificar o momento ou se o galho chegou ao chão.

Em seguida, no Quadro 11, podem ser visualizados os elementos que constroem o significado no verbete em vídeo nas diferentes formas semióticas (texto, imagem, espaço, com e fala) na função referência, em busca de resumir sobre o que se fala o vocábulo analisado.

**Quadro 11** - Sumarização da análise do verbete da entrada *cliff* (penhasco) com base na função referência e seus processos.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Formas	Texto – Imagem – Espaço – Som – Fala				
Função: Referência e seus processos					
Instanciação	Cliff Precipice	Imagem do penhasco	Floresta; mata;	Sons de pássaros	
Conceituação	Rock	Local: floresta	Ambiente cheio natural	Sons pássaros que simbolizam um espaço natural	
Ausência		Da base do penhasco	Chão, superfície		
Entidade	Cliff; Rock; Lakes; Hills; Precipice;	Topo do paredão rochoso	Floresta;		
Ação	Diving off; Walk	Letras e galho caindo	Zoom câmera	Som do galho sendo arremessado.	
Qualidade	High; Steep; Dangerous;	Direção: para baixo	Extensão do elemento		Ênfase ao repetir o vocábulo
Quantidade	Some; So;		Área e grandeza do espaço		

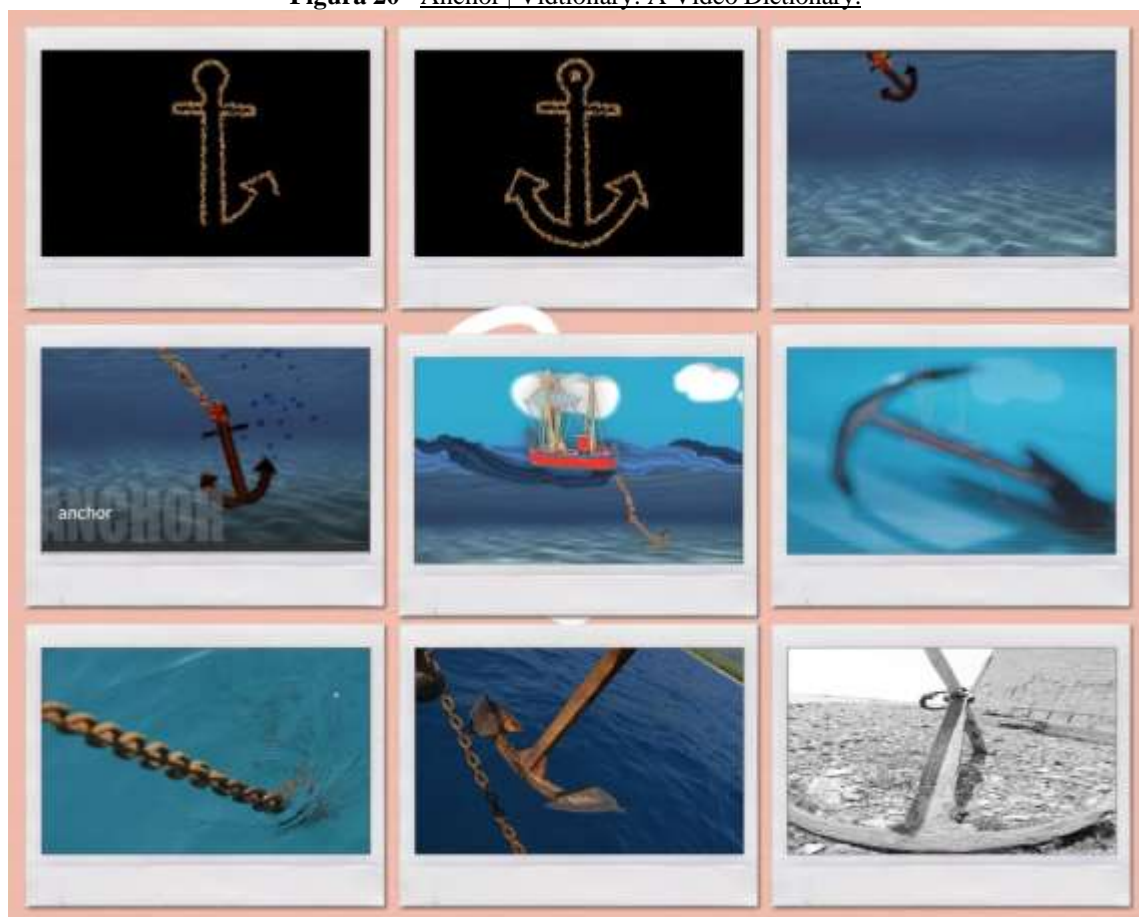
Assim, o significado comunicado para a entrada *cliff* é apresentado claramente pela forma texto através das seções de definição que trouxeram conceitos simples e palavras sinônimas que, particularmente, acredito que contribuem significativamente para a compreensão de um vocábulo. Porém, a exemplificação instanciou de modo mais vago, dificultando relacionar diretamente ao vocábulo. Sobre as formas fala e som, foram utilizadas como complementares das outras, pois apresentam os sons encontrados nesse local (penhasco) e a fala utilizada apenas para apresentar a fonética do vocábulo.

Quanto à forma espaço, por razão do vocábulo realmente se tratar de uma espaço natural, inicialmente, pode gerar uma confusão ao se definir através dessa forma, uma vez que esse local, ao ser mostrado, trouxe diversos elementos com ele. Entretanto, esse obstáculo foi resolvido através da animação que, de forma simplificada, definiu a palavra, pois ela não contava com muitos elementos e direcionou para o espaço conceituado em si. Logo, a representação utilizou de cinco formas, ainda que as formas imagéticas fossem mais significativas para exemplificar o prover conceitos e características vocabulares.

## 5.6 Vídeo-verbete da entrada *anchor* (âncora)

Tal verbete em vídeo tem uma duração de dezessete segundos e apresenta-se através das formas semióticas texto, imagem, espaço, objeto, som e fala na sua construção, de modo que vwm a reproduzir o significado do vocábulo *anchor*, que é referente à âncora, na nossa língua portuguesa, pertencente à categoria *object* (objeto). Logo em seguida, na Figura 20, encontram-se o *link* para uma melhor visualização do verbete, no que se refere aos aspectos audíveis, *frames* que foram retirados para ilustrar nossa análise multimodal e, ao final, há o uso da forma semiótica texto com as seções *definition* (definição), categoria gramatical e *example sentences* (exemplos), em que o primeiro apresenta um conceito verbal e o último traz dois exemplos de uso para esse vocábulo.

Figura 20 - Anchor | Vidtionary: A Video Dictionary.



**Definition:** An iron instrument which is attached to a ship by a cable (rope or chain), and which, being cast overboard, lays hold of the earth by a hook and thus keeps the ship in a particular position. The anchor can prevent the ship from floating away.

**Part of Speech:** noun

**Example Sentences:**

- 1 - The sailor dropped the anchor into the water.
- 2 - The anchor is old and rusty.

**Fonte:** Adaptado do *site vidtionary.com*.

Sobre a forma texto desse verbete, uma grande definição é apresentada: a classificação gramatical, que se trata de um substantivo e duas sentenças de exemplo. Em tradução nossa, a definição traz que se trata de “Um instrumento de ferro preso a um navio por um cabo (corda ou corrente) e que, sendo lançado ao mar, prende a terra por um gancho e, assim, mantém o navio em uma determinada posição. A âncora pode impedir que o navio flutue”. Inicialmente, são apresentadas características estruturais sobre o objeto como a sua materialidade e em seguida sobre suas utilidades. Assim, um repertório sobre essa entrada vai sendo construído. Quanto ao processo de exemplificação, fica claro no exemplo 1 que o uso prático desse substantivo acontece ao ser lançado na água por uma pessoa específica, e o exemplo 2 evidencia informações que podem ser observadas no último *frame* da Figura 20, ao mostrar uma âncora como um objeto antigo e que sofre processo de ferrugem.

No verbete em vídeo, uma das primeiras formas semióticas apresentadas é o som que remete a uma música que provavelmente seria a escolha para uma cena de um filme antigo que se passa próximo a um mar ou mesmo em uma taverna após a chegada de um navio. Concomitante a esse momento musical, outra forma de significado também é apresentada. Através da forma imagem, um desenho vai se formando, ao utilizar uma corda para compor seu traço, cuja ilustração final, ainda que não seja exatamente igual à realidade, por se tratar de um desenho, é referente à entrada definida. No segundo momento que a música entra em cena, é possível inferir pelos elementos visuais, âncora e terra, que o navio está atracado e próximo às áreas costeiras. Porém, esse sentido é totalmente relacionado com as experiências do espectador, pois aquele que não tem conhecimento ou mesmo não goste de assistir filmes teria uma percepção distinta desta observada por mim.

Aos cinco segundos do vídeo, o espectador sairia da frente de uma tela de desenho e seria “levado” para o fundo do mar, a partir de onde ele é capaz de observar o objeto que representa essa definição. Assim, desse ponto, primeiramente, um som distinguível de algo sendo arremessado na água traz até a superfície do mar este objeto que está preso por uma corrente. No momento em que o objeto atinge essa superfície, o vocábulo /'æŋ.kər/ é pronunciado e repetido, bem como sua forma escrita também é evidenciada. Dessa maneira, foi observado o significado sendo comunicado e “recomunicado” e transposto através de três formas semióticas, simultaneamente.

Na sequência, aos oito segundos, a forma espaço manifesta-se através do desenho de um barco em um mar revolto. Ainda que essa forma não esteja como uma modalidade que instanciará o significado completo desse vocábulo, ela será utilizada como um modo complementar no processo de definição. Com essa forma, é possível inferir o local eventual de

encontro e uso desse objeto e suas características práticas, tais como: para a sua funcionalidade ele deve estar em água e preso a um barco ou navio. Ainda é possível identificar diferentes partes e formatos na sua estrutura, mas que ao final compartilham semelhanças. Outra observação desses instantes do vídeo é sobre o uso desse objeto, que tem por funcionalidade deixar a embarcação firme, que apesar do mar turbulento, ela não se moverá, pois estará fixa pelo objeto. Isso impede que o navio flutue, ou seja, há uma tração horizontal quando o objeto em forma de “T” se prende à terra. Essa informação já foi anteriormente expressa através da definição com a forma texto, ou seja, há uma repetição, porém, dessa vez usando formas diferentes.

No próximo momento, há uma mudança de posição do espectador em que ele passa a estar em algum lugar acima da água e, assim, são apresentadas imagens que ajudam a identificar aspectos reais do vocábulo. Primeiramente, uma imagem turva do objeto que tem um gancho, por estar dentro da água, em seguida surge uma corrente que está presa em algum ponto do alto, sendo puxada de dentro da água e, finalmente, revela-se o objeto completamente, demonstrando suas propriedades, tais como seu formato, composição, material e densidade.

Por fim, nos dois últimos segundos do vídeo, é mostrada uma âncora em um ângulo próximo de uma foto em preto e branco, apresentando características de abandono, por esta transparecer estar em um estado de corrosão, de maneira que, a partir disso, também é possível identificar o material com a qual é feita. Pela falta de partes necessárias para o seu uso, como a corrente, depreende-se então a sua inutilidade. E, finalmente, a própria foto em preto e branco revelam que esse objeto não é invenção da atualidade.

A partir desse vídeo verbete, foram evidenciados o conceito e as características dessa entrada, através de variadas formas semióticas. Por haver uma combinação de formas semióticas e todas argumentarem sobre o mesmo objeto, pode ocorrer a sensação de estar se repetindo a todo momento. No entanto, é exatamente essa a propriedade de quem absorveu e compreendeu o movimento de transposição, pois todas as modalidades falarão sobre a mesma coisa, mas cada um à sua maneira. Isso fica evidente na primeira sistemática da função referência, na instanciação, pois ela é direta para captar os elementos pertencentes a cada forma semiótica na exemplificação.

Na sequência, observamos no Quadro 12 um resumo de como os elementos inerentes ao vídeo se apresentam nos processos de transposição de significado na função referência e seus processos.

**Quadro 12** - Sumarização da análise do verbete da entrada *anchor* (âncora) com base na função referência e seus processos.

Formas	Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Corpo - Som – Fala					
Função: Referência e seus processos						
<b>Instanciação</b>	Anchor	Desenho/ foto / imagem da âncora;	Mar	A âncora em si	Som da âncora sendo jogada ao mar	/ˈæŋ.kə/
<b>Conceituação</b>	Instrument	O fomato da âncora	Água	Um tipo de Âncora	Música	
<b>Ausência</b>	Prevent from floating away Keeps the ship	Ausência de partes da âncora		Ausência da corrente	Silêncio	
<b>Entidade</b>	Iron instrument	Aspectos da âncora	Mar	A âncora em repouso no fundo da água	Bolha; Água; música	
<b>Ação</b>	Dropped the anchor; Attached to	Âncora afundando ;	Fluxo do objeto na água	A âncora em funcionamento	Vento; Mar;	
<b>Qualidade</b>	Old; Rusty; Iron;	Formato da âncora	Extensão da corrente; material: ferro	Textura, massa e composição do ferro	Volume do vento e do mar	Repetição do vocábulo
<b>Quantidade</b>	Old	Ponta afiada da âncora	Distância: corrente e fundo do mar	Aspectos químicos e físicos do ferro	Nota de música alta	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

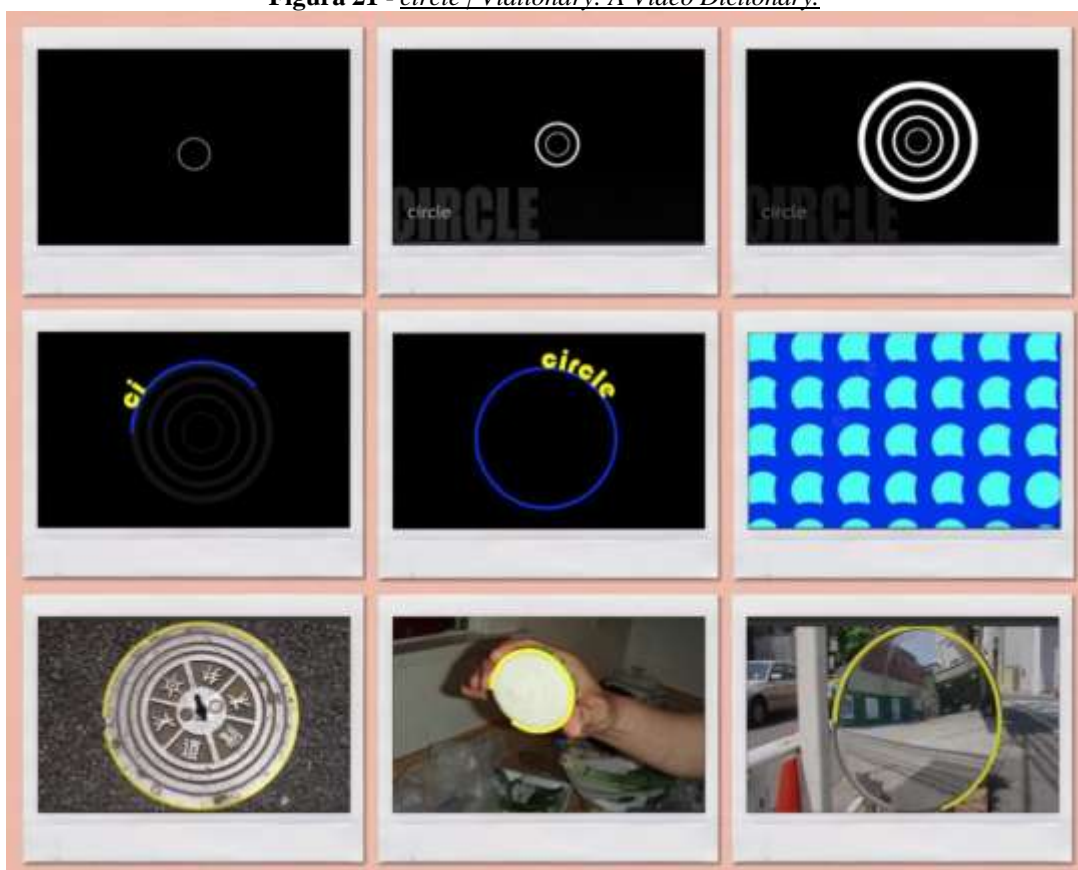
Assim, o movimento de transposição do significado nesse verbete ocorre através de seis das setes formas de significado na gramática de Cope e Kalantzis (2020), que expressa a multimodalidade. A definição através das formas apresentadas no vídeo e em texto expressam conceitos e aspectos da entrada *anchor* em que as formas texto, imagem, objeto e fala são mais diretas. Ao significar o mesmo elemento, cada uma à sua maneira, as formas espaço e som atuam como suporte para inclusão das particularidades desse vocábulo. Apenas a forma corpo não se faz presente no verbete em vídeo, porém, ela pode ser imaginada em conjunto com a forma texto, quando no segundo exemplo de uso é mencionada a ação de um marinheiro ao jogar a âncora na água.



## 5.7 Vídeo-verbete da entrada *circle* (círculo)

O verbete em vídeo da entrada *Circle* é equivalente à palavra círculo em língua portuguesa e pertencente à categoria de *shapes* (formas) no *vidtionary.com*. Essa entrada é definida através da multimodalidade das formas de significado: texto, imagem, espaço, objeto e fala. Na Figura 21, pode ser encontrado o *link* que direciona o espectador para a visualização do vídeo verbete em que poderão ser melhores observados os aspectos sonoros e as animações realizadas para a composição desse verbete. Ademais, há *frames* que sintetizam características visuais do verbete e ao final a forma texto que traz o conceito e exemplos de uso desse vocábulo.

Figura 21 - *circle* / *Vidtionary: A Video Dictionary*.



**Definition:** A round body; a sphere; an orb; A plane figure, bounded by a single curve line called its circumference, every part of which is equally distant from a point within it, called the center.

**Part of Speech:** noun; verb (circled)

### Example Sentences:

- 1 - The mirror is the shape of a circle.
- 2 - He drew a circle on the paper.
- 3 - Everybody held hands and formed a circle.
- 4 - The eagle circled around the sky.

Fonte: Adaptado do *site vidtionary.com*.

Sobre a forma texto, em tradução nossa, temos que essa entrada é definida como “Um corpo redondo; uma esfera; um orbe; Uma figura plana, limitada por uma única linha curva chamada circunferência, cada parte da qual está igualmente distante de um ponto dentro dela, chamado centro”. A definição apresenta, inicialmente, palavras sinônimas (corpo redondo, esfera, um orbe) para esse vocábulo. Em seguida, consta um conceito matemático do que é o círculo ao colocá-lo como uma figura plana limitada por uma circunferência.

Porém, esse conceito pode diferir de um conhecimento básico do dia a dia, por isso, os sinônimos se fazem necessários para uma relação do que viria a ser esse vocábulo. Essa entrada tem a função gramatical de substantivo, mas também tem função de verbo, de modo que a primeira função pode ser observada nos exemplos 1: “O espelho tem a forma de um círculo”, 2: “Ele desenhou um círculo no papel” e 3: “Todos deram as mãos e formaram um círculo”. Todavia, no exemplo 4, a palavra aparece como o verbo circular: “A águia circulou pelo céu”, significando que a ave fez voos circulares pelo céu.

Esse vídeo-verbete tem início com o significado acontecendo a partir de três formas semióticas, imagem, texto e fala. O primeiro, é comunicado através de um elemento que parte do centro da tela escura indo em direção ao receptor. Assim, essa primeira forma já manifesta o seu significado e continua no momento em que outros elementos de formato igual, mas de tamanhos diferentes, vão surgindo, tomando o espaço central. Concomitante a esse momento, a forma texto é evidenciada através da palavra *circle*, que aparece duplicada na tela, bem como há também a reprodução falada do verbete /'sɜ:.kəl/, revelando o significado da entrada a partir de três formas semióticas.

Em seguida, esses vários círculos escurecem, dando lugar a outro que se forma em um contorno azul, ao mesmo tempo em que a palavra *circle* vai sendo reescrita, perfazendo duas voltas nesse contorno circular. A ausência de outros elementos direciona o receptor apenas para aquela repetição de significado, seja através da forma imagem ou da forma texto escrito.

No instante seguinte, esse círculo vai se esvaindo até que vários outros círculos médios azuis, como se fossem bolhas, seguem um padrão e encobrem toda a tela, e aquele fundo preto que era predominante nos outros frames é coberto por círculos azuis. Os últimos três elementos usados na significação do verbete são objetos da nossa realidade, sendo o primeiro a tampa de um bueiro, uma abobrinha cortada em rodela e um espelho. Ao mostrar esses objetos, sempre são enfatizados os contornos, não todas as dimensões dos objetos, pois como dito na definição em texto, o círculo é uma superfície plana limitada por uma circunferência, ou seja, há apenas duas dimensões, ao passo que um corpo redondo teriam três dimensões.

Em seguida, no Quadro 13, observamos como os elementos significam através de cada forma na função referência.

**Quadro 13** - Sumarização da análise do verbete da entrada *Circle* (Círculo) com base na função referência e seus processos.

<b>Formas</b>	<b>Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Fala</b>				
<b>Função: Referência e seus processos</b>					
<b>Instanciação</b>	Circle; A sphere; an orb;	Imagem circulares;	Círculos em espaços urbanos	Vegetal circular; Espelho; Tampa de esgoto	/ˈsɜː.kəl/
<b>Conceituação</b>	A round body; A plane figure;	Contorno circular	Tampa do esgoto	Objetos circulares	
<b>Ausência</b>		Ausência de elementos de outros formatos			
<b>Entidade</b>	A rond body; A sphere; An obr; A plane figure;	Círculos			
<b>Ação</b>	Circled Formed	Direcionamento do desenho do circular	Contornos dos objetos	Fluxo ao desenhar os objetos	
<b>Qualidade</b>	Round; Plane; Single curve line;	Forma esférica, circular	Forma circunferencial		Ênfase ao repetir a palavra
<b>Quantidade</b>	Circumference	Figuras planas	360 graus		

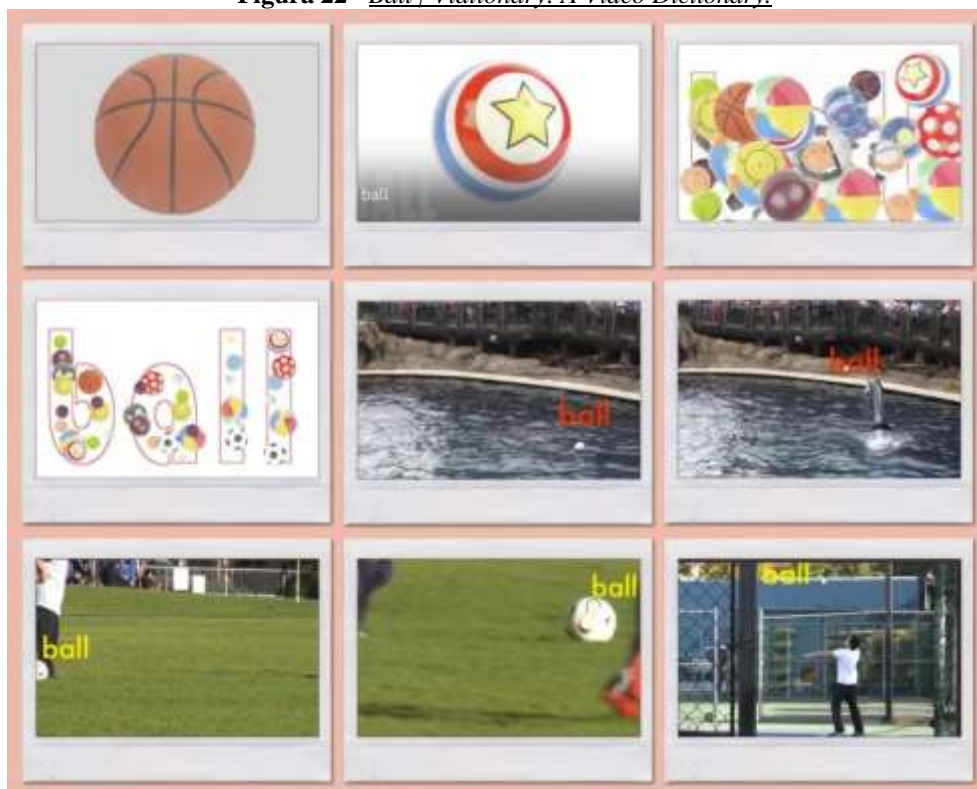
**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

Assim, durante os dezesseis segundos de vídeo definição da entrada *circle*, o significado pode ser melhor detalhado através das formas imagem, espaço e objeto, pois à medida que se apresenta o vocábulo através da fala e escrita também podem ser visualizados contornos feitos nesses elementos que fluem igualmente, formando uma circunferência, característica principal desse vocábulo, de modo que isso é confirmado com a forma texto ao trazer conceitos, sinônimos e exemplificações de uso. Ainda que tenha se utilizado de um som, não foi encontrado uma relação que pudesse trazer um significado para essa entrada.

## 5.8 Vídeo-verbete da entrada *ball* (bola)

No verbete em vídeo da entrada *ball* (bola) que é associado à categoria *sports and games* (esportes e jogos), o significado é comunicado através das formas texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala. Na Figura 22, encontra-se o *link* para acesso do verbete em vídeo completo, em que são melhor visualizadas as formas audíveis, as várias imagens usadas para exemplificar o verbete, bem como o movimento de transposição entre formas no momento de sua prática. Em seguida, há alguns *frames* para ilustrar alguns momentos importantes para análise e sumarização do significado comunicado e, por fim, a definição e exemplificação do vocábulo através da forma texto.

**Figura 22 - *Ball* / Vidtionary: A Video Dictionary.**



**Definition:** A spherical object of any material or size used to play with, as by throwing, knocking, kicking.

**Part of Speech:** noun

**Example Sentences:**

- 1 - The soccer player kicked the ball into the goal.
- 2 - The baseball player hit the ball out of the park.
- 3 - A ping pong ball is made of plastic.

**Fonte:** adaptado do *site vidtionary.com*.

Primeiramente, sobre a forma texto, têm-se três seções que vão compor o significado da entrada *ball*. A primeira é a definição que explica que o verbete *ball* se trata de um objeto esférico que pode ser de qualquer material ou tamanho, e ainda acrescenta que esse objeto pode ser usado para brincar, arremessar, bater e chutar. A segunda é a classificação gramatical que estabelece a palavra como sendo um substantivo, e a terceira são sentenças usadas para exemplificar os usos do objeto. O primeiro “O jogador chutou a bola no gol”, a segunda frase “O jogador de baseball jogou a bola para fora do parque” e o terceiro “Uma bola de pingue-pongue é feita de plástico”. Nesses exemplos demonstram que o uso do objeto é de forma ativa, também traz características sobre diferentes esportes que usam de diferentes bolas que podem diferir quanto ao seu material, como exposto no último exemplo.

Partindo para o verbete em vídeo, inicialmente, ele comunica o significado através das formas imagem, objeto, som e texto. Nos cinco primeiros segundos, são apresentadas imagens de diversos tipos de um objeto que compartilha um aspecto em comum, o fato de todos terem a mesma forma. Essa característica define esse vocábulo de modo que podemos inferir que há uma variação de tamanhos e usos para essa entrada com um traço semelhante, o fato de serem corpos redondos. A alta velocidade com a qual as imagens são apresentadas revela peculiaridades desse vocábulo, por exemplo, quanto ao seu formato, porém dificulta a identificação dos diferentes tipos desse objeto. No entanto, uma função desse dicionário em vídeo é poder alterar a velocidade com que o usuário irá assistir, variando de 0.5x/s até 2x/s. Com essa funcionalidade, foi possível a identificação de treze tipos de bolas, entre elas, de basquete, praia, futebol, de boliche, novelo de lã, entre outras, no curto tempo de cinco segundos. Ainda nesse momento, à medida que as bolas foram sendo expostas, também pode ser visualizada a forma escrita *ball*, uma sobre a outra.

Sobre a forma de significado som, essa modalidade é apresentada desde o início do verbete, trazendo informações que agregam significado para o local de uso desse vocábulo. Alguns dos sons reproduzidos reconhecidos pela pesquisadora são a bola sendo quicada em quadra, uma tacada em uma mesa de sinuca, sons do barulho reproduzido por um tênis ao parar rapidamente em uma quadra, um *strike* em uma pista de boliche, bem como outros sons, a depender do sentido do espectador.

Logo em seguida, aos seis segundos de início do vídeo, as formas semióticas, fala e escrita juntam-se às imagens do verbete para integrar um movimento de transposição do significado entre esses modos. Surge então um contorno da escrita *ball* cujo preenchimento é feito com os mesmos elementos que foram usados anteriormente para exemplificar o vocábulo visualmente, trazendo uma repetição de informações sobre seus tipos, cores e tamanhos. Nesse

instante, há um movimento de troca entre a escrita e a figura, pois em um dado momento a palavra é mais aparente e em outro as figuras tomam o centro da tela. Concomitante a esse movimento, o significado também é proferido pela pronúncia do vocábulo /ba:l/.

Finalmente, nos últimos dez segundos do verbete em vídeo, três situações de uso real dessa palavra são exibidas, revelando o objeto em prática. Na primeira situação, o espaço é um parque aquático, onde um golfinho brinca com a bola, a segunda é um campo em que pessoas jogam futebol e a terceira é um esportista praticando o esporte tênis. Nesses três momentos, a palavra escrita *ball* encontra-se no mesmo lugar do objeto em si e realiza igual movimento junto ao objeto quando é jogado pelo golfinho ou pelo tenista e quando chutado no campo de futebol.

No que se refere à forma corpo, o significado vai se caracterizando a partir dos movimentos executados pelos jogadores, mas ainda que não se extraia o significado completo e fique a depender do sentido do usuário, esse meio semiótico agirá como um fator que agregará alguns aspectos do objeto na definição. A forma corpo através do golfinho e dos jogadores revelam diferentes formas de uso desse verbete e esportes que compartilham de uma bola com diferentes características para a sua execução.

Assim, vale ressaltar que durante toda a definição, tanto a que está em texto como a que foi reproduzida através do vídeo, o significado vai sendo comunicado repetidamente, pois se trata do mesmo conceito e das mesmas características de um mesmo objeto, ou seja, o que foi dito na definição e na exemplificação em texto, também foi repassado através de outras formas semióticas durante o vídeo. Definir a entrada *ball* como um objeto esférico leva o significado para além dos esportes em que normalmente são relacionados a uma bola, mas como mostrado na figura, pode existir ainda uma bola de lã, ou seja, qualquer objeto esférico, ainda que tenham objetivos diversos, será considerado o conceito para bola.

Nos vinte e um segundos do vídeo verbete foi observado o significado mudando entre formas semióticas, bem como sendo comunicado em mais de uma forma simultaneamente. No Quadro 14, podem ser observadas a sumarização dos elementos que integram esse verbete em vídeo, mostrando como eles atuam nas formas semióticas presentes para significar na função referência e seus processos.

**Quadro 14** - Sumarização da análise do verbete da entrada *Ball* (bola) com base na função referência e seus processos.

Formas	Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Corpo - Som – Fala						
Função: Referência e seus processos							
<b>Instanciação</b>	Ball	Bola	Espaços de uso da bola	Bola de futebol, ping pong, boliche, entre outras	Esportista	Som de jogo em quadra	/ba:l/
<b>Conceituação</b>	A spherical object	Diversos tipos de bolas	Campo; parque aquático	Bola	Esportista	Som em repetição jogando bola	
<b>Ausência</b>	Qualquer outro formato	outros formatos					
<b>Entidade</b>	Ball; Ping pong ball	único formato	Quadra; Campo	Bola de lã			
<b>Ação</b>	throwing, knocking, kicking hit	A bola sendo arremessada, chutada, jogada	Espaço aberto para jogar bola	Bolas usadas em esportes	Ação de jogar bola	Sons da bola em uso em uma quadra	
<b>Qualidade</b>	Spherical; Made of plastic; Any material or size	Forma redonda;	Material: qualquer tipo	Formato Redondo		Som da bola batendo no chão	
<b>Quantidade</b>							

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

Assim, as formas de significado texto, imagem e objeto são mais claras e foram usadas de maneira mais detalhada para a explanação da palavra, ao passo que as formas espaço e som contribuem para a adição de informações de uso do verbete, pois a forma som e fala ficam à mercê do conhecimento do usuário, em que para a primeira o espectador precisa saber sobre a atividade prática de esportes com bola para então reconhecer os sons que foram reproduzidos; e sobre a segunda, é necessário puxar para um reconhecimento do uso do vocábulo com algumas palavras do nosso vocabulário da língua portuguesa, como o esporte *handball*, que leva a mesma terminação, e então fazer uma relação, produzindo sentido e, conseqüentemente, aquisição do significado.

### 5.9 Vídeo-verbete da entrada *airplane* (avião)

O verbete em vídeo da entrada *airplane* (avião) pertencente à categoria de *transportation* (meios de transporte) do nosso vídeo dicionário *vidtionary.com*, e comunica significado através das sete formas semióticas da gramática de transposição de Cope e Kalantzis (2020). Na Figura 23, encontram-se o *link* para a página onde pode ser visualizado o verbete em formas e transposições, alguns *frames* que foram feitos a partir do vídeo, mostrando momentos para a composição do significado, e abaixo a forma texto definindo e exemplificando o vocábulo.

**Figura 23 - *Airplane / Vidtionary: A Video Dictionary.***



**Definition:** A vehicle with wings powered by an engine that is able to be flown. It is a common mode of transportation to distant destinations.

**Part of Speech:** noun

**Example Sentences:**

- 1 - The airplane flies above the clouds.
- 2 - The Wright Brothers invented the airplane.
- 3 - Airplanes take off and land at an airport.

**Fonte:** Adaptado do *site vidtionary.com*.



Sobre a forma texto, esse vídeo dicionário traz três seções para definir o vocábulo. A primeira é a definição que, em tradução nossa, traz essa palavra como sendo “Um veículo com asas movido por um motor capaz de voar. É um meio de transporte comum para destinos distantes”. O segundo aspecto é a classificação gramatical de ser um substantivo, e a terceira seção são três exemplos “O avião voa acima das nuvens”, “Os irmãos Wright inventaram o avião”, e “Os aviões decolam e pousam em um aeroporto”. Nessas sentenças, encontram-se características próprias do objeto que serão verificadas a partir das outras formas semióticas no verbete em vídeo.

Inicialmente, no verbete em vídeo da entrada *airplane* a forma imagem se manifesta através de um desenho de um avião que vai sendo construído em um fundo azul, imitando um dia de um céu limpo, e ao término do traçado a gravura em questão realiza um movimento de voo, ao mesmo tempo que a forma som entra em cena, produzindo um significado aural que pode ativar um conhecimento sobre seus usuários desse meio transporte.

Em seguida, um *layout* com diversas figuras desse objeto vai sendo exibido, integrando as formas texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala. Nesse instante, são reveladas mais características do que o conceito do vocábulo. Nesse carrossel de imagens, é possível perceber partes que compõem o objeto, meios para os quais é usado, como é conduzido, diferentes tipos e tamanhos, evolução tecnológica e até como pode ser usado como um brinquedo para crianças ao se fazer um origami.

Nos cinco últimos segundos desse vídeo verbete dos quinze totais, a forma som manifesta-se de maneira mais expressiva, ativando uma memória sonora do espectador, pois mesmo quando não se está olhando para a tela, ou mesmo vendo fotos desse objeto, a modalidade aural atuará de forma decisiva para a compreensão dessa palavra. Ademais, ainda nesse instante, a transposição vai ocorrendo com a forma texto no momento em que a palavra vai sendo escrita com o rastro de nuvem deixado pelo avião e a palavra também vai sendo pronunciada /er.pleɪn/ novamente.

Em seguida, no Quadro 15 foi realizada uma sumarização dos elementos que integram o vídeo verbete, levando em consideração suas manifestações como formas semióticas na função referência e seus processos para a composição do significado e construção do verbete em vídeo. Também observamos como os elementos integrantes desse verbete atuam no processo de significação do vocábulo.

**Quadro 15** - Sumarização da análise do verbete da entrada *airplane* (avião) com base na função referência e seus processos.

Formas	Texto – Imagem – Espaço – Objeto – Corpo - Som – Fala						
Função: Referência e seus processos							
<b>Instanciação</b>	Airplane	Imagem do avião; Avião de papel	Aeroporto ; Céu;	O avião em si	Criança brincando com o avião de papel	Sons que representam o avião	/ˈer.pleɪn/
<b>Conceituação</b>	Vehicle	Desenho do avião	Céu; aeroporto;	O avião e os diferentes tipos		Repetição do som do avião	
<b>Ausência</b>							
<b>Entidade</b>	Mode of Transportation	Passageiro em um avião	Aéreo	Partes do avião			Nomeando o objeto
<b>Ação</b>	Powered ; Flies; Take off; Land	O movimento de voo e decolagem do avião;	Fluxos de movimento do avião no céu;	Movimento de uso do avião	A maneira que a criança realiza o movimento de voo com o avião de papel	Sons de movimento do avião	
<b>Qualidade</b>	Common vehicle;	Imagens de diferentes tipos de avião	Formato e extensão do avião	Dimensão, volume e peso do avião			Ênfase fônica do vocábulo
<b>Quantidade</b>			Área de voo				

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O verbete em vídeo da entrada *airplane* manifesta-se principalmente através das formas texto, imagem e som, que trazem características detalhadas sobre esse objeto. Assim, podemos observar a instanciação em um movimento de transposição do significado, enquanto que as outras atuam com informações complementares para a composição do significado nesse verbete. Portanto, a forma som, ao lado da imagem, são as mais explicadas nesse verbete, pois ainda que nunca se tenha andado em um avião, o som traz um sentido forte por ser comum em todo o mundo, como a própria definição fala de ser um transporte comum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da tecnologia digital, a integração de várias formas de comunicação se tornou comum na contemporaneidade, atingindo diretamente o âmbito educacional, principalmente no que tange o processo de aquisição de uma língua, o que exige uma inesgotável recorrência a materiais lexicográficos que contribuam para a aprendizagem. O caminho para esse acesso tem sido cada vez mais facilitado pela tecnologia digital, que ao mesmo tempo que exige de teóricos uma reformulação dos estudos a respeito da produção desses materiais lexicográficos, preocupa-se também com a recepção do conteúdo por seus usuários na era da comunicação digital e multimodal, a partir de diversas formas.

Nesse ambiente multifacetado dos dicionários digitais, os eventos de letramento se recriam a toda atualização e novos processos de aprendizagem e construção de significado vêm à tona, de maneira que terão uma consequência no desenvolvimento de habilidades e competências de seus usuários. O letramento no ambiente virtual se torna uma prática abrangente e aquele que está imerso tem a necessidade de conhecer as práticas letradas em aplicações desse domínio tecnológico, para então desenvolver a compreensão, interpretação e uso desse tipo de obra lexicográfica para a realização das mais diversas proposições que ele participa dentro de sua utilização.

Nas últimas décadas, os dicionários, principalmente, os digitais e *online*, têm se modificado quanto às suas formas de representar e comunicar significado. Em sites e aplicativos de dicionários, a composição dos verbetes se dá a partir de várias mídias, como o áudio, imagens dinâmicas, vídeos, entre outras. A partir da integração de diversos modos, estabelece-se a construção do significado multimodal, fenômeno amplamente visualizado na comunicação. Interessadas nesse fenômeno, debruçamo-nos a estudar a multimodalidade em um dicionário *online* monolíngue de língua inglesa, *vidtionary.com*, a fim de descrevermos e analisarmos as formas de significado nas representações dos seus verbetes multimodais.

No percurso teórico desta pesquisa, primeiramente, voltamos aos estudos do dicionário de modo não-impreso e, com isso, identificamos uma lacuna sobre os estudos lexicográficos no ambiente digital e *online*, visto que há muitas mudanças decorrentes da evolução tecnológica digital que traz diversas possibilidades para esses novos modos de dicionários. Na segunda parte, dialogamos com os estudos do letramento digital e as funcionalidades do dicionário *online* e destacamos a importância de conhecer e conviver com essas práticas letradas para que se absorva o que essa obra lexicográfica educacional tenha a oferecer. E, por fim, versamos sobre as múltiplas formas de representar e comunicar significado com a teoria da gramática de

transposição de Cope e Kalantzis (2020), cujos estudos sobre as formas de significado e função do significado tomamos como base para análise dos verbetes multimodais. A primeira se trata das sete formas usadas para a comunicação humana, texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala; e na segunda nos limitamos à função referência que trata sobre o conteúdo da mensagem.

Embasados nessa teoria, tivemos como objetivo geral elucidar as formas de representação nas definições dos verbetes multimodais no vídeo-dicionário *online* de língua inglesa *vidtionary.com*, para a construção de significado. E, como objetivos específicos, propusemo-nos a: a) Identificar as formas de significado presentes nos verbetes; b) Descrever a representação das formas presente nos verbetes multimodais com base na função referência; e c) Expor sinteticamente como as formas de significado se integram para significar nos verbetes multimodais.

A escolha do nosso objeto de estudo se deu por esse dicionário apresentar grandes diferenças e maiores possibilidades de uso entre os modos convencionais. Este que, por estar no ambiente virtual, traz várias funções para seus usuários, dentre elas o fato de escolhermos a velocidade com a qual se assiste ao vídeo-verbete. Outro ponto positivo e principal para a nossa pesquisa é o fato dele agregar diversas modalidades semióticas na composição de seus verbetes. Porém, observamos como ponto negativo o fato dele contar ainda com a definição de poucos vocábulos, que na última atualização e contagem que fizemos resultou em 1570 verbetes.

Quanto à nossa análise, nosso *corpus* foi composto por nove verbetes em vídeo e observamos quase que majoritariamente as sete formas de significado que fazem parte da composição de cada verbete. Os elementos podem ser encontrados através de texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala para definir um vocábulo, efetivando, assim, o processo de transposição do significado, ou as formas podem estar em um processo de complementaridade dentro da definição. Ou seja, uma forma pode não significar o sentido completo, mas ela servirá de suporte para as outras formas, seja por agregar informações sobre o vocábulo ou para ajudar na significação.

Assim, o fenômeno da multimodalidade se faz presente em todo o *corpus* analisado por meio da multiplicidade de semioses presentes nos verbetes em vídeo. Os resultados evidenciam que, através dessa integração de elementos das mais diversas formas semióticas, foi possível tirar conclusões sobre o conteúdo que está presente na mensagem, isto é, compreender a palavra. Com isso, constatamos, com base nas nossas análises, que ao definir utilizando mais formas semióticas é possível, através do alcance de diferentes dimensões do usuário, aproveitar-se de seus conhecimentos para construir o significado proposto pelo produtor do verbete multimodal e, assim, proporcionar a aquisição da palavra.

Por se tratar de um dicionário monolíngue de língua inglesa, na minha visão como professora de língua inglesa não-nativa, algumas formas de significado, principalmente os visuais, ajudam numa compreensão mais facilitada do vocábulo. Porém, nesta pesquisa, estudamos a perspectiva multimodal e o reconhecimento de formas semióticas em uma ferramenta pedagógica, portanto, não abordamos questões de tradução, comparação entre línguas ou o ensino de língua inglesa. Nesse ponto, sugerimos como continuação e abrangência desta investigação, uma pesquisa didática com estudantes de língua inglesa como segunda língua, como forma de se verificar se essa combinação multimodal pode contribuir para a compreensão do vocábulo, além de verificar se essa ferramenta poderia tornar a aula de aquisição de vocabulário de língua inglesa mais inclusiva, visto que traz diferentes formas comunicacionais.

Além dos conceitos teóricos apresentados, propiciamos um encontro entre a aprendizagem e a tecnologia de ensino perante essas transformações no campo da multimodalidade, letramento e lexicografia *online*, no sentido de contribuir também com a prática educacional de professores e educadores para que ofereçam uma ação diferenciada e transformadora em seus contextos de aprendizagem. Assim, levando em conta as teorias citadas, nossa pesquisa se torna relevante em sua forma prática para estudantes, professores e futuros pesquisadores da análise multimodal e do letramento de obras lexicográficas em páginas da *internet* que buscam conhecimento a partir da integração das formas de representação e comunicação como um meio de potencializar a maneira de definição dos verbetes multimodais em dicionário *online*.

## REFERÊNCIAS

- ADAMSKA-SALACIAK, Arleta. Examining Equivalence. **International Journal Of Lexicography**, [s. l], v. 23, n. 4, p. 387-409, 2010.
- ATKINS, Beryl T. Sue. Bilingual dictionaries: Past, present and future. **Euralex '96 Proceedings**. Part II. Göteborg University, Department of Swedish. p. 515-546, 1996.
- ATKINS, Beryl T. Sue; RUNDELL, Michael. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. Oxford. New York: Oxford University Press, 2008.
- BEZEMER, J.; KRESS, G. Writing in multimodal texts: a social semiotic account of designs for learning. **Written Communication**, v. 25, n. 2, p. 166-195, April, 2008.
- COPE, B; KALANTZIS, M. **Making sense**: reference, agency and structure of Multimodal Meaning. Cambridge Uk: Cambridge Univeristy Press, 2020.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**. Disponível em: <http://newlearningonline.com/multiliteracies>. Acesso em: 03 ago. 2021
- DASH, Niladri Sekhar. **Digital Dictionary**: A Phoenix in Lexicographic Metamorphosis. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323445151>. Acesso em: 30 maio 2022.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- DODD, W. S. **Lexicomputing and the Dictionary of the Future**. James G. (Ed.), p. 83-93, 1989.
- DUARTE, Eduarda. **Análise multimodal das definições imagéticas e de sua relação com o texto verbal na microestrutura do dicionário visual Merriam-webster**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.
- DUARTE, E.; PONTES, Antônio. A metafunção composicional nas páginas do dicionário online merriam-webster. **E-Scrita**, Nilópolis, v. 4, n. 2, 2013.
- FECHINE, Lorena Américo Ribeiro. **O metadiscorso multimodal de dois dicionários de aprendizagem monolíngues de Língua Inglesa**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- GEE, J. P. New times and new literacies: Themes for a changing world. In: BALL, A. F.; FREEMAN, S. W. (Eds.). **Bakhtinian Perspectives on Language, Literacy, and Learning**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004. p. 279-306.

GNL (Grupo de Nova Londres). **A Pedagogy of multiliteracies**: Designing Social Futures (Cazden, Courtney; Cope, Bill; Fairclough, Norman; Gee, Jim; et al.). Harvard Educational Review. Spring, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HAMILTON, M. Sustainable literacies and the Ecology of Lifelong learning. In: HARRISON, R. R. F., HANSON, A.; CLARKE, J. (Orgs.). **Supporting lifelong learning**. Volume 1. Perspective on learning. Londres-Nova York: Routledge – Open University Press, 2002. p. 176-187.

HALLIDAY, M. A. K. **The Language of Science, The Collected Works of M.A.K. Halliday**. Volume 5, edited by J.J. Webster. London, UK: Continuum, 2004.

HALLIDAY, M. A. K., & HASAN, R. **Cohesion in English**. **English Language Series**. London: Longman, 1976.

JEWITT. Carey. **The Routledge handbook of multimodal analysis**. London: Routledge, 2010.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; CHAN, E.; DALLEY-TRIM, L. **Literacies**. Melbourne: Cambridge University Press, 2016.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. New York: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: A social Semiotic Approach to Contemporary Communication. London: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. London, New York: Routledge, 2021.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New Literacies**: Everyday practices and social learning. 3. ed. Londres: Open University Press, 2011.

LAUFER, B; HILL, M. What Lexical Information Do L2 Learners Select in a Call Dictionary and How Does it Affect Word Retention? **Language Learning & Technology**, [s. l], v. 3, n. 2, p. 58-76, 2000.

LEW, Robert. Multimodal Lexicography: the representation of meaning in electronic dictionaries. **Lexikos**, v. 20, p. 290-306, 2011.

LEW, Robert. Online Dictionary Skills. **Elex.**, p. 16-31, 2013.

LEW, Robert; SCHRYVER, Gilles-Maurice de. Dictionary Users in the Digital Revolution. **International Journal Of Lexicography**, v. 27, p. 341-359, 2014.

LIU, X. Multimodal Exemplification: The Expansion of Meaning in Electronic Dictionaries. **Lexikos**, v. 27, 287-308, 2017.

- LIU, X. Multimodal Definition: The Multiplication of meaning in Electronic Dictionaries. **Lexikos**, v. 25, 210-232, 2015.
- MARTIN, A. Digital literacy and the 'digital society'. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Eds.). **Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices**. New York: Peter Lang, 2008. p. 151-176.
- MERRIAM-WEBSTER.COM. **Merriam-Webster Dictionary**. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael; SALDAÑA, Johnny. **Qualitative Data Analysis A Methods Sourcebook**. 3. ed. Arizona State University. California: Sage Publications, 2014.
- NASCIMENTO, Francisco Iaci do. **Lexicografia e semiótica social: uma análise da representação, da composição visual e das relações texto-imagem nos dicionários escolares tipo 2**. 2018. 393 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
- NESI, Hilary. The Use and Abuse of EFL Dictionaries. **Lexicographica**. Series Maior 98. Tübingen: Max Niemeyer, 2000a.
- OLIVEIRA, Anielle Souza de. **Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues: estudo metalexigráfico da variação em perspectiva dialetal e histórica**. 2017. 352 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- OOI, V. B. Y. **Computer Corpus Lexicography**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- OXFORD. **Languages**. Disponível em: <https://bitly.com/vMHGoP>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, Mídias, Linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.
- ROJO, Roxane. **LETRAMENTOS MÚLTIPLOS, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.
- SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORI, I. **(Re)discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.
- SANTOS, Thaísa Maria Rocha. **Imagens que falam: análise dos recursos semióticos em verbetes de dois dicionários infantis**. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- SIRAZOVA, Lilia Saimovna. Multimodal representation of meaning in merriam-webster online dictionaries. **Applied Linguistics Research Journal**, [S.L.], v. 8, n. 4, p. 47-53, dez. 2020. Kare Publishing. <http://dx.doi.org/10.14744/alrj.2020.05945>.



SCHRYVER, Gilles-Maurice de *et al.* Lexicographer's dreams in the electronic-dictionary age. **International Journal Of Lexicography**, [s. l], v. 16, n. 2, p. 143-199, 2003.

SILVA, Valdirene Rover de Jesus. Letramento digital, leitura de hipertextos: o e-mail como uma possibilidade pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Simbiótica**, v. 4 n. 1, p. 46-73, jan.-jun., 2017.

SOARES, Magda, **Letramento: Um tema em três gêneros**. Autora: editor autêntica, 2ª edição Belo Horizonte, 2006. 128 pág.

SVÉNSEN, B. **A Handbook of Lexicography: the theory and practice of dictionary-making**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

VIDTIONARY.COM. **Vidtionary**. Disponível em: <http://www.vidtionary.com/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

VISUALDICTIONARY.COM. **Visual Dictionary Online**. Disponível em: <http://www.visualdictionary.com/>. Acesso em: 22 jun. 2022.